

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

THAIS NUNES XAVIER DOS SANTOS

**O ENSINO REFLEXIVO DA ORTOGRAFIA À LUZ DA
SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL**

Uberlândia/MG

2019

THAIS NUNES XAVIER DOS SANTOS

**O ENSINO REFLEXIVO DA ORTOGRAFIA À LUZ DA
SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Letras – Proletras, da
Universidade Federal de Uberlândia, para obtenção do
título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linguagens e Letramentos

Linha de Pesquisa: Teorias da linguagem e ensino

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marlúcia Maria Alves

Uberlândia/MG

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S237e
2019

Santos, Thais Nunes Xavier dos, 1987-
O ensino reflexivo da ortografia à luz da sociolinguística
educacional [recurso eletrônico] / Thais Nunes Xavier dos Santos. –
2019.

Orientadora: Marlúcia Maria Alves.
Dissertação (metrado profissional) – Universidade Federal de
Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Letras (PROFLETRAS).
Modo de acesso: Internet
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.637>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Linguística. 2. Sociolinguística. 3. Língua Portuguesa – Ortografia
- Estudo e ensino. 4. Língua portuguesa – Ortografia. I. Alves, Marlúcia
Maria, 1970- (Orient.) II. Universidade Federal de Uberlândia.
Programa de Pós-graduação em Letras (PROFLETRAS). III. Título.

CDU: 801

THAIS NUNES XAVIER DOS SANTOS

**O ENSINO REFLEXIVO DA ORTOGRAFIA À LUZ DA
SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Letras – Proletras, da
Universidade Federal de Uberlândia, para obtenção do
título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linguagens e Letramentos

Uberlândia, 28 de fevereiro de 2019.

Prof.^a Dr.^a Marlúcia Maria Alves – UFU/MG – Orientadora

Prof.^a Dr.^a Talita de Cássia Marine – UFU/MG

Prof.^a Dr.^a Walleska Bernardino Silva – ESEBA/UFU

Uberlândia/MG

2019

À minha mãe, ao meu esposo e à minha família, por tudo que representam para mim, e aos meus filhos, pelo amor incondicional...

dedico este trabalho!

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida;

Aos meus pais, José Humberto e Maria de Fátima, por todo cuidado, amor e carinho em minha criação, e por todos os ensinamentos de vida;

Ao meu esposo, Wander, por me encorajar a ser o que eu quiser ser e por estar ao meu lado em qualquer circunstância da vida;

À minha orientadora, Marlúcia, pela paciência, pela confiança e pelo aprendizado tão significativo para mim;

Aos meus sogros, Sandra e Eli, que cuidaram e cuidam tão bem do meu mais valioso bem: meus filhos;

Aos meus filhos amados, Maria Clara e José Augusto, por serem a minha alegria e motivação todos os dias e por compreenderem a importância dos estudos para mim;

Aos meus professores do Profletras - UFU, por tantos momentos de aprendizado e partilha;

À minha diretora, Valéria, pelo incentivo e compreensão durante o período do mestrado;

Aos meus familiares, por acreditarem em mim e comemorarem junto comigo as minhas conquistas;

Aos meus colegas da Turma IV – Profletras UFU – pela amizade, companheirismo e ajuda;

Aos meus alunos queridos, por colaborarem para a realização deste trabalho;

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudos;

Às professoras convidadas para compor a banca de defesa desta dissertação, Prof.^a Dr.^a Talita e Prof.^a Dr.^a Walleska, pelas contribuições que enriqueceram este trabalho;

A todos: a minha GRATIDÃO!

RESUMO

A presente pesquisa tem como objeto de estudo o ensino da ortografia em uma perspectiva orientada pela Sociolinguística Educacional. A partir da observação das dificuldades que os alunos apresentam na escrita relacionadas à ortografia e ao preconceito linguístico, tornou-se necessário desenvolver uma intervenção didática que amenizasse os problemas encontrados. É comum presenciar desvios de escrita nos textos dos alunos que dizem respeito à acentuação de palavras, trocas de letras e a dificuldade em utilizar a língua em suas variedades, reconhecendo a especificidade do gênero em foco. A ortografia, compreendida como uma convenção social, a qual não está sujeita à variação, apresenta-se de variadas maneiras, principalmente nos gêneros digitais aos quais a maioria dos alunos está conectada na maior parte do tempo. É importante ressaltar que a ortografia quando não está de acordo com a norma culta, pode implicar em uma série de consequências relacionadas ao preconceito linguístico. Tomando o livro didático como orientador do trabalho do professor em sala de aula, pautado nos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), o ensino da ortografia não é apresentado de forma reflexiva e não contempla a variação linguística e ortográfica. Observa-se, assim, um problema já que, segundo os PCN, o ensino de Língua Portuguesa deve ser pautado nos gêneros textuais, observando-se suas especificidades, como estilo, conteúdo e estrutura composicional. Na busca de amenizar os problemas relacionados ao preconceito linguístico e ao conceito de “erro de português”, a pesquisa aborda estratégias de ensino da ortografia a partir dessas dificuldades na escrita, fundamentadas em uma proposta de trabalho que valoriza a variação linguística, bem como os usos reais da língua, conforme a Sociolinguística Educacional (BORTONI-RICARDO, 2004). Assim, o objetivo geral desta pesquisa é elaborar uma intervenção didática centrada no ensino de ortografia da Língua Portuguesa por meio de reflexão e análise linguística, seguindo os preceitos da Sociolinguística Educacional. Para tanto, foram desenvolvidas oficinas como método de trabalho com temas variados, relacionados ao ensino reflexivo da ortografia e aplicadas em uma turma de oitavo ano de ensino fundamental. As oficinas foram elaboradas a partir da análise da língua escrita no meio digital, como em mensagens de WhatsApp e comentários do Facebook, que pode se dar formal ou informalmente. O estudo descreve a aplicação da intervenção em sala de aula, mostrando que, de fato, a discussão sobre a variação linguística e o que leva ao preconceito linguístico é essencial para o progresso dos estudos e que a ortografia é um conteúdo relevante, que deve ser ensinado em todos os anos escolares, capaz de promover análises muito produtivas, despertando o pensamento crítico com relação aos usos da língua.

Palavras-chave: Ortografia; Sociolinguística Educacional; Preconceito linguístico; Ensino de ortografia.

ABSTRACT

The present study has as object of study the teaching of orthography in a perspective guided by Educational Sociolinguistics. From the observation of the difficulties that students present in writing related to spelling and linguistic prejudice, it became necessary to develop a didactic intervention that softened the problems encountered. It is common to witness writing deviations in students' texts that relate to accentuation of words, exchanges of letters and difficulty in using the language in its varieties, recognizing the specificity of the genre in focus. Spelling, understood as a social convention, which is not subject to variation, occurs in a variety of ways, especially in the digital genres to which most students are connected most of the time. It is important to emphasize that spelling when not in accordance with the cultured norm may imply a series of consequences related to linguistic prejudice. Taking the didactic textbook as a guideline of the work of the teacher in the classroom, based on the National Curriculum Parameters, the teaching of spelling is not presented in a reflexive way and does not contemplate the linguistic and orthographic variation. Thus, according to the NCPs, Portuguese language teaching must be based on textual genres, observing its specificities such as style, content and compositional structure. In the search to soften the problems related to linguistic prejudice and to the concept of "Portuguese error", the research approaches strategies of teaching of spelling from these difficulties in writing, based on a proposal of work that values the linguistic variation, as well as the real uses of the language, according to Educational Sociolinguistics (BORTONI-RICARDO, 2004). Thus, the general objective of this research is to elaborate a didactic intervention centered on the teaching of orthography of the Portuguese Language through reflection and linguistic analysis, following the precepts of Educational Sociolinguistics. For that, workshops were developed as a method of work with varied themes, related to reflective teaching of spelling and applied in an eighth grade class. The workshops were elaborated from the analysis of the written language in the digital medium, as in WhatsApp messages and Facebook comments, which can be given formally or informally. The study describes the application of classroom intervention, showing that, in fact, the discussion about linguistic variation and what leads to linguistic prejudice is essential for the progress of studies and that spelling is a relevant content, which should be taught in all school years, capable of promoting very productive analyzes, awakening critical thinking about the uses of language.

Keyword: Orthography, Educational Sociolinguistics; Linguistic prejudice; spelling teaching.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Contínuo de Monitoração Estilística	37
Figura 2: Conversa 1	63
Figura 3: Slide 1 da Oficina 1	64
Figura 4: Exemplo 1 de produção de texto 1	70
Figura 5: Exemplo 2 de produção de texto 1	70
Figura 6: Exemplo 3 de produção de texto 1	71
Figura 7: Slide 6 da Oficina 2	77
Figura 8: Exemplo 1 de produção de texto 2	78
Figura 9: Slides 12 e 13 da Oficina 2	82
Figura 10: Slides 14 e 15 da Oficina 2	82
Figura 11: Slides 16 e 17 da Oficina 2	83
Figura 12: Slide 20 da Oficina 2	84
Figura 13: Exemplo de Exercícios Ortográficos 1	90
Figura 14: Exemplo de Exercícios Ortográficos 2	91
Figura 15: Exemplo de Exercícios Ortográficos 3	92
Figura 16: Slide 2 Oficina 4	101
Figura 17: Slide 5 da Oficina 4	104
Figura 18: Slide 6 da Oficina 4	104
Figura 19: Slide 7 da Oficina 4	107
Figura 20: Slide 9 da Oficina 4	108
Figura 21: Slide 12 da Oficina 4	109
Figura 22: Slide 13 da Oficina 4	110
Figura 23: Slide 26 da Oficina 4	111
Figura 24: Exemplo 1 de Produção de texto 3	111
Figura 25: Exemplo 2 de Produção de texto 3	112
Figura 26: Exemplo 3 de Produção de texto 3	112
Figura 27: Exemplo 4 de Produção de texto 3	113
Figura 28: Evento 1: Conversas de WhatsApp em grupos de família	122
Figura 29: Evento 2: Conversa de WhatsApp entre mãe e filha	123

Figura 30: Evento 3: Letra de Música	124
Figura 31: Evento 4: Videoaula	125
Figura 32: Evento 5: Propagandas	126
Figura 33: Evento 6: Postagem no Facebook	127
Figura 34: Slide 11 da Oficina 5	129
Figura 35: Slide 20 da Oficina 5	130
Figura 36: Exemplo do Contínuo de Monitoração produzido pelos alunos	132
Figura 37: Roteiro de Falas do Grupo 1	137
Figura 38: Roteiro de Falas do Grupo 7	138
Figura 39: Slide 22 da Oficina 5	139
Figura 40: Exemplos 1 e 2 de parágrafos produzidos	140

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Uma letra representando diferentes sons, segundo a posição	42
Quadro 2: Do som para a letra	43
Quadro 3: Mais de uma letra representando um mesmo fonema	44
Quadro 4: Quadro de atividades 1 – Regras Ortográficas	81
Quadro 5: Quadro de atividades 2 – Exercícios Ortográficos	87
Quadro 6: Quadro de atividades 3 - Exercícios Ortográficos.....	88
Quadro 7: Quadro de atividades 4 – Exercícios Ortográficos	88
Quadro 8: Quadro de atividades 5 – Listas de Palavras	94
Quadro 9: Quadro de atividades 6 – Questões para discussão	95
Quadro 10: Quadro de atividades 7 – Substantivos derivados de verbos	96
Quadro 11: Quadro de atividades 8 – Substantivos derivados de verbos	96
Quadro 12: Quadro de atividades 9 – Listas de Palavras	98
Quadro 13: Quadro de atividades 10 – Mudanças Linguísticas	102
Quadro 14: Quadro de atividades 11 – Mudanças Linguísticas	102
Quadro 15: Quadro de atividades 12 – Mudanças Linguísticas	102
Quadro 16: Quadro de atividades 13 - Questões para discussão	120
Quadro 17: Quadro de atividades 14 – Temas de apresentação por grupo	133
Quadro 18: Quadro de atividades 15 - Questões para discussão	134

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. ENSINO DE ORTOGRAFIA: DO TRADICIONAL PARA O REFLEXIVO	233
2.1 Alfabetização e linguística: contribuições da linguística para o ensino de ortografia ..	233
2.2 Sociolinguística Educacional	344
2.3 Adequação e Variação Ortográfica	399
2.4 O Preconceito Linguístico associado à Ortografia	49
3. METODOLOGIA	52
3.1 Participantes da Pesquisa	54
3.2 Local de Aplicação da Pesquisa	55
3.3 Oficinas	55
4. DESCRIÇÃO DA APLICAÇÃO DA INTERVENÇÃO DIDÁTICA	59
Oficina 1 - Pensando sobre a Língua que Falamos e Escrevemos	59
Oficina 2 – Ortografia	72
Oficina 3 - O jogo Soletrando	93
Oficina 4 - Variação Estilística	100
Oficina 5 – Monitoração Estilística	11313
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	14343
REFERÊNCIAS	14747
APÊNDICE	150

1. INTRODUÇÃO

Falar sobre problemas na educação básica, sobretudo no ensino de Língua Portuguesa¹, e o ato de reclamar da realidade escolar, infelizmente, tornaram-se práticas comuns entre alguns professores. No entanto, os atos de pesquisar e trabalhar em favor daqueles que são os mais importantes nesse cenário – os alunos – e propor medidas inovadoras para a sala de aula, muitas vezes, tornaram-se práticas permeadas por obstáculos, resistência e muitas dificuldades.

Em se tratando do ensino de Língua Portuguesa, há muitos estudos – fundamentados na Sociolinguística, como os representados por Bagno (2007) e Bortoni-Ricardo (2004), por exemplo – que mostram a urgência em mudar as estratégias, a metodologia, os conteúdos e, principalmente a visão preconceituosa dos usos da língua e de seu ensino que está arraigada na sociedade, atingindo pais, professores e alunos.

Um dos conteúdos ensinados nas aulas de Língua Portuguesa que mais causa dificuldade, tanto para os alunos quanto para os professores, é a ortografia. Isso pode ser confirmado, por exemplo, em alguns livros didáticos, destinados ao ensino fundamental II, os quais abordam superficialmente poucas regras ortográficas, apenas apresentando-as sem propor uma análise mais crítica dos usos da língua. Além disso, muitos professores não ensinam a ortografia em sala de aula por acreditar, erroneamente, que os alunos vão aprendendo com o tempo, com as leituras. É perceptível como muitos professores não percebem o quanto o ensino da ortografia pode proporcionar momentos de reflexão sobre a língua muito enriquecedores que transformam o conhecimento.

Infelizmente, o ensino da ortografia é tratado com preconceito por grande parte dos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem e muitas vezes não promove a reflexão sobre os diversos usos da língua, impondo apenas uma forma de se comunicar por meio da língua escrita. Por ser associada a regras, a ortografia, da maneira como tem sido tratada, reforça o preconceito linguístico porque não há reflexão mais crítica com relação à língua escrita e sua relação com a fala, bem como do padrão ortográfico e sua representatividade para a sociedade.

¹ Optamos por utilizar a palavra Língua Portuguesa com as iniciais maiúsculas para dar destaque maior à língua enquanto uma instituição social que define todas as relações sociais entre os indivíduos de uma comunidade. Segundo a concepção laboviana, a língua deve ser considerada como um organismo vivo, heterogêneo, sujeito a variações e mudanças.

Ao observar as atividades diárias na sociedade, a comunicação por meio da internet nos aplicativos, Facebook e WhatsApp², principalmente, tornou-se muito comum. Nesses aplicativos, ocorrem muitas situações de uso da língua que se configuram como mais ou menos formais, evidenciando a variação linguística de acordo com o contexto. Diante disso, durante a pesquisa nos questionamos: Por que não desenvolver uma proposta de ensino e reflexão sobre a língua, partindo de um dos usos mais comuns entre os alunos – a língua escrita nas redes sociais?

A fim de propor uma intervenção didática que, por ora, promova momentos de reflexão sobre a língua e sobre a ortografia, a presente pesquisa será orientada pela temática do estudo reflexivo da ortografia, que em alguns casos pode receber a interferência da fala. Devido à dificuldade de alguns alunos diferenciarem a modalidade falada da língua e a modalidade escrita, podem aparecer nos textos dos alunos de 8º ano do Ensino Fundamental problemas de escrita, como por exemplo: trocas de letras, confusão entre sons e letras, dentre outros problemas que podem ser explicados pelos processos fonológicos³. Observamos ocorrências muito comuns na escrita quando o aluno comete apagamentos diversos, hipossegmentação e hiperssegmentação.

É comum perceber em produções escritas de alguns alunos que a modalidade falada está imbricada na modalidade escrita, resultando em uma imprecisão quando os alunos são solicitados a produzir textos escritos. De fato, a imbricação citada existe e é facilmente percebida quando considerada a circunstância de que a criança já chega à escola dominando a modalidade falada da língua, pois, de acordo com Tarallo (1994, p. 19), a língua falada “é o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face”.

Dessa forma, há uma dificuldade para os professores, por meio das atuais estratégias de ensino, fazer com que seus alunos compreendam as diversas formas de comunicar-se em diferentes situações e contextos e muitos não utilizam a língua e seus mecanismos para uma

² A palavra WhatsApp foi escrita com inicial maiúscula por ser o nome dado ao aplicativo, registrado no site oficial <https://www.whatsapp.com/> Acesso em 31 de março de 2019.

³ Cagliari (2002, p. 99) afirma que “as alterações sonoras que ocorrem nas formas básicas dos morfemas, ao se realizarem foneticamente, são explicadas através de regras que caracterizam processos fonológicos”. O conhecimento sobre os processos fonológicos ajuda o professor identificar possíveis soluções para as dificuldades que os alunos apresentam em termos de escrita ortográfica.

participação mais efetiva na Língua Portuguesa como produtores de textos. Essa incompreensão resulta no preconceito linguístico que também se configura como social, dificultando a comunicação e o convívio em sociedade.

Por isso, os professores se deparam rotineiramente com muitos alunos que não conseguem diferenciar a fala da escrita e, ao escreverem, confundem os sons emitidos pela fala, representando-os de forma equivocada, de acordo com as regras de convenções da escrita, as regras da ortografia, da Língua Portuguesa. Por exemplo, é comum encontrar em textos de alguns alunos palavras grafadas equivocadamente, representando a relação fonema-grafema. As maiores dificuldades de escrita de muitos alunos são com relação às regras ortográficas arbitrárias e as regulares de acordo com o contexto. Uma das consoantes que mais representa dificuldade é a letra **S** – apresentando muitas variações de representação gráfica – palavras com som de **Z**, mas que são escritas com **S**, como em amoroso; palavras com som de **S**, mas que são escritas com **SC**, como em piscina.

Assim, o que se observa, com frequência asseverada, é que as estratégias de ensino utilizadas atualmente não colaboram para a reflexão sobre as práticas sociais estabelecidas por meio da linguagem. Portanto, muitos alunos não desenvolvem a competência comunicativa necessária para um bom desempenho linguístico nas diversas situações das quais eles participam.

Além disso, quando o pensamento de que a língua escrita é a representação fiel da língua falada é o que predomina, muitos problemas relacionados à ortografia podem aparecer. Nas palavras em que o som não corresponde à letra que a palavra é escrita, se os alunos escrevem da forma como falam, provavelmente estarão em desacordo com a ortografia. Por exemplo, as palavras “quente” e “sente”, apresentam a tonicidade na penúltima sílaba. A vogal na sílaba átona é escrita com **e**, mas pronuncia-se **i**.

Há muitos outros sons que também podem causar dúvidas na escrita, pois não apresentam correspondência entre sons e letras, como **o** e **u**, **u** e **i** e as várias representações da letra **s**. Nesse sentido, é importante discutir com os alunos que, apesar de ter particularidades diferentes, a língua escrita é influenciada pela fala e esta relação não se dá de forma dicotômica entre ambas.

Observando a maneira de cada um falar, de fazer leituras em voz alta, e a leitura de textos de diferentes gêneros – músicas, poemas, reportagens – é possível perceber que a

ortografia apresenta tipos de regras diferentes que podem ser regulares, irregulares e arbitrárias (LEMLE, 2002). Essas relações entre as letras e os sons podem ser explicadas por regras específicas como por exemplo, o uso do **m** antes de **p** e **b**, mas podem se dar de forma arbitrária, as quais não são explicadas por regras e relacionam-se com a origem etimológica da palavra.

Com o advento das redes sociais, a escrita na internet tornou-se um fenômeno comum entre os jovens, facilitadora da comunicação, representando agilidade, praticidade e eficácia. Na internet, a comunicação se dá de várias formas, por meio de gêneros diversos, mais ou menos formais. Nas redes sociais, em especial no WhatsApp, a escrita aparece em situações formais e menos formais, muitas vezes distanciando-se da convenção ortográfica da língua.

A dificuldade de grande parte dos alunos está no sentido de que a língua pode se manifestar de formas variadas, em situações comunicativas mais formais e outras menos formais, e muitas vezes alguns usos da língua aparecem inadequados ao contexto comunicativo. Isto significa que há momentos em que as regras ortográficas serão exigidas na escrita e quem está escrevendo precisará ter um cuidado maior com a língua porque será uma exigência do estilo do gênero.

Entretanto, há situações menos formais em que não serão necessários a monitoração e o cuidado com a escrita, conforme o gênero em uso e suas particularidades. O mesmo acontecerá na língua falada, quando o falante usará a língua de muitas maneiras, adequando-se à situação comunicativa, mais ou menos formal.

Em contrapartida, as aulas de Língua Portuguesa, em sua maioria, apresentam aos alunos o sistema ortográfico e de escrita da língua, norteados por regras da gramática normativa, baseadas em situações comunicativas artificiais e descontextualizadas, nas quais os alunos são inseridos de forma equivocada. A exemplo disso, alguns livros didáticos, destinados ao ensino fundamental II, apresentam a seção referente aos aspectos fonéticos e fonológicos da língua relacionados à ortografia muito reduzida e, muitas vezes, descontextualizada, reforçando a ideia de que só há uma forma correta de uso da língua e que as formas que aparecem diferentes do que o padrão gramatical impõe é sempre considerado como “erro”⁴.

Este estudo se justifica pela importância de se trabalhar questões relacionadas ao trato da língua pela sociedade atrelado aos conceitos de certo e errado. A escola deve enfrentar o

⁴ Ao fazer uso da palavra ERRO, optamos por utilizá-la entre aspas, pois trata-se de um estudo que tem por base a Sociolinguística Educacional para elaboração de uma intervenção didática que vise diminuir o preconceito linguístico, ressignificando os conceitos de certo e errado.

preconceito linguístico, ou por ora, problematizá-lo mostrando aos alunos as relações de poder envolvidas nas práticas sociais mediadas pela linguagem.

É relevante que haja na escola, sobretudo nas aulas de Língua Portuguesa, momentos de discussão envolvendo gêneros textuais diversos que admitem variedades linguísticas diferentes daquelas de mais prestígio social. É importante que os alunos percebam que não há uma variedade da língua melhor ou pior que a outra. Elas são equivalentes, porém representam culturas e valores sociais distintos.

O estudo da norma culta, no caso deste estudo da ortografia, é de suma importância para que o aluno não sofra preconceito em determinadas situações comunicativas nas quais esta variedade seja exigida. O que precisa ser mudado é a supervalorização de uma variedade em detrimento de outras. Nesse sentido, é visível a forma com que a maioria dos alunos lida com a língua e a variação linguística: consideram correta apenas aquela que a escola ensina de acordo com os currículos e o material didático. As variedades que eles próprios dominam consideram como formas erradas da Língua Portuguesa.

Partindo do pressuposto de que o livro didático é o grande norteador do trabalho do professor em sala de aula, esse recurso não propõe o ensino reflexivo da ortografia da Língua Portuguesa, já que o grande enfoque do ensino, pautado em um documento de maior instância e abrangência, a saber os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais)⁵, trata-se dos gêneros textuais em uma parcela expressiva.

Segundo esse documento de suma importância para direcionar o ensino de língua materna, a Língua Portuguesa deve ser ensinada partindo do texto como objeto de estudo, abordando os gêneros textuais e suas especificidades, como estilo, conteúdo e estrutura composicional. Ou seja, o ponto de vista macrolinguístico está em evidência na maior parte do tempo durante as aulas, enquanto os aspectos microlinguísticos, formais do texto em si, também relevantes, não recebem a devida atenção necessária para o aprendizado eficaz da Língua Portuguesa, em seus aspectos ortográficos.

Instalou-se nos últimos anos uma atitude de negligência e de preconceito para com o ensino de ortografia. Numa atitude de oposição às propostas tradicionais que não priorizavam a formação de alunos leitores e produtores

⁵ Atualmente, há o documento normativo para as redes de ensino, referência obrigatória para a elaboração dos currículos escolares, denominado BNCC (Base Nacional Comum Curricular), homologada em 20/12/2017. Neste estudo, fazemos referência aos PCN pelo fato de a pesquisa ter iniciado antes da homologação da BNCC.

de textos, alguns professores passaram a adotar uma postura espontaneísta com relação ao ensino-aprendizagem da ortografia, acreditando que os alunos aprenderiam a escrever certo “naturalmente”, através do contato com livros e outros materiais escritos (MORAIS, 2010, p. 31).

O ensino da Língua Portuguesa deve partir dos gêneros, conforme orientação dos PCN, pois a comunicação se dá por meio de gêneros definidos pela situação comunicativa. Os gêneros, por sua natureza, pressupõem a variação já que um de seus componentes, o estilo, é variável. Essa constatação vai de encontro à perspectiva de ensino da língua escrita na escola que, na maioria das vezes, trata essa modalidade como homogênea. A variação é inerente à língua escrita e falada, por isso é possível perceber em diferentes gêneros a variação também na ortografia.

Desconsiderar a variação linguística na escrita não contribui para o aprendizado de língua materna por grande parte dos alunos. Algo não está surtindo efeito desejado no sistema educacional, pois muitos alunos não compreendem grande parte dos conteúdos gramaticais ensinados e não conseguem atribuir sentido no que é ensinado nas aulas de Língua Portuguesa, porque não é priorizado um ensino que contemple a língua em suas manifestações reais de uso pelos sujeitos.

As estratégias de ensino de Língua Portuguesa não têm sido eficazes no que diz respeito ao ensino de produção de texto e à modalidade escrita da língua. É papel da escola ensinar os alunos a utilizar a língua para o seu principal objetivo, que é estabelecer a comunicação adequada a cada tipo de situação na qual o indivíduo esteja envolvido, e ensiná-los a pensar a língua e compreender que para cada situação comunicativa existe um tipo de linguagem ideal, mais formal ou menos formal.

Este estudo fundamenta-se nos preceitos da Sociolinguística Educacional (BORTONI-RICARDO, 2004) que aplica ao ensino os conceitos da Sociolinguística. Para essa linha de estudo, a língua é vista como mutável e variável e deve ser analisada como a mediadora das relações indissociáveis entre a sociedade e o homem. A Sociolinguística possibilita estudar a língua por meio de situações reais de seu uso, em que o indivíduo se reconhece por meio dos fenômenos indicados pelo uso da língua.

A Sociolinguística no âmbito da sala de aula é vista como uma forma de contribuir para o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno, uma vez que leva em consideração a diversidade e a variedade presentes na língua como suas características inerentes. Desse

modo, o aluno é levado a refletir sobre a língua que usa em suas atividades diárias, em situações reais de uso.

A língua escrita precisa ser unificada quanto à escrita ortográfica, pois caso contrário, todos poderiam escrever da forma como quisessem ou entendessem as palavras, considerando tantas variações linguísticas presentes no idioma. Entretanto, a língua está em constante transformação assim como a sociedade, garantindo mudanças na escrita das palavras, inovações na forma de se comunicar e variação, inclusive na ortografia. Por isso, faz-se necessário um estudo reflexivo da ortografia, fundamentado nos preceitos da Sociolinguística Educacional, para mostrar aos alunos os usos reais da língua, em interações sociais em que os gêneros utilizados pelos sujeitos admitem essa variação.

Considerando os preceitos da Sociolinguística Educacional, a relação existente entre língua e sociedade confirma a variação que os gêneros pressupõem em suas estruturas e manifestações linguísticas. Por isso, a relação entre grafemas e fonemas, estabelecida pela ortografia, é também variável, por haver gêneros, principalmente os midiáticos, que comportam a variação ortográfica naturalmente, a depender da variação estilística dos eventos comunicativos.

Caso o ensino não seja fundamentado na Sociolinguística Educacional, a visão de certo e errado, intolerante e preconceituosa, prevalecerá e incapacitará os alunos de desenvolver a criticidade necessária para saber utilizar a língua adequadamente de acordo com a situação comunicativa e o estilo do evento.

Segundo Magda Sorares (2004), o desenvolvimento da consciência fonológica nos alunos e a aprendizagem das relações fonema-grafema e demais convenções de transferência da forma sonora para a forma gráfica tornam-se relevantes para que o aluno reflita sobre a própria língua e perceba a fala como um sistema de sons e a escrita como um sistema de representações desses sons.

Nesse sentido, é necessário que o aluno aprenda sobre as convenções ortográficas e as relações de representação entre fonema-grafema, pois ele será exposto a gêneros diversos os quais exigem que a língua seja monitorada e compreenda o uso das convenções da escrita. No entanto, não se pode desconsiderar os gêneros digitais e os aplicativos de comunicação on line, os quais os alunos mantêm contato frequente – o aplicativo de mensagens WhatsApp e a rede

social Facebook, por exemplo, – que podem demarcar situações de uso de uma linguagem menos monitorada, a qual não exigirá um cuidado tão evidente com as convenções da escrita.

A variação estilística se manifesta de diferentes formas de acordo com as diversas situações vividas no dia a dia. Para um estudo reflexivo da língua, a variação estilística torna-se referência para análise de eventos comunicativos. O estilo, por sua vez, aparece como um condicionador variável do processo de variação linguística e identifica as diferentes formas de dizer e a escolha de uma variante. O estilo está diretamente relacionado à identidade do falante e representa o significado social da variação linguística (HORA, 2014).

A variação estilística está diretamente relacionada às situações cotidianas de interação em que se observa diferentes graus de formalidade, revelando falas ou escritas mais casuais ou mais cuidadas. Nesse viés, o ensino de Língua Portuguesa que considera a variação estilística como forma de análise linguística parte dos eventos comunicativos que acontecem em diferentes domínios sociais os quais os alunos se reconhecem como integrantes. Por exemplo, em práticas sociais como na escola, ou em casa, com papéis sociais como professor e aluno, ou pai e filho, e pelo tópico como esclarecimento de alguma dúvida sobre o conteúdo estudado, o grau de monitoração em cada situação será mais ou menos intenso (GÖRSKI; LEHMKUHL, 2009).

O estilo individual abarca a expressividade dos sujeitos e necessariamente se realiza no interior dos gêneros discursivos. Os sujeitos tendem a compartilhar avaliações sociais mais normativas sobre os usos e escolhas linguísticas quando seu projeto discursivo se realiza através de gêneros vinculados a esferas ideológicas mais formais e estabilizadas. (SEVERO, C. G., *In*: GÖRSKI; LEHMKUHL; SOUZA. 2014. p. 39).

O ensino de Língua Portuguesa que contemple a variação linguística de forma condizente com a realidade das práticas sociais das quais os alunos fazem parte leva em consideração o estilo e a variação estilística, regulada pelas situações mais ou menos formais. Assim, é possível promover uma educação sensível às diferenças que promova o respeito entre as comunidades, entre os falantes e entre as variedades da língua.

O estudo da ortografia que se pretendeu com esta pesquisa objetiva mostrar ao aluno que a língua escrita pode se manifestar de forma mais espontânea ou com maior grau de planejamento, apresentando suas especificidades em relação à fala. Tais especificidades manifestam-se no contexto de uso em que é mais observável o surgimento, por exemplo, de variedades regionais. Na fala também se constata graus de monitoração por parte dos falantes

(BORTONI-RICARDO, 2004). Isto depende do contexto de uso, por exemplo, quando o indivíduo está realizando a apresentação de um trabalho em um determinado gênero textual, ele tende a seguir um grau de monitoração maior do que quando ele está em uma conversa informal com um amigo.

As transformações pelas quais a sociedade vem passando, principalmente as relacionadas ao mundo digital, refletem diretamente na maneira com que as pessoas lidam com a linguagem. Os gêneros digitais estão cada vez mais presentes nas atividades diárias dos trabalhadores, dos alunos, dos professores, da sociedade como um todo. O mundo online trouxe muitas mudanças na forma de comunicação e os gêneros digitais comprovam o caráter elástico da língua que se adapta às características de um determinado gênero.

Um ensino de Língua Portuguesa analisada sob a perspectiva do preconceito linguístico, em que predomina um padrão idealizado de língua correto, geralmente disseminado nas escolas, não é sensível às diferenças e pode estranhar a linguagem encontrada no mundo online. A língua se manifesta de diferentes maneiras, a depender da variação estilística, do gênero digital em questão e evidencia a variação presente na língua escrita e na ortografia.

A maneira de se comunicar no aplicativo WhatsApp, por exemplo, varia conforme a situação comunicativa e mostra como a variação faz parte da língua e se estende até a ortografia que é uma convenção, um conjunto de regras que supostamente não pode ser infringido. O que acontece é que há gêneros, em diferentes situações comunicativas, para os quais a ortografia não é uma exigência no processo comunicativo. Entretanto, isso não tira a importância de saber escrever corretamente, de acordo com a ortografia, pois há situações em que as regras serão exigidas, ou seja, para aquelas situações em que o grau de monitoração for mais alto, o usuário poderá adequar sua maneira de falar ou de escrever.

O ensino reflexivo da ortografia precisa proporcionar momentos de discussão e análise da língua baseados em contextos de uso reais, que demonstram a variação inerente à língua. É importante que os alunos percebam que a variação não é aleatória e que ela acontece atrelada a alguns fatores que condicionam tal variação. Os gêneros digitais são eficientes para demonstrar usos diferenciados da língua de forma mais interativa uma vez que faz parte da rotina dos alunos.

Desta forma, esta pesquisa buscou encontrar estratégias que facilitem o aprendizado da ortografia da Língua Portuguesa, propiciando aos alunos a possibilidade de discernir situações

em que a modalidade escrita e a modalidade falada da língua se adequam a um contexto mais ou menos formal. Este estudo primou por desenvolver estratégias de ensino vinculadas a valores sociais e culturais, visando à formação do sujeito como cidadão dotado de deveres e direitos.

Como afirma Massini-Cagliari (1999), os “erros” cometidos pelos alunos na escrita devem ser encarados como uma forma de reflexão sobre a língua escrita, apresentando os conhecimentos que eles já apresentam, bem como suas dificuldades. Por isso, a proposta de intervenção didática teve como motivação as dificuldades com a língua escrita relacionadas ao seu padrão ortográfico, possibilitando a observação dos níveis de dificuldade dos alunos para, então, intervir com atividades de reflexão linguística.

Para tanto, a pesquisa desenvolvida, pretendeu promover a criação de atividades que abordem as variedades linguísticas e situações reais de uso da língua, envolvendo a prática efetiva da escrita. A partir deste estudo, pretende-se realizar oficinas de produção de texto, orais e escritos, com o intuito de analisar gêneros textuais diversos nos quais os alunos poderão perceber a variação presente na língua escrita. As discussões foram direcionadas por questões, orientadas pelo professor, que promoveram a reflexão sobre a linguagem utilizada nos gêneros analisados.

O exercícios Ortográficos foram baseadas em um caderno de exercícios voltados para o trabalho com algumas regras de ortografia, além dos jogos Palavras Cruzadas, Forca e Soletrando. Esses jogos foram utilizados para trabalhar de forma divertida, lúdica e diferente do método tradicional de ensino que, geralmente, as escolas adotam. A partir dessas atividades ortográficas, pretendeu-se que os alunos reconheçam as formas de aprendizagem da ortografia que envolvem memorização, criação de hipóteses, pesquisa e muita leitura.

Com as reflexões propiciadas pelas oficinas, pretendeu-se proporcionar o contato do aluno com alguns gêneros que abordem diferentes formas de uso da língua escrita e da língua oral a partir da análise de textos e contextos. Dessa forma, o aluno refletiu sobre o preconceito envolvido no uso das variedades da língua, principalmente quando são as variedades que aparecem na escrita, na internet, observando a variação estilística de acordo com o gênero textual.

Os textos escolhidos para as oficinas representam várias formas de uso da língua escrita, bem como usos diversificados da ortografia para mostrar que a variação é um processo natural da língua. Apesar de a ortografia estabelecer um padrão para a língua escrita que diz que todos

devem seguir as regras ortográficas na escrita, há gêneros que não exigem um cuidado tão rigoroso com a convenção ortográfica.

É importante mostrar aos alunos que os diferentes usos da língua não devem ser motivos de julgamentos preconceituosos, como por exemplo, a maneira como se comunicam por meio da língua escrita nas redes sociais. O “internetês”, por vezes distante do padrão ortográfico, é uma variedade da Língua Portuguesa, que se mostra adequado para vários gêneros midiáticos, em situações que não exigem alto grau de monitoração.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa é elaborar uma intervenção didática centrada no ensino de ortografia da Língua Portuguesa por meio de reflexão e análise linguística, seguindo os preceitos da Sociolinguística Educacional.

Lista-se, a seguir, os objetivos específicos almejados com esta pesquisa:

- I. Discutir o que está proposto para o ensino da ortografia nos PCN;
- II. Estudar o uso da ortografia nos meios digitais;
- III. Observar a relação existente entre a ortografia e os gêneros digitais;
- IV. Investigar os preceitos relacionados à Sociolinguística Educacional para fundamentação do estudo;
- V. Conhecer as variedades linguísticas empregadas no contexto digital;
- VI. Problematizar o preconceito existente em relação ao uso da língua em diferentes situações de comunicação, principalmente no meio digital;
- VII. Elaborar uma sequência de atividades para serem desenvolvidas em formato de oficinas que possibilitem o ensino reflexivo da ortografia;
- VIII. Analisar as produções textuais escritas dos alunos após a aplicação das oficinas.

Na próxima seção, a discussão volta-se para o ensino de ortografia propriamente dito, enaltecendo suas características atuais como métodos e estratégias de ensino. Com as observações feitas, destacamos a necessidade de se buscar um ensino mais condizente com as práticas sociais das quais os alunos fazem parte, abordando a variação linguística que se apresenta naturalmente na língua.

2. ENSINO DE ORTOGRAFIA: DO TRADICIONAL PARA O REFLEXIVO

2.1 Alfabetização e linguística: contribuições da linguística para o ensino de ortografia

A concepção de língua é compreendida de variadas formas pela sociedade e pela escola. Esta afirmação pode gerar benefícios ou prejuízos aos indivíduos, principalmente, no que tange ao espaço escolar. Sob essa perspectiva, o ensino de Língua Portuguesa constitui-se como uma prática permeada por grandes desafios, envolvendo idealizações, crenças e preconceitos de diversas naturezas.

Entre as décadas de 1970 e 1980, surge a ideia de ensinar a partir da perspectiva da visão macrolinguística, seguindo a gramática do texto fundamentada pela linguística textual. Com isso, há uma preocupação em se trabalhar os gêneros textuais, para que os alunos aperfeiçoem seus conhecimentos linguísticos no âmbito da escrita textual. Valoriza-se, assim, a capacidade de escrita e identificação na perspectiva dos gêneros textuais, em que os alunos conseguem escrever, dominando a estrutura do gênero solicitado, de acordo com as propostas textuais.

Desde o início da década de 1980, o ensino de Língua Portuguesa vem sendo o foco de inúmeras discussões, necessitando de urgentes melhoras das estratégias e dos métodos adotados, mediante o avanço cultural ao qual a sociedade está constantemente submetida. Todavia, ainda é um ensino que precisa de muitos ajustes considerando seu contexto de realização.

Na realidade escolar, é comum encontrar associações entre o ensino da língua a regras, análises descritivas e metalinguísticas, categorizadas como certas ou erradas. É nesse ambiente opressor e desmotivador que os alunos de Ensino Fundamental estão imersos, buscando por algo que supra suas necessidades enquanto aprendizes de uma língua a qual já conhecem e por meio da qual comunicam-se, expressam seus desejos, suas opiniões, suas crenças, afinal, empoderam-se.

Na concepção laboviana, a língua deve ser concebida como um organismo vivo, heterogêneo, sujeito a variações e mudanças. Dessa forma, a língua representa as expressões mais significativas da identidade social, cultural e política do ser humano, possibilitando ao homem construir e reconstruir sua relação com a natureza e com os outros.

A língua, quando entendida como estática, homogênea, uniforme, intocável, pela escola, origina o grande problema da discriminação e do preconceito linguístico. Muitas vezes, o que o aluno sabe sobre a língua materna é ignorado e considerado como erro, o que vai lhe garantir o preconceito linguístico com sua própria língua materna.

As aulas de Língua Portuguesa devem preparar o aluno para bem ler e escrever, pensar e refletir sobre a língua que usa. O discente, quando inserido na escola, deve entender que está aprendendo a escrever diferentemente da forma como fala. Isso deve ser feito considerando que a criança é um ser falante, já dotado de uma gramática internalizada, a qual lhe permite falar e compreender a língua materna, desde os seus primeiros anos de vida.

Segundo Cagliari (1989), o ensino de Língua Portuguesa a falantes nativos pressupõe partir do conhecimento que o aluno já traz consigo, ensinando-lhes o que realmente seja necessário para o seu aprendizado. O que implica mostrar ao aluno como funciona a linguagem, quais as suas modalidades, qual melhor tipo de linguagem para cada situação comunicativa. Dessa forma, o aluno não se considerará incapaz por não conseguir aprender nem seu próprio idioma e seu conhecimento linguístico será ampliado e motivado a multiplicar-se.

A manifestação linguística mais prestigiada é considerada referência para o padrão culto da sociedade. Segundo Bagno (2015), o adjetivo culto está associado à tradição normativa ligada à literatura clássica, revelando o preconceito em relação às outras manifestações da língua, principalmente a escrita, muito distante do que se pode observar nos usos reais da língua escrita por meio da qual os indivíduos se comunicam.

Segundo Bagno (2015), há uma polarização maniqueísta em relação à língua em que existe um termo negativo para a língua errada e um positivo para a língua certa. Assim, fica evidente a concepção dicotômica de fala e escrita na qual prevalece a ideia de que a língua falada e a língua escrita constituem universos totalmente independentes. Diferentemente da visão de ensino de língua tradicional, os conceitos de formal e informal se aplicam tanto à língua falada quanto à escrita, pois a fala pode ser formal ou informal e a escrita também pode apresentar-se segundo um estilo formal ou informal.

Nesse sentido, o ensino de Língua Portuguesa para aqueles que já conhecem a língua torna-se incongruente quando o objeto de ensino é encarado como uma língua estrangeira a ser ensinada a falantes de outro idioma, diferente da língua que já conhecem. Como pode ser confirmado no texto do linguista Cagliari.

O professor de português deve ensinar aos alunos o que é uma língua, quais as propriedades e usos que ela realmente tem, qual é o comportamento da sociedade e dos indivíduos com relação aos usos linguísticos, nas mais variadas situações de suas vidas (CAGLIARI, 1989, p. 28).

Quando o professor reage com preconceito às maneiras diferentes que a língua se manifesta prejudica o aluno uma vez que a própria língua materna se torna, para ele, uma língua estrangeira. Um ensino baseado em certo e errado com relação às variedades linguísticas presentes na sala de aula pode causar traumas nos alunos, impedindo-os de progredir e ampliar seus conhecimentos linguísticos.

Segundo Bortoni-Ricardo (2005), o preconceito linguístico pode ser explicado, no Brasil, pelo fato de grande parte da população comunicar-se oralmente e não ter acesso ao padrão da língua escrita, utilizada pelas classes favorecidas. Esse acesso é impedido pelo extensivo analfabetismo e a precariedade da instrução escolar.

O ensino de Língua Portuguesa vem passando por transformações mediadas por teorias relacionadas ao conceito de letramento, sob a perspectiva da Sociolinguística Educacional. O aluno deve ser inserido em situações comunicativas reais, em práticas sociais eficazes no ensino de Língua Portuguesa de modo que desenvolva a competência linguística necessária para respeitar a diversidade na qual está inserido e para adequar-se a diversas práticas sociais exigidas pela sociedade.

Tendo em vista estas considerações, verifica-se a necessidade de reformular o ensino de língua materna, bem como estratégias fundamentadas no ensino de regras gramaticais, seguidas como único modelo correto de comunicação, e conceitos como certo e errado. Por isso, os alunos precisam desenvolver a consciência de que existem as modalidades escrita e falada da língua e que há várias formas de se comunicar e de se expressar, dependendo do contexto e da situação comunicativa.

De fato, a comunicação se dá por meio da linguagem que se materializa por intermédio dos gêneros. Em todas as suas instâncias, a comunicação entre os sujeitos de uma sociedade é possível recorrendo-se aos gêneros. Dessa maneira, o ensino de Língua Portuguesa deve partir do texto, o que implica considerar um ou mais gêneros como objeto de ensino, atendo-se, prioritariamente, aos aspectos macrolinguísticos do texto, como propósito comunicativo, as especificidades do gênero em questão e suas funções cognitivas e institucionais.

Uma das dificuldades mais significativas ao ensinar os conteúdos de Língua Portuguesa é o ensino da ortografia. Essa dificuldade persiste tanto por parte do professor ao ensinar quanto dos alunos ao compreender.

Em contrapartida, o enfoque do ensino centrado nos aspectos macrolinguísticos do texto revelam a supervalorização deste em detrimento de outros aspectos, não menos importantes, a saber microlinguísticos do texto, como as questões formais da língua, principalmente o ensino da ortografia. O que se percebe é que há uma despreocupação com relação ao ensino da ortografia no que tange aos objetivos do ensino de Língua Portuguesa voltados para o desenvolvimento de competências necessárias para ler e escrever com primazia.

Segundo Moraes (2010, p. 31), “assim como não se espera que um indivíduo aprenda sozinho as leis de trânsito – outro tipo de convenção social, não há por que esperar que nossos alunos descubram sozinhos a escrita correta das palavras”. A criança, assim como todo e qualquer ser humano em perfeitas condições salutaras, é geneticamente programada para falar, para se comunicar dentro de sua língua materna. Porém, os aspectos formais da língua escrita não são apreendidos de forma autodidata ou como uma condição inata. Para que o aluno consiga comunicar-se adequadamente em cada situação vivida, a escola precisa ensiná-lo a utilizar os recursos da língua, a diferenciar a língua falada da língua escrita e as convenções ortográficas da escrita.

Levando em conta a valorização dos estudos de Língua Portuguesa a partir dos gêneros, reforçada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), para Bakhtin (2003), as relações existentes entre linguagem e sociedade são indissociáveis. As diferentes esferas da atividade humana, compreendidas como domínios ideológicos, conversam entre si e produzem, em cada esfera, formas relativamente estáveis de enunciados, as quais são denominadas gêneros discursivos. Por isso, em seus trabalhos, considera que o emprego da língua ocorre em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, os quais são expressos pelos vários integrantes que ocupam os diversos campos da atividade humana.

Esses enunciados tendem a refletir as especificidades e as condições particulares dos referidos campos. Por serem oriundos das relações sociais, os gêneros sofrem, incessantemente, influência das transformações que ocorrem na sociedade, ampliando-se à medida que torna mais complexo o campo das atividades humanas, conforme a tese de Bakhtin (2003).

Cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados os quais, denominamos gêneros do discurso. A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2003, p. 262).

O sistema linguístico, apresentado ao aluno nas aulas de Língua Portuguesa, promove a baixa autoestima desse público, que passa a enxergar na língua uma realidade preconceituosa. Durante as aulas de Português, os alunos descobrem que não sabem falar, quiçá escrever “corretamente”, utilizando a sua própria língua. Essa situação, comum na história do ensino de Língua Portuguesa, contribui para o aumento do preconceito linguístico e social, imposto pelo poder que a língua representa na sociedade.

Nesse sentido a sala de aula se transforma em um local onde falar “certo” é difícil, escrever “certo” é, praticamente, impossível. Por fim, acabam por se frustrarem e muitas vezes os alunos evadem, uma vez que não se sentem amparados e nem mesmo motivados a aprenderem essa “nova língua” a que são expostos.

Essa realidade a qual é presenciada na maioria das escolas de Ensino Fundamental pode oferecer algumas consequências preocupantes aos alunos.

o ensino da língua culta à grande parcela da população que tem como língua materna – do lar e da vizinhança – variedades populares da língua tem pelo menos duas consequências desastrosas: não são respeitados os antecedentes culturais e linguísticos dos educandos, o que contribui para desenvolver nele um sentimento de insegurança, nem lhe é ensinada de forma eficiente a língua padrão (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15).

Diante dessa constatação, deve-se reconhecer que o ensino, salutar ao alunado, deve realmente pautar-se em um documento de maior instância, a nível nacional, que apresenta uma orientação inversa ao que é retratado na escola. Nos PCN, encontram-se as orientações necessárias para um ensino contextualizado, real de Língua Portuguesa, que contribuirá para a formação do aluno.

Se o objetivo é que o aluno aprenda a produzir e a interpretar textos, não é possível tomar como unidade básica de ensino nem a letra, nem a sílaba, nem

a palavra, nem a frase que, descontextualizadas, pouco têm a ver com a competência discursiva, que é questão central. Dentro desse macro, a unidade básica de ensino só pode ser o texto, mas isso não significa que não se enfoquem palavras ou frases nas situações didáticas específicas que o exijam (BRASIL, 1997, p. 29).

Infelizmente, o que se observa é uma situação de extremos: ou se trabalha com aspectos gramaticais isolados e descontextualizados, que não configuram significância para o ensino de Língua Portuguesa, ou o ensino é voltado para uma abordagem que leva em consideração aspectos textuais que caracterizam os gêneros, imprescindíveis para o desenvolvimento da competência discursiva. Percebe-se que só um dos aspectos não deve ser o enfoque da proposta de ensino de Língua Portuguesa. Tanto os aspectos macrolinguísticos quanto os microlinguísticos são essenciais para o desenvolvimento da competência comunicativa, principal objetivo do ensino de língua materna.

As aulas de Língua Portuguesa devem partir do princípio de que o interesse pela leitura e sua prática intensa é a solução para muitos problemas de diversas origens, inclusive ortográficos. Conforme Cagliari (1999),

A grande mestra da ortografia é a leitura, sobretudo, a leitura individual, sem cobranças nem avaliações. A leitura que se faz pelo prazer de ler. O aluno que se interessa pela leitura resolve através dela a maioria das dificuldades que pode encontrar no dia a dia de suas atividades em sala de aula, inclusive problemas de ortografia (CAGLIARI, 1999, p. 94).

O que se pode observar é que além das estratégias adotadas para o ensino de diversos conteúdos, o professor precisa despertar no aluno o gosto e a prática da leitura a fim de que ele desenvolva progressivamente o senso de autocorreção e a autonomia para se comunicar adequadamente em cada situação comunicativa.

A importância da leitura resume-se ao mundo de possibilidades e de conhecimento a que o indivíduo se expõe ao tornar-se um leitor praticante. É papel fundamental da escola possibilitar o acesso do aluno ao texto, incentivando a leitura do mais variado tipo de textos possível. Em um contexto socioeconômico desfavorecido, se comparado com outras escolas de nível social mais elevado, vivenciado nas escolas públicas do país, é provável que esse acesso aconteça apenas na escola, principalmente, nas aulas de Língua Portuguesa, isto é, pode ser que

o aluno de escola pública não tenha a oportunidade de estabelecer contato com uma diversidade muito ampla de textos em sua vida, por inúmeras impossibilidades, a não ser dentro da escola.

De fato, é por meio da leitura que o aluno terá contato com a modalidade escrita da língua, a qual é padronizada pelo sistema ortográfico e exige conhecimento linguístico suficiente para a comunicação eficiente e adequada. Ao ler, o aluno pode consultar as palavras que lhe causam dúvidas, verificar contextos de uso, intensificar seu aprendizado, além de viver as experiências mais inimagináveis por ele.

Para Bortoni-Ricardo (2006), as convenções da escrita são assimiladas de forma lenta e progressiva, dependendo da familiaridade que cada indivíduo vai adquirindo ao longo de seu percurso escolar. Portanto, o contato com livros, textos impressos, internet, *outdoors*, dentre outros suportes textuais faz-se necessário para o domínio das convenções da escrita bem como das convenções ortográficas.

Considera-se, então, que o ensino de Língua Portuguesa deve partir do estudo do texto em suas especificidades, para tratar de aspectos gramaticais e ortográficos, também importantes para o estudo da língua. A partir da leitura e do estudo de textos de diferentes tipologias e diversos gêneros, o aluno terá condições de se identificar como um indivíduo conhecedor de sua própria língua, utilizando-a para agir em todas as esferas de sua vida.

A perspectiva de ensino a que os alunos estão vivendo vai de encontro ao que é proposto pela Sociolinguística, ao ter como foco para estudo da língua somente uma visão individualista e única de linguagem e não a comunidade de fala com sua cultura local. Os desvios linguísticos que a escola tanto reforça não são uma transgressão vocabular, mas variedades linguísticas reais que concorrem com outras mais prestigiadas. E por questões puristas ou socioeconômicas é fomentado o preconceito diante de uma etiqueta linguística, que na verdade é apenas uma forma de inadequação de uso para a norma culta.

Segundo Bagno (2015), há uma supervalorização de tudo que provém da elite, inclusive a língua, ou seja, o modo como a elite se comunica é, na maioria das vezes, o que se considera como aceitável, bonito e correto. Para essa concepção, as variedades são consideradas como eufemismo para erros, podendo comprometer a existência do idioma. Assim, há um desprezo pelos fenômenos de variação e mudança linguística.

Conforme Scherre (1996), a língua em uso é a verdadeira língua que deve ser valorizada, mesmo as formas vernaculares ainda não registradas pela tradição gramatical, mas que são do

domínio de todos e internalizadas por todos. Considerando que a relação entre a língua e a sociedade é indissociável, promover um ensino reflexivo por meio da análise de formas de uso reais da língua é imprescindível para o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos, evidenciando os conceitos de adequação e inadequação.

Ao se fazer uma leitura das orientações apresentadas pelos PCN, fundamentados por uma noção sociolinguística, percebe-se uma proposta de ensino de Língua Portuguesa sem pautar-se em relações mínimas de descrições e prescrições linguísticas, sobretudo que o objetivo maior desse ensino é desenvolver e aprimorar o conhecimento linguístico do aluno, aumentando seu repertório e, conseqüentemente, torná-lo autônomo e capaz de se comunicar com eficiência em diferentes gêneros.

Segundo as teorias piagetianas, Ferreiro e Teberosky (1985) afirmam que a aprendizagem deve basear-se nas atividades do sujeito em interação com o objeto do conhecimento. Dessa forma, o ponto inicial de toda aprendizagem é o próprio sujeito e sua interação com seu meio, com o objeto do conhecimento e os outros sujeitos à sua volta. Quando a criança aprende a escrita alfabética, já é capaz de compreender que os caracteres da escrita correspondem a unidades sonoras menores do que a sílaba e realiza uma análise sonora dos fonemas das palavras que pretende escrever.

É nesse momento que a criança se deparará com os empecilhos que a ortografia pode trazer para a escrita, uma vez que as dificuldades de compreensão desse sistema começam a aparecer, resumidas nas dificuldades ortográficas. Assim, o professor encontrará nas produções escritas da criança desvios de natureza ortográfica, demonstrando que o indivíduo é capaz de realizar análises sonoras dos fonemas que tenta representar por meio da escrita.

Segundo Cagliari (1999), a ortografia passa a ser um problema à medida que o indivíduo se encontra em dúvida sobre qual a relação adequada entre fonema (som) e grafema (letra). “Os problemas de ortografia aparecem somente quando o usuário da escrita fica numa situação de impasse diante de palavras que ele sabe que podem ser escritas com uma letra ou com outra”. (CAGLIARI, 1999, p. 72).

A escrita ortográfica pode ser um dos motivos das frustrações da vida escolar dos estudantes ao escreverem e apresentarem muitas dúvidas com relação à representação gráfica por meio de uma das formas de escrita.

À medida que os alunos vão aprendendo a escrever mais e mais palavras ortograficamente, vão percebendo que as relações entre letras e sons podem deixá-los na dúvida diante da escrita de certas palavras, justamente porque a pronúncia das palavras por si só não é suficiente para se chegar às formas ortográficas (CAGLIARI, 1999, p. 73).

O professor deve, então, ser cuidadoso ao identificar e categorizar os desvios encontrados nas produções escritas de seus alunos. Esses desvios podem representar diversas situações indicando estágios diferentes de aprendizagem ou mesmo estratégias e hipóteses das quais os alunos fazem uso para se orientarem no processo de escrita, de representação gráfica da fala.

É imprescindível o papel do professor como orientador e facilitador do processo de ensino e aprendizagem da escrita ortográfica, tão valorizada na sociedade grafocêntrica da qual os alunos fazem parte. A escrita ortográfica é vista como fator primordial de classificação de aprendizagem do aluno, demonstrando que se ele comete um desvio do sistema ortográfico vigente da língua, esse aluno é incapaz de progredir em seus estudos. Nesse momento, é comum surgir o preconceito linguístico e o sentimento de incapacidade e conformismo com a ideia de que a Língua Portuguesa é impossível de ser aprendida e compreendida.

Dessa forma, o professor precisa estar atento ao sistema linguístico, suas variedades, suas peculiaridades e sua heterogeneidade. O indivíduo, em sua trajetória escolar, deve aprender a variedade padrão da língua escrita, mais valorizada, em que se deve obedecer aos preceitos ortográficos, porém sem desvalorizar as outras possibilidades que a língua oferece no intuito da comunicação. Ou seja, é necessário que o professor reveja suas estratégias e métodos de ensino para que a heterogeneidade linguística seja valorizada em suas aulas de Língua Portuguesa, evidenciando a importância da adequação e da inadequação linguística no processo de comunicação.

É muito comum que as dificuldades ortográficas apareçam durante a atividade da escrita. Isso acontece porque a maioria das regras que definem a ortografia não são regulares e, conforme Oliveira e Nascimento (1990), o conceito de erro é visto como relativo em algumas situações, pois um desvio só se configura como erro por não estar de acordo com o sistema ortográfico vigente. Ademais, um erro ortográfico não determina se uma palavra é escrita sempre com a mesma grafia ou que uma mesma grafia indique repetições de uma mesma palavra.

Conforme Bortoni-Ricardo (2006), em se tratando da modalidade escrita, as ocorrências que não estiverem de acordo com o sistema ortográfico da língua cujo código não admite variação, raras exceções, são consideradas transgressões. Ou seja, quando o aluno escreve uma palavra que não segue os padrões estabelecidos pela ortografia, isso se configura como desvio. Nesse sentido, o professor precisa “corrigir o erro de seu aluno”, mostrando-lhe caminhos para isso, como por exemplo, a consulta a manuais e dicionários.

Identificar algo como desvio pode também ser problemático para o educando, pois ao categorizar suas produções e tentativas como desvios, o professor poderá frustrar o aprendizado desse indivíduo. A criança, quando tolhida de seu direito de aprender “errando”, pode desenvolver um trauma, um medo de escrever “errado” e acabar não gostando dessa atividade tão importante dentro da sociedade.

Muitas vezes, o professor reage negativamente ao se deparar com um desvio no texto escrito de seu aluno. Essa reação indica que o professor não conhece realmente os fatos da língua a ponto de analisá-los e conferir as diferenças existentes entre o alfabeto-fonológico e o alfabeto-ortográfico. É imprescindível que o professor conheça a fundo os fatos linguísticos para que possa ensinar com primazia.

Conforme Cagliari (1999), o desvio que os aprendizes cometem deve ser tratado de forma diferente da que é vista por muitos educadores.

O erro é o risco de quem aprende. Enquanto a escola não assumir os erros de aprendizagem como uma verdade do processo de ensino, camuflando-os e escondendo-os de todos, inclusive do próprio aprendiz, é impossível desenvolver uma educação que leve o aluno a refletir sobre o que faz, porque há uma parte do processo na qual ele está sempre sendo enganado. Ensinar os alunos a corrigir seus erros é talvez a tarefa mais desafiadora que a escola tem, mas sem resolver essa questão, em vez de ensinar, a escola vai criando um caos pedagógico (CAGLIARI, 1999, p. 84).

Na fase inicial da alfabetização, a criança tende a escrever da forma como ouve, ou seja, a escrita é compreendida como a representação gráfica fiel da língua falada. Contudo, nesta fase da aprendizagem, a situação observada é comum. No entanto, a mesma situação é também percebida em alunos em fase mais avançada do Ensino Fundamental, em que se espera certa maturidade e conhecimento suficiente para discernir entre língua escrita e língua falada e não apresentar tantos problemas ortográficos em sua escrita.

Os problemas que vêm sendo observados são recorrentes em alunos de séries mais avançadas, especialmente os de 8º do Ensino Fundamental, os quais apresentam muitas dificuldades ortográficas em seus textos escritos. Esses alunos já têm incutido em seus pensamentos que não sabem escrever, não conseguem escrever um texto de acordo com as normas da Língua Portuguesa, porque apresentam dúvidas em relação ao sistema ortográfico.

É evidente que as estratégias utilizadas para o ensino de ortografia em sala de aula não estão surtindo um efeito produtivo do qual o aluno seja capaz de utilizar em sua vida. O ensino da ortografia na escola é baseado em avaliações que exigem que o aluno escreva corretamente de forma a seguir as regras que o sistema ortográfico impõe. Regras que, muitas vezes, não são compreendidas de maneira eficaz, proporcionando uma análise mais a fundo da própria língua.

Na maioria das vezes, a ortografia é cobrada de maneira muito rígida nas produções escritas dos alunos, ainda em fase de formação, considerando apenas “acertos” e “erros”. A língua é tratada nessa perspectiva como um sistema de regras gramaticais e ortográficas em que o indivíduo apenas acerta ou erra. Erra muito mais do que acerta, causando certos traumas durante a penosa tarefa do ato de escrever.

A escrita torna-se um processo árduo e muito difícil, quando o aluno percebe que não é capaz de memorizar e utilizar tantas regras. Talvez essa situação seja um dos motivos pelo qual muitos alunos sentem-se incapazes de se comunicar por meio da língua escrita, já que seu texto está sempre marcado com inúmeros desvios ortográficos.

Conforme o que orientam os PCN para o ensino da ortografia no ensino fundamental II

É possível desenvolver um trabalho que permita ao aluno descobrir o funcionamento do sistema grafo-fonêmico da língua e as convenções ortográficas, analisando as relações entre a fala e a escrita, as restrições que o contexto impõe ao emprego das letras, os aspectos morfosintáticos, tratando a ortografia como porta de entrada para uma reflexão a respeito da língua, particularmente, da modalidade escrita. (BRASIL, 1998, p. 85)

Observa-se, assim, que as orientações para o ensino da ortografia pressupõem uma metodologia que promova a reflexão linguística por meio de atividades que valorizem a diversidade e que fuja de apenas decorar regras ortográficas, sem refletir sobre os usos da língua e a escrita das palavras. Há uma dificuldade por parte de muitos professores em aplicar metodologias as quais promovam a reflexão necessária ao aprendizado, para que o aluno saiba utilizar a língua de acordo com a situação comunicativa.

Nesse sentido, a Sociolinguística Educacional pode contribuir de maneira significativa para o aprimoramento do trabalho com a ortografia em sala de aula. Fundamentado nos conceitos da Sociolinguística, o professor pode encontrar soluções para problemas que envolvam a ortografia a partir de usos reais da língua, fazendo o aluno pensar sobre os diferentes usos e não apenas decorar regras por meio de exercícios de repetição.

Na próxima seção, será discutida a Sociolinguística Educacional como nova forma de análise e estudo da Língua Portuguesa, abordando os Contínuos de Monitoração, especialmente o Contínuo de Monitoração Estilística.

2.2 Sociolinguística Educacional

Os estudos sobre a língua tomam novo rumo a partir do precursor da Sociolinguística Variacionista, Willian Labov, quando traz ao público a Teoria da Variação e Mudança, a qual considera a língua como um sistema de vários níveis integrados num todo historicamente estruturado, heterogêneo, ordenado, dotado de elementos variáveis. Por esse viés, Labov considera a língua tal como usada na vida diária pelos membros de uma comunidade, em situações reais de uso em interações comunicativas (LEHMKUHL, 2015).

A Sociolinguística dedica-se ao estudo da língua em consonância com a sociedade, permitindo analisar enunciados efetivamente produzidos, em um determinado contexto, pelos falantes de um grupo social. Assim como afirma a teoria bakhtiniana de que o homem se constitui pela linguagem, as interações comunicativas que regem a vida humana são marcadas pela história e todas as transformações por que passa a sociedade.

O desempenho escolar de crianças advindas de comunidades de menor poder econômico sempre foi motivo de preocupação daqueles engajados na educação de todos. Nesse contexto a Sociolinguística aparece fundamentada em dois princípios: o relativismo cultural e a heterogeneidade linguística inerente e sistemática (BORTONI-RICARDO, 2014).

Segundo Bortoni-Ricardo (2014), o relativismo cultural considera que nenhuma língua ou variedade de língua em uso deveria ser considerada inferior. Além disso, “a heterogeneidade inerente e ordenada, que está na raiz da Sociolinguística, postula que toda língua natural é marcada pela variação a qual não é assistemática” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 157).

Conforme CAMACHO (2005, p. 60),

A diversidade linguística não se restringe a determinações motivadas por origem sociocultural e geográfica. Um mesmo indivíduo pode alterar entre diferentes formas linguísticas de acordo com a variação das circunstâncias que cercam a interação verbal, incluindo-se o contexto social, propriamente dito, o assunto tratado, identidade social do interlocutor etc.

A variação linguística é inerente a toda língua natural e segundo Murrie (2004, p. 15) “é a seiva que mantém a língua viva e de que é impossível impedi-la, por mais que tente fossilizar a língua, ditando regras a serem seguidas, ela sempre surpreende com sua diversidade”. É o que se observa quando se tem a língua escrita em conversas em meio virtual, como por exemplo, comentários na rede social do Facebook. Por se tratar da língua escrita, espera-se que haja uma fidelidade com a variedade de maior prestígio da língua, estigmatizando-se manifestações que fujam do padrão esperado, como por exemplo o padrão ortográfico. A variação estilística trata justamente do fato de que o falante (aluno) precisa ter repertório linguístico para variar. No caso da ortografia, ele precisa conhecer a convenção para poder usar quando a situação comunicativa lhe exigir, não desmerecendo outras maneiras de escrever que não condizem com o padrão ortográfico.

Assim, a interação verbal existente nos meios digitais se dá de forma a contemplar os Contínuos de Monitoração uma vez que a diversidade é percebida mediante o comportamento dos falantes de uma comunidade em uma dada situação. Nesse sentido, o modo como uma pessoa se comunica por meio da língua escrita não deve ser julgado como certo ou errado, ou melhor ou pior. O que se pode observar é a diversidade linguística naturalmente presente nas línguas para facilitar a comunicação, tornando-a mais adequada e eficaz.

Segundo Lehmkuhl (2015, p. 11-12), para a compreensão dos estudos da sociolinguística e o aproveitamento de seus ensinamentos

é necessário, por exemplo, abandonar a ideia de que a língua é uma estrutura pronta, acabada, que não é suscetível a variar e a mudar. É necessário também entender que a realidade das pessoas que usam a língua – os falantes – tem uma influência muito grande na maneira como elas falam e na maneira como avaliam a língua que usam e, especialmente a língua usada pelos outros.

Ainda segundo Lehmkuhl (2015, p.12), “a Sociolinguística é uma área da Linguística que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos”. Língua e

sociedade são dois âmbitos indissociáveis em que um influencia o outro, revelando transformações, evoluções, variações, conceitos e preconceitos atrelados à sociedade.

Para Bortoni-Ricardo (2014), a Sociolinguística Educacional consiste na aplicação das pesquisas sociolinguísticas em âmbito escolar, na solução de problemas e em propostas de trabalho pedagógico. Desta forma, essa ciência possibilita um ensino reflexivo da língua mais fiel ao uso real de seus falantes, unindo teoria e prática, fundamentais para o trabalho do professor em sala de aula.

Não se trata, de fato, de não corrigir o aluno e aceitar qualquer manifestação linguística em qualquer situação. A Sociolinguística Educacional contribui para orientar o professor em um trabalho mais sensível às diferenças presentes na língua, reconhecendo a maneira de se comunicar do seu aluno como uma manifestação da sua realidade, de sua identidade, de suas características como pertencente a um grupo social.

Por esse viés, é possível aumentar o repertório linguístico do aluno a fim de que ele possa se comunicar mediante as mais variadas situações de interação verbal, percebendo a heterogeneidade e a elasticidade da língua, capaz de ser utilizada das mais variadas formas, reconhecendo sua própria cultura.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 38) “uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola e mostra ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças.” Nesse sentido, o papel do professor é imprescindível para conduzir os alunos no processo de amadurecimento e desenvolvimento da autonomia na comunicação, mostrando-se tolerante e compreensível, respeitando as diferenças culturais presentes em todos os setores da sociedade, manifestadas pela linguagem.

Lehmkuhl (2015) afirma que o ensino de Língua Portuguesa necessita que o professor conheça basicamente os pressupostos sociolinguísticos para que ele saiba trabalhar com as noções de diversidade e variedade que proporcionam a ampliação da competência sociocomunicativa do aluno para que ele se desenvolva enquanto cidadão. Dessa forma, a Sociolinguística contribui para um ensino mais crítico, mais produtivo, menos preconceituoso, menos segregador.

Conforme Bortoni-Ricardo (2004), o Contínuo de Urbanização consiste em uma linha imaginária onde em uma das pontas estão localizados os falares rurais mais isolados; na outra ponta, estão situados os falares urbanos.

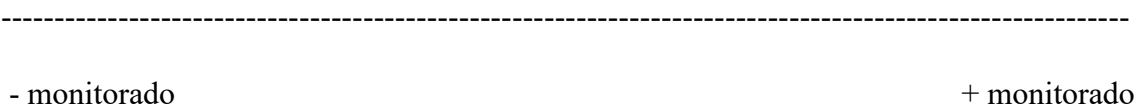
Em um dos polos do contínuo, estão as variedades rurais mais usadas pelas comunidades geograficamente mais isoladas. No polo oposto, estão as variedades urbanas que receberam maior influência dos processos de padronização da língua [...]. No espaço entre eles fica a *zona rurbana*. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 52).

A Zona Rurbana é o local do contínuo onde se localizam os grupos de migrantes rurais que preservam muito de seus antecedentes culturais e que estão sob a influência urbana. O Contínuo de Urbanização é eficaz para a análise da Língua Portuguesa, pois possibilita situar qualquer falante de português por meio das regras fonológicas dos Traços Descontínuos ou Graduais que a fala apresenta. Os Traços Descontínuos são aqueles típicos do polo rural e incomum no urbano. Os Traços Graduais são aqueles comuns na fala de todos os brasileiros não só de uma determinada região ou grupo de falantes.

O Contínuo de Oralidade-Letramento situa os eventos comunicativos em dois polos: um mais relacionado à cultura de letramento, ou seja, mais diretamente relacionado à língua escrita, e no polo oposto, os eventos de oralidade. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 62), não há uma fronteira delimitada que separa os dois tipos de eventos, “as fronteiras são fluidas e há muitas sobreposições”.

O terceiro Contínuo, o de Monitoração Estilística, o qual direciona a intervenção didática proposta para a pesquisa em curso possibilita “situar desde as interações totalmente espontâneas até aquelas que são previamente planejadas e que exigem muita atenção do falante” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 62).

Figura 1: Contínuo de Monitoração Estilística



Fonte: Extraído de Bortoni-Ricardo (2004, p. 62).

Segundo Bortoni-Ricardo (2004), a língua se manifesta por meio de eventos comunicativos que apresentam estilos monitorados, em que a atenção e o planejamento são

exigências; e estilos não-monitorados, os quais não pressupõe um mínimo de atenção à forma da língua.

Conforme a autora, “nós nos engajamos em estilos monitorados quando a situação assim exige, seja porque nosso interlocutor é poderoso ou tem ascendência sobre nós, seja porque precisamos causar boa impressão ou ainda porque o assunto requer um tratamento muito cerimonioso.” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 63).

A Monitoração Estilística é definida por três fatores: o ambiente, o interlocutor e o tópico da conversa. Ainda segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 63), “o estilo poderá tornar-se mais ou menos monitorado em função do alinhamento que assumimos em relação ao tópico e ao próprio interlocutor.”

A variação estilística está diretamente relacionada à variação que indica o comportamento dos falantes em eventos que exigem graus de maior ou menor formalidade. Segundo Faraco e Zilles,

Os falantes procuram adequar seu modo de falar às circunstâncias sociais, considerando graus de maior ou menor formalidade atribuídos socialmente à situação. Também levam em conta o tipo de relação com o interlocutor (simétrica ou assimétrica, em função do poder ou da posição hierárquica de um sobre o outro e do grau de solidariedade ou intimidade que exista entre os interlocutores). E, entre outras coisas, consideram o contexto social onde a interação ocorre: na escola, diferenciando as conversas entre colegas durante o recreio das conversas entre alunos e professor na busca de solução para um problema, por exemplo. (FARACO; ZILLES, 2015, p. 21).

A variação estilística é determinada pelo grau de formalidade dos eventos comunicativos, evidenciando os objetivos de comunicação do autor/produtor. De fato, a variação estilística vai determinar de que forma a língua se manifestará, se mais ou menos formal, seja em sua modalidade escrita ou oral. Na língua escrita, a variação estilística aparece na ortografia quando se observam usos diferentes das regras que pela norma da cultura letrada não poderiam apresentar variação.

No entanto, é possível observar em diferentes textos de muitos gêneros, a variação estilística que reflete os usos da ortografia, muitas vezes, compreendidos como “erros”. Esta é uma situação que resulta em um preconceito linguístico, distinguindo quem sabe de quem não sabe português. Os “erros” ortográficos são vistos com maus olhos pela sociedade e

compreendidos como forma seletiva de quem pode ou não ser inserido em muitas atividades sociais como o mercado de trabalho.

Dessa forma, como proposta de intervenção, fizemos um estudo mais reflexivo da ortografia, apoiado no Continuo de Monitoração Estilística, para mostrar aos alunos diversas situações de uso da língua em que a monitoração se configura de formas distintas a depender do ambiente, do interlocutor e do tópico da conversa.

A próxima seção tratará da variação ortográfica, observada em muitos gêneros textuais, principalmente nos gêneros digitais em que prevalece o “internetês”. A fim de relacionar a proposta de análise linguística por meio do Contínuo de Monitoração Estilística foram mostradas aos alunos a variação ortográfica e a adequação para o desenvolvimento da competência comunicativa.

2.3 Adequação e Variação Ortográfica

Primeiramente, a sociedade se constitui como oral, concentrando todas as suas tarefas por meio da oralidade. Por meio de atividades diárias, é facilmente perceptível a frequência com que as pessoas utilizam a fala em diversos eventos comunicativos.

Conforme Marcuschi (2007), os seres humanos possuem uma configuração biológica que se define como a capacidade de desenvolver e usar uma língua, constituindo a herança biológica. Isso explica o fato de os alunos, os quais não apresentam nenhuma deficiência relacionada à fala, já chegarem à escola falando a sua língua materna, capazes de argumentar e de compreendê-la nas mais variadas situações.

Além disso, a forma como as pessoas agem, inseridas em uma sociedade, configura a herança cultural, que determina a maneira como as pessoas se comportam, os seus costumes e as suas crenças. A herança cultural e a herança biológica são essenciais para a compreensão da língua como uma prática social que produz e organiza as formas de vida, as formas de ação e as formas de conhecimento. Ela é uma atividade conjunta e trabalho coletivo, contribuindo de maneira decisiva para a formação de identidades sociais e individuais (MARCUSCHI, 2007).

Posteriormente, a sociedade vê a necessidade de registrar o que se profere e passa a concentrar suas atividades orientadas pela escrita. No mundo contemporâneo, prevalece a modalidade escrita da língua, apesar de esta ter chegado tardiamente na sociedade ocidental.

As atividades desenvolvidas na escola reforçam a valorização da escrita pela sociedade, pois os estudos concentram-se mais especificamente em torno desta.

Com o objetivo de perpetuar o processamento cognitivo enunciado pela fala, a escrita surge com o intuito de atingir um nível de convenção universal. A escrita tornou-se um fenômeno urbano, constituindo-se como uma estratégia de poder sobre o outro, pois somente a elite escrevia, o que definiu a sociedade como letrada (MOLLICA, 2016).

O fato de a escrita ser um bem acessível a uma pequena parcela da população tornou clara a associação entre o acesso à escrita e o poder aquisitivo. Por esse motivo, passou-se a considerar um padrão universal para a língua escrita, tomando a variedade referente à sociedade letrada, como o “português correto”, o “bom português”, o “português culto”. Essa constatação desconsideraria toda variação linguística, presente também na escrita, evidenciando todo o preconceito linguístico que perdura até hoje. A exemplo disso, conforme Massini-Cagliari (1999, p. 64)

A escrita é uma representação da linguagem oral e tem por finalidade a leitura. Quem quiser ter acesso à mensagem do texto escrito, aos aspectos literários, enfim, ao discurso linguístico, precisa transformar o escrito em oral através da leitura. Quando se diz “linguagem escrita”, não se quer dizer que a escrita é totalmente diferente da linguagem oral, mas que é apenas “um uso específico” da linguagem. Fora o aspecto gráfico, tudo o mais que se encontra num texto escrito só pode ser entendido com relação ao sistema linguístico da língua, o qual é, na sua essência, uma realidade oral.

A língua escrita favorece a comunicação, pois possibilita a transmissão cultural e o registro da história, revelando as funções expressiva e estética da língua à luz do pensamento científico e filosófico (MOLLICA, 2016). Entretanto, a língua escrita nunca foi acessível à maioria da sociedade, situação que se tornou passível de julgamentos e preconceitos em relação àqueles que não têm acesso à escrita.

Conforme os PCN, para o ensino de Língua Portuguesa é observada a necessidade de estudar as questões relacionadas à oralidade como um ponto de partida para entender o funcionamento da escrita. Por conseguinte, a oralidade e a escrita não competem entre si, elas exercem uma influência mútua, complementando-se. Essa relação existente entre a fala e a escrita reflete diretamente no processo de aquisição da escrita e perdura durante os anos escolares, principalmente representado pelas dificuldades ortográficas.

Segundo os PCN, as estratégias metodológicas para o ensino de ortografia no ensino fundamental I devem seguir dois eixos básicos:

O da distinção do que é “produtivo” e do que é “reprodutivo” na notação da ortografia da língua, permitindo no primeiro caso, o descobrimento explícito de regras geradoras de notações corretas e, quando não, a consciência de que não há regras que justifiquem as formas corretas fixadas pela norma, e a distinção entre palavras de uso frequente e infrequente na linguagem escrita impressa (BRASIL, 1997, p. 57).

Assim, o ensino de ortografia não deve ser excluído das aulas de Língua Portuguesa, nem tampouco um desvio ortográfico pode ser ignorado. É na escola, por meio de atividades que explorem a Língua Portuguesa e sua variação e reflexões comentadas e contextualizadas pelo professor que o indivíduo terá contato com o ensino da ortografia e poderá levar esse aprendizado consigo a vida inteira. O professor deve basear suas explicações nos conceitos da Sociolinguística Educacional, contemplando a norma padrão, as variações linguísticas existentes no português brasileiro, sem desvalorizar nenhuma variedade da língua.

Sobre o estudo da ortografia, há que se considerar o Princípio Acrofônico que permite a decifração das letras do alfabeto, indicando relações biunívocas entre letras e sons. Entretanto, a ortografia não se constitui somente por relações biunívocas. A partir do momento em que o aluno percebe que a ortografia vai além dessas relações, as dificuldades podem começar a aparecer. Por isso, o Princípio Acrofônico deve ser entendido com o ponto de partida para os estudos da escrita e, a partir daí, avançar para as outras relações de representação gráfica dos sons.

As palavras que constituem a língua apresentam diversas formas de produção oral e a ortografia impõe que as palavras sejam representadas por meio de apenas uma maneira escrita. Por isso, a ortografia é importante para possibilitar, sobretudo, a leitura, anulando alguns fatores como: a variação linguística, a qual se refere ao modo de produção oral de inúmeras maneiras; o tempo, que se refere à natureza rápida que a fala possui, sujeita a processos fonológicos capazes de mudar a oralidade; e o espaço físico e social, os quais podem representar motivos de mudanças na língua oral de acordo com o lugar e a comunidade de falantes (VIEIRA, 2007).

As dificuldades ortográficas estão diretamente relacionadas a três tipos de relações entre os sons e as letras: regulares independentemente do contexto, regulares de acordo com o contexto e as relações arbitrárias, conforme Lemle (2002).

As relações regulares independentemente do contexto são estabelecidas pelo Princípio Acrofônico, em que um fonema é representado por uma mesma letra e uma letra representa um mesmo fonema em qualquer contexto. Segundo esse tipo de relação, a representação do modelo ideal do sistema alfabético é: P - /p/; B - /b/; T - /t/; D - /d/; F - /f/; V - /v/; A - /a/; LH - /lh/; NH - /nh/ (LEMLE, 2002).

As relações regulares de acordo com o contexto acontecem quando uma mesma letra representa diferentes sons de acordo com a posição; ou um som é representado por diferentes letras de acordo com a posição, segundo os quadros abaixo (LEMLE, 2002).

Quadro 1 – Uma letra representando diferentes sons, segundo a posição:

Letra	Sons	Posições	Exemplos
S	[s]	Início de Palavra	Sala
	[z]	Intervocálico	Casa, duas árvores
	[ʃ]	Diante de consoante surda ou final de palavra (como no dialeto carioca)	Resto, duas casas
	[ʒ]	Diante de consoante sonora (como no dialeto carioca)	Rasgo, duas gotas
M	[m] (nasalidade de vogal precedente)	Antes de vogal Depois de vogal, diante de p ou b	Mala, leme Campo, sombra
N	[n] (nasalidade de vogal precedente)	Antes de Vogal Depois de vogal	Nada, banana Ganso, tango, conto
L	[l] [u]	Antes de vogal Depois de vogal	Bola, lua Calma, sal
E	[e] ou [ɛ] [i]	Não final Final de Palavra	Dedo, pedra Padre, morte
O	[o] ou [ɔ] [u]	Não final Final de Palavra	Bolo, cova Bolo, amigo

Fonte: Adaptado de Lemle (2002, p.21)

Quadro 2 - Do som para a letra:

Som	Letras	Posições	Exemplos
[k]	C QU	Antes de a, o, u Antes de e, i	Cada, comida, cuia Queijo, quina
[g]	G GU	Antes de a, o, u Antes de e, i	Garra, gosma, gume Guerra, guincho
O dito r forte	RR R	Entre vogais Outra posição	Torre Morte
[i]	I E	Posição tônica Posição átona	Sino Pote
[u]	U O L	Posição tônica Posição átona Depois de vogal	Mundo Modo Mil
[ãw]	ÃO AM	Posição tônica Posição átona	Chorão Choram
[ku]	QU QÜ ⁶ CU	Antes de a, o Antes de e, i Outras	Quarenta, quociente Cinquenta, equino Curau
[gu]	GÜ GU	Antes de e, i Outras	Unguento, linguística Égua, gula

Fonte: Adaptado de Lemle (2002, p.22)

As relações arbitrárias se referem aos casos em que mais de uma letra pode representar o mesmo fonema em uma mesma posição. Esse tipo de relação configura-se como o mais difícil e pode ser exemplificada no quadro a seguir: (LEMLE, 2002).

⁶ Conforme referência, o quadro apresentado é anterior ao novo acordo ortográfico.

Quadro 3: Mais de uma letra representando um mesmo fonema

Som	Posições	Letras	Exemplos
[s]	Entre vogais	SS	Nossa
	Antes de a, o, u	Ç	Moça
		SÇ	Nasça
	Entre vogais antes de e, i	SS	Passeio
		C	Acenar
		SC	Descendente
	Precedido por consoante antes de a, o, u	Ç	Calça
		S	Bolsa
	Precedido por consoante antes de e, i	S C	Perseguir percevejo
[z]	Entre vogais	S	Asa
		Z	Moleza
		X	Exército
[ʃ] pela chiente surda	Antes de vogal	CH	Chave
		X	Xale
	Antes de consoante	S	Mescla
		X	Texto
	Final de palavra	S Z	freguês matriz
Chiente sonora	Início ou meio de palavra	J	Canjica
	Antes de e, i	G	Geleia
[u]	Final de sílaba	U	Véu
		L	Mal
Zero	Início de palavra	Zero	Ontem
		H	hoje

Fonte: Adaptado de Lemle (2002, p.24)

Ao iniciar seus estudos, muitos alunos se deparam com visões estereotipadas da língua quando a maior parte dos professores têm uma visão dicotômica entre fala e escrita, e muitos

acreditam que a escrita é a cópia da fala. Como grande parte dos alunos já chega à escola dominando a língua oral, a aprendizagem da escrita pode ser sofrida e demorada, e pode causar nos aprendizes um sentimento de incapacidade, principalmente quando se veem diante da escrita ortográfica, muitas vezes, distante do que, de fato, a língua em uso representa para eles.

A escola assume a função de promotora da correção em favor de variantes de prestígio, revelando sua visão dominante de língua (MOLLICA, 2016). Para alguns alunos, a escrita pode se tornar uma atividade difícil, longe de sua realidade, distante do que eles enxergam como Língua Portuguesa, uma vez que o seu conhecimento sobre a língua não é levado em consideração, representando a negação de sua cultura.

Apesar de a ortografia ser uma convenção que padroniza a escrita, anulando a variação linguística no sentido de uniformizar a forma de escrever, observa-se em diversos contextos de uso a variação ortográfica, possivelmente associada aos contínuos de monitoração de Bortoni-Ricardo (2004). A escrita utilizada por muitos sujeitos falantes de Língua Portuguesa em mídias reiteradamente apresenta-se em desacordo com as regras ortográficas, quando utilizam abreviaturas, expressões do seu próprio dialeto, *emoticons*, letras misturadas com símbolos e palavras escritas de forma a não contemplar a ortografia.

Essa forma de se comunicar por meio da escrita em ambientes digitais, conhecida como “internetês”, torna-se muito comum entre os usuários de internet e aplicativos de comunicação. A comunicação se dá muito naturalmente entre os falantes e evidencia a variação ortográfica, associada à situação comunicativa e à variação estilística, pois é uma representação da língua em uso. Nesse sentido, há um preconceito envolvido nos usos da língua escrita nos meios digitais, que resulta da visão dicotômica da língua, reduzida a certo e errado.

Segundo Faraco (2017, p. 140),

A ortografia não é apenas uma questão técnica que possa ser discutida em abstrato. É também uma questão de amplo alcance educacional, cultural, político e econômico. Nela se emaranham costumes, disposições políticas, preferências de certos momentos históricos, além, claro, de referências às propriedades fonológicas da língua. Trata-se, portanto, de um complexo tecido de filigranas no qual não cabe mexer sem cuidadosa análise e nunca além de pequenos ajustes.

A ortografia não deve ser apenas o estudo de regras que definem a maneira “correta” de escrever as palavras da Língua Portuguesa. O ensino da ortografia deve promover a reflexão sobre a língua e os seus usos pela sociedade. Esse ensino não deve se resumir a correções sem

reflexão a respeito da língua e sua relação com a sociedade. Dessa forma, o ensino da ortografia deve considerar a língua em uso para que os alunos percebam valores culturais e históricos por meio dos usos da língua escrita.

Segundo Barton (p. 13, 2015) “A linguagem é essencial na determinação de mudanças na vida e nas experiências que fazemos. Ao mesmo tempo, ela é afetada e transformada por essas mudanças”. É o que se observa na linguagem utilizada na internet que combina uma extensa variedade de semioses em um mundo de sentidos, constituído por textos.

Nesse sentido há uma reapropriação das formas de escrita para a adequação a diferentes propósitos comunicativos. Em ambiente online os usuários não aplicam o mesmo conjunto de características de comunicação mediada por computador a qualquer contexto. Os usuários utilizam de recursos diversos para adequarem a linguagem ao objetivo da situação comunicativa (BARTON, 2015).

Isso significa que a comunicação que acontece pela internet é determinada pela maneira como as identidades sociais se revelam na escolha de determinadas características e estilos linguísticos (BARTON, 2015). A variação ortográfica está diretamente relacionada aos Contínuos de Monitoração (BORTONI-RICARDO, 2004) e ao estilo que o evento de comunicação acontece, com muita frequência, em espaços online ou offline.

Por exemplo, os alunos se veem diante de um impasse quando vivenciam a variação ortográfica com muita frequência quando se comunicam pelo WhatsApp ou pelo Facebook. Nessas redes sociais, o uso da linguagem é marcado por situações de estilos variados em que a ortografia aparece de formas diferentes.

Na modalidade falada não há preocupação com a convenção ortográfica da língua, uma vez que a fala acontece de forma espontânea, obedecendo a outras especificidades, próprias da organização da comunicação, dos atos de fala. Uma palavra escrita com **g**, mas que apresenta o som de **j**, continuará a mesma palavra, tendo os mesmos sons, antes de vogais como **e** e **i**. Por exemplo, a palavra *gesso*, escrita com **g**, continua a mesma, foneticamente, se for escrita com **j**, *jesso*. Ou quando se substitui as consoantes que representam o som da letra **s** em palavras como *acesso*, *piscina*, *explicação*; se houver a troca do **s** por outra consoante com mesmo som, a palavra continua a mesma foneticamente: *assesso*, *picina*, *esplicação*. Segundo Massini-Cagliari,

Na verdade, o que acontece é que as formas ortográficas não representam a fala de ninguém – sua função é basicamente, anular a variação linguística no nível da palavra. Portanto, eu posso falar “BAUDGI”, meu vizinho “BAUDI”, um conhecido, “BARDGI”, e um amigo do Sul, “BALDE”, mas todos escrevemos “BALDE”, não porque esta forma representa uma “pronúncia correta” (o que não é verdade), mas porque houve um consenso, na sociedade, de que todos devem escrever esta palavra assim. Não adianta ficar se perguntando o porquê de se ter escolhido esta forma e não outra (por exemplo, “BAUDE”) já que esta escolha esbarra em questões históricas, que nos escapam com o passar dos anos. (MASSINI-CAGLIARI, p. 124, 2001).

De fato, a língua escrita, ensinada e aprendida na escola, é regida por um conjunto de regras, definidos pela ortografia. Isso significa que há um padrão para a língua escrita, o qual não pode ser desconsiderado, pois ele é definido pela ortografia. Todavia, a comunicação acontece de forma que entre o grupo de adolescentes, de uma mesma comunidade, que compartilham a mesma cultura e os mesmos costumes, a ortografia é infringida e a língua aparece de maneiras muito diferentes daquelas estabelecidas pela convenção ortográfica.

Segundo Cagliari,

Com a internet, a comunicação ficou rápida demais, ficou abundante demais, ficou livre demais, sendo uma boa oportunidade para adolescentes manifestarem sua liberdade e marcarem a própria individualidade no mundo dos adultos, fugindo do mundo das crianças. (CAGLIARI, L.C. *In*: SILVA, M., 2015, p.45)

Dentre as mudanças na comunicação, observadas principalmente por meio da linguagem, estão as palavras novas como “eae”, “affss”, “ae”; abreviações “cmg”, “ctz” “nd”, por exemplo.

A variação ortográfica presente na escrita nas redes sociais reforça o caráter mutável da língua, representando grandes variações linguísticas. A princípio, as diferentes formas de redigir uma mesma palavra causam estranhamento pelo fato de não estarem de acordo com o padrão ortográfico estabelecido para língua escrita. Por isso, o “internetês” é visto, muito comumente com preconceito e para alguns representa uma ameaça ao “bom português”.

O “internetês” é um tema muito presente no ambiente escolar. Esse dialeto é uma tentativa de comunicar-se na mesma velocidade e espontaneidade da modalidade oral da língua. Em se tratando de aspectos fonológicos, conversações desse tipo buscam reproduzir a mesma velocidade das orais presenciais, mais próxima e fluente da forma natural. Segundo pesquisa

do IBGE (2009), existem mais de 85 milhões de usuários de internet no Brasil, um fato expressivo que não pode ser ignorado (XAVIER, 2014).

Segundo Xavier, “Já são mais de 85 milhões de usuário de internet no Brasil, que passam mais de 45 minutos por mês lendo e escrevendo textos em gêneros digitais” (XAVIER, *In*: ELIAS, 2014, p.167). A geração que nasceu depois de 1990, a Gnet, geração dos Nativos Digitais, corresponde aos alunos para os quais estamos ensinando sobre a Língua Portuguesa. Isso significa que os alunos de ensino fundamental fazem parte dessa geração que nasceu já inserida na evolução digital que é natural para eles (XAVIER, 2014).

Esse dialeto é visto com preconceito pela maioria da sociedade, pois dificultaria a aprendizagem do sistema de notação alfabético do português. É também mal compreendido e muitas vezes interpretado como uma ameaça ao português. Considerando o “internetês” como um dialeto, não há possibilidade de representar algum tipo de ameaça à Língua Portuguesa, exatamente por fazer parte da língua como uma variedade. É nesse sentido que deve agir o professor para orientar os alunos a ponderar onde e quando não pode escrever com esse dialeto (XAVIER, 2014).

De fato, a variação linguística, sobretudo a ortográfica, é algo real, principalmente na vida dos alunos, nativos digitais, que representam uma grande parcela da população que nasceu cercada pelas mídias digitais (BARTON, 2015). As variadas formas de comunicação por meio de uma linguagem típica da internet, constituída por abreviações, novas palavras e expressões que imitam a fala está cada vez mais presente nas atividades diárias dos alunos. Esse uso real da língua, envolvendo práticas sociais por meio de textos diversos não pode ser desconsiderado, principalmente porque representa a variação linguística natural, estabelecendo uma relação direta entre a sociedade e a língua.

Além do ambiente virtual, em gêneros midiáticos, a literatura é repleta de exemplos em que ocorre a variação ortográfica, necessária ao estilo do gênero para garantir o efeito de sentido desejado com o texto. Um autor referência para verificação de variação linguística, sobretudo a variação ortográfica, é Graciliano Ramos. Em seus textos, o autor utilizou de vários exemplos de variação ortográfica, regionalismos e expressões típicas de sua região – em *Vidas Secas*, por exemplo, há a presença de regionalismos e neologismos – essenciais para o efeito de sentido e o estilo tanto do gênero quanto do autor.

O ensino reflexivo da língua proporcionado pela Sociolinguística Educacional propõe uma análise reflexiva sobre os usos variados da língua, mediados pela variação estilística. A proposta não é impor um padrão melhor ou pior para a língua, mas sim estabelecer a conscientização de que a língua é muito mais que um conjunto de regras a serem decoradas. Acreditamos que uma reflexão sobre os usos variados da língua, representando a cultura, a história, os costumes e a identidade de uma sociedade, em diferentes momentos e gêneros textuais, configura-se como um ensino muito mais conciso e capaz de contribuir para a formação de sujeitos cultos, competentes e menos preconceituosos com relação à língua.

2.4 O preconceito linguístico associado à ortografia

A ortografia representa na sociedade um tipo de conhecimento imprescindível a quem é inteligente, estudioso e “bom” em português. Essa afirmação representa um forte preconceito em relação aos usos da língua: quem não apresenta problemas relacionados à escrita ortográfica é visto como aquele que sabe bem o português, já quem tem dificuldades com as convenções ortográficas não são bem vistos e recebem alguns rótulos pejorativos.

É muito comum nos depararmos com material produzido pela mídia enaltecendo crenças e preconceitos em relação à ortografia. A mídia critica muitos usos da língua de forma incisiva, relacionando muitos deles a “erros” de português e de ortografia. Essa visão preconceituosa prejudica o entendimento do que seja a Língua Portuguesa para além de regras de gramática e de ortografia e contribui para a idealização de que existe um modelo de língua correto que deveria ser falado e escrito por todos.

A exemplo disso, deparamo-nos frequentemente com reportagens que apresentam como tema principal os “erros” de português relacionados a “erros” de ortografia. Para a proposta de intervenção apresentada nesta dissertação, selecionamos duas reportagens⁷ dessa natureza. Nesse material fica evidente a visão idealizada de uma norma linguística cujos elementos não admitem variação e ainda serve de parâmetro para comparação entre níveis de conhecimentos.

⁷ Reportagem 1: G1 TO, Globo. Disponível em: <http://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2017/01/erros-de-portugues-comuns-na-web-podem-prejudicar-busca-por-emprego.html>. Acesso em 30 de janeiro de 2019.
Reportagem 2: Nacional, Globo. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/05/erros-de-ortografia-reprovam-406-de-estudantes-em-teste-para-estagio.html>. Acesso em 30 de janeiro de 2019.

A propagação da ortografia como um modelo padrão de língua mostra que ainda há um pensamento retrógrado que considera a fala e a escrita como polos opostos de representação de modalidades da língua. Outrossim, considerando a escrita ortográfica como o “correto” para a língua, fica claro que a escrita seria o modelo ideal justamente por ser formal e organizada, enquanto a fala seria desorganizada e não necessitaria de planejamento ou formalidades. Ainda hoje há esse tipo de comparação que reduz a língua a julgamentos de certo e errado.

Segundo Bagno,

A reflexão mais avançada em termos de relações entre a fala e escrita postula a existência de um espectro contínuo que vai do mais falado para o mais escrito, espectro atravessado pela variação estilística, que vai do gênero textual menos monitorado para o gênero textual mais monitorado (lembrando que a palavra texto se aplica tanto ao que se fala quanto ao que se escreve). (BAGNO, 2013, p. 89).

Desse modo, as implicações do preconceito existente entre a escrita ortográfica e a variação linguística, a qual não se configura como erro, são graves a ponto de identificar, categorizar e classificar as pessoas por meio de um padrão idealizado. Quem escreve em desacordo com regras ortográficas, geralmente, não é bem visto pela maioria da sociedade, porque isso é sinônimo de falta de inteligência, competência, dentre outros.

Não se pretende com essa análise associar a escrita à liberdade de escrever de qualquer maneira. A comunicação se dá por meio dos gêneros do discurso que pressupõem os elementos – conteúdo temático, construção composicional e estilo – determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação e da atividade humana. Por isso, os enunciados produzidos pela linguagem no processo de comunicação são variáveis e definidos pela situação comunicativa. (BAKHTIN, 2003)

Comprovando a tese de Bakhtin, a linguagem é uma instituição multifacetada, que compreende todas as atividades humanas. Portanto, a língua é utilizada em uma conversa entre amigos em uma festa, como é utilizada em uma homilia em uma missa dominical. Assim como pode-se escrever uma mensagem a um amigo, convidando-o para um jogo de futebol entre amigos, como também pode-se escrever uma ata em uma reunião para prestação de contas de uma empresa. Em todas as situações a língua aparece em modalidades e situações comunicativas diferentes, com uma linguagem adequada ao gênero proposto.

As mensagens trocadas pelo aplicativo são determinadas pelo estilo variável das situações comunicativas diversas das quais as pessoas participam. Assim, por meio do

WhatsApp, as mensagens podem ser informais, observando-se a intimidade entre os falantes, o objetivo da conversa e o ambiente onde acontece. Mas também podem ser formais de acordo com a variação estilística que define o evento comunicativo, como uma conversa entre o chefe e os funcionários.

Em nenhuma das situações comunicativas exemplificadas há um “erro” de português. Por seu caráter pluricultural e multifacetado, a língua possibilita todos os tipos de comunicação possíveis dentro do sistema linguístico. Em função disso, a idealização de “erro” não se aplica ao conceito de língua. O gênero permite adequações ou inadequações de acordo com a situação comunicativa.

Por isso, a variação estilística está diretamente relacionada à variação ortográfica, anteriormente discutida, uma vez que o estilo é um dos elementos dos gêneros do discurso que é, em sua essência, variável. Ademais, o preconceito linguístico existente entre a ortografia e a variação na língua precisa ser problematizado, pois resulta em situações de julgamentos sociais, excluindo de oportunidades profissionais e pessoais, aqueles que destoam do modelo idealizado de língua.

3. METODOLOGIA

Este estudo configura-se como uma pesquisa-ação, pois a partir de sua metodologia proporcionou condições para produzir informações e conhecimentos de uso em nível pedagógico (THIOLLENT, 1994). Trata-se de uma pesquisa de ordem qualitativa, porque busca-se, com ela, entender um fenômeno em sua profundidade a partir de análises e descrição de sua complexidade e da interação de variáveis.

O pesquisador propôs estratégias de ensino para o professor de Língua Portuguesa, reforçando as ideias da pedagogia culturalmente sensível para o ensino da ortografia, visando o desenvolvimento da autonomia dos alunos ao utilizar as várias formas de comunicação por meio da língua escrita (BORTONI-RICARDO, 2001). Os resultados da pesquisa serviram de base para o trabalho destinado ao ensino de ortografia em uma perspectiva variacionista, evidenciando a variação estilística na escrita.

Este estudo segue o método da pesquisa-ação por ser um método inovador que concilia a participação, a democracia e a contribuição à mudança social. Com isso, acredita-se que com a pesquisa-ação a visão preconceituosa que permeia a escrita e a ortografia, motivando julgamentos, visões equivocadas em relação ao uso da escrita em diferentes ambientes, poderá ser ressignificada à medida que os alunos poderão reconhecer sua prática de escrita de uso real, sua cultura e sua própria identidade.

A presente pesquisa constituiu-se de três etapas, a saber: bibliográfica, para melhor compreensão do tema pesquisado; investigação de problemas relacionados ao ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, sobretudo da ortografia; e elaboração de material para intervenção em sala de aula. A pesquisa teve a duração de dois anos, incluindo o processo de estudo, a identificação de dificuldades nas estratégias de ensino, análise e aplicação das atividades elaboradas em formato de oficinas.

Esta pesquisa foi realizada com um grupo de dezenove alunos, cursando o 8º ano do Ensino Fundamental, de uma escola da rede pública, situada no município de Uberlândia, em Minas Gerais. As atividades da pesquisa foram realizadas de modo que todos os alunos participassem e se envolvessem com as oficinas.

Como produto final, a fim de contribuir para o ensino de Língua Portuguesa no Brasil, amenizando problemas de natureza ortográfica, foram organizadas oficinas a partir de

sequências de exercícios ortográficos, apontando questões sobre a ortografia e suas regras, além de proporcionar o contato com textos variados para análise e reflexão sobre a língua. Com o intuito de que o aluno pense sobre a sua própria língua e saiba como utilizá-la nas diversas práticas sociais as quais a sociedade exige dos indivíduos por meio de modalidades da língua, as atividades das oficinas foram baseadas em um Caderno de Atividades, contendo as orientações para as oficinas.

A proposta de intervenção das atividades foi orientada pelos três sistemas de identificação de dificuldades na relação com a escrita apresentados por Vieira (2007), apoiada nos estudos de Lemle (1988). Além disso, a reflexão que se pretendeu com as leituras dos textos dos eventos comunicativos apresentados nas oficinas, fundamentou-se nos conceitos da Sociolinguística Educacional de Bortoni-Ricardo (2004), bem como a análise da língua por meio do Contínuo de Monitoração Estilística.

Utilizamos o formato de oficinas, pois acreditamos que dessa forma os alunos poderiam participar mais ativamente das atividades e, conseqüentemente, aprender com mais facilidade. Oficinas Pedagógicas constituem o lugar do vínculo, da participação, da comunicação, da produção social de objetos, acontecimentos e conhecimentos. É a troca de experiência entre os participantes por meio de brincadeiras que incidem o pensamento, o sentimento e a ação (GONZÁLEZ, *apud* CANDAU, 1995).

Considerando que as oficinas se constituem como um espaço de troca de saberes e de interação, as atividades baseadas em dinâmicas, coletivas e individuais, proporcionam ao aluno momentos para expor seus conhecimentos e assimilar novos saberes. A troca de experiência e interação acontece porque o professor não se coloca como detentor único do conhecimento. A relação entre professor e aluno se dá de forma dialógica, possibilitando aprendizagens múltiplas a ambos envolvidos por meio de estratégias que aliam teoria e prática.

Na esperança de superar a distância existente entre a teoria e a prática, as Oficinas Pedagógicas levam em consideração as experiências vividas no dia a dia, para que haja o aprendizado e a transformação do ser humano e do espaço em que vive. Partindo do que o aluno já sabe, do que lhe é comum, optamos por aplicação de oficinas como forma de intervenção didática para que os alunos pudessem ampliar o seu repertório linguístico, considerando o que utilizam em suas tarefas diárias.

O convívio com os alunos em sala de aula nos fez perceber que o WhatsApp é o meio de comunicação online mais utilizado por eles. Por isso, decidimos partir do uso da língua escrita em mensagens de WhatsApp para dar início às oficinas, e tratar sobre as convenções da escrita. Acreditamos que considerar o que o aluno utiliza em seu dia a dia e o que ele já sabe por suas experiências, como o uso frequente do WhatsApp para se comunicar, torna o ensino das convenções da língua escrita mais eficaz e real.

Dessa forma, as oficinas foram elaboradas de modo que os alunos participassem da construção do conhecimento, discutindo e expondo suas opiniões sobre temas variados. Assim, a maioria das atividades foram pensadas para que os alunos participassem oralmente das discussões, evidenciando suas opiniões e dúvidas sobre o preconceito linguístico, manifestado em todas as modalidades da língua.

A próxima seção tratará do perfil dos participantes da pesquisa, indicando público-alvo o qual participou das atividades desenvolvidas nas oficinas.

3.1 Participantes da Pesquisa

Os alunos selecionados para participar das oficinas foram adolescentes com idades entre 13 e 14 anos, estudantes de uma escola municipal que integra a rede de escolas da cidade de Uberlândia, todos cursando o 8º ano do Ensino Fundamental. A turma na qual a pesquisa foi aplicada contava com vinte oito alunos que participaram efetivamente da pesquisa.

A maioria dos alunos são de classe média baixa, moradores de uma região periférica da cidade de Uberlândia-MG, residentes no entorno do bairro Nossa Senhora das Graças, onde se localiza a escola. A maior parte deles possui celular com acesso à internet e computador também com acesso à internet em casa. Fato esse que facilitou a realização de algumas atividades da proposta didática, como por exemplo as que exigiam pesquisa prévia.

As turmas de 8º ano desta escola são compostas por alunos esforçados, todos cursando a série condizente com as suas idades, não apresentando nenhum aluno repetente. Os alunos são muito participativos e colaboraram bastante com a nossa proposta didática. Apesar de já estarem cursando o 8º ano, os alunos tinham uma deficiência em sua formação acadêmica com relação aos estudos sobre variação linguística, pois foram ensinados de acordo com um ensino tradicional e preconceituoso, que não proporcionava qualquer reflexão sobre os usos da língua.

A próxima seção descreverá, em linhas gerais, a escola onde a pesquisa foi aplicada, ressaltando seu perfil e a maneira como é dirigida.

3.2 Local de Aplicação da Pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola da rede municipal da cidade de Uberlândia-MG, a qual atende as séries de 1º período da Educação Infantil até o 9º ano do Ensino Fundamental, além de atender também a Educação de Jovens e Adultos.

A escola é referência para diversos bairros da zona Norte da cidade de Uberlândia, apresentando um público bastante diversificado, com alunos moradores no entorno da escola e também em bairros vizinhos. É uma escola muito comprometida com seu papel formador, a qual já recebeu vários prêmios de participação em concursos.

Sob a direção de professores muito competentes e dedicados ao seu trabalho, a pesquisa teve todo o suporte necessário para ser desenvolvida e o reconhecimento de ser um trabalho enriquecedor para os alunos. Com uma organização sempre favorável ao professor, a escola conta com dois laboratórios de informática, devidamente equipados e climatizados, que foram essenciais para o desenvolvimento das oficinas, possibilitando momentos muito produtivos com os alunos.

A próxima seção, tratará das oficinas desenvolvidas como propostas de intervenção didática para o ensino reflexivo da ortografia. A seção destina-se a descrever o formato das oficinas, pensadas a partir dos pressupostos da Sociolinguística Educacional para um estudo da língua por meio de usos reconhecidos em práticas sociais condizentes com a realidade dos alunos.

3.3 Oficinas

Contemplando os estudos sobre o tema pesquisado: estratégias para um ensino reflexivo da ortografia baseado nos preceitos da Sociolinguística Educacional, elaboramos cinco Oficinas as quais abordaram temas pertinentes à discussão pretendida.

A **Oficina 1**, apresentou a introdução ao assunto, sob o título “*Pensando sobre a língua que falamos e escrevemos*”. A sequência das atividades foi direcionada por slides contendo

temas para serem discutidos pelo professor e pelos alunos. A discussão proposta na Oficina 1 abordou as variações presentes na língua escrita em mensagens do WhatsApp que foram discutidas por meio de questões de debates. Além disso, foram realizadas algumas leituras de reportagens sobre a forma como a língua escrita, bem como a ortografia, são vistas em nossa sociedade. O objetivo principal da Oficina 1 foi introduzir um debate que promovesse a reflexão sobre a língua escrita e seus diferentes usos. As questões direcionaram o debate para uma ressignificação do conceito de erro, considerando a situação comunicativa em que a língua escrita aparece.

Os objetivos centrais da Oficina 1 foram refletir sobre manifestações da língua escrita mais próximas da realidade possível, como nas conversas de WhatsApp analisadas; despertar nos alunos uma visão crítica sobre usos da língua e os conceitos de certo e errado impostos pelo preconceito linguístico. A Oficina 1 foi dividida em duas etapas, por isso, na primeira etapa foram gastas 2 aulas de 50 minutos cada, e a segunda etapa foi desenvolvida em 3 aulas de 50 minutos cada, totalizando 5 horas/aulas de 50 minutos cada para a execução de todas as atividades.

A **Oficina 2**, apresentando o título “*Ortografia*”, foi elaborada de modo que fosse apresentada à turma a ortografia, suas funções e particularidades, observando os tipos de regras as quais constituem o sistema de escrita da Língua Portuguesa. As atividades foram elaboradas de modo que o professor pudesse mediar as discussões por meio de leituras de textos diversos e questões de debate em função da construção do conhecimento sobre usos da língua escrita em que a ortografia passa a ser uma exigência devido ao gênero em foco. Para essa oficina foram adotadas as seguintes estratégias para o estudo das regras ortográficas: Exercícios ortográficos e jogos online, como Jogo da Forca e Jogo de Palavras Cruzadas.

Os objetivos da Oficina 2 foram introduzir os conceitos sobre a ortografia; promover a reflexão sobre manifestações linguísticas diversas; rever o conceito de erro; estudar as regras ortográficas por meio de atividades lúdicas que são os jogos online⁸. As atividades foram realizadas em quatro horários de cinquenta minutos cada, assim distribuídos: dois horários foram destinados à exposição dos conteúdos e discussão dos textos e os outros dois horários foram utilizados para os alunos jogarem.

⁸ Retirados do site: <https://cruzadasclub.com.br/jogo/i/id/1479/cruzadas-classicas-273/> e <https://www.soportugues.com.br/secoes/jogos/forca/forca.php>

Na **Oficina 3**, destacamos o Jogo Soletrando como uma opção de atividade lúdica para o estudo de algumas regras ortográficas. O objetivo do jogo é proporcionar momentos de estudo de algumas palavras, observando a sua escrita ortográfica e a relação entre fonema/grafema. Além disso, essa atividade foi elaborada com o intuito de mostrar aos alunos a importância da ortografia para a língua escrita e as diferenças sonoras existentes entre letras, como a escrita de palavras com o som da consoante *s*, por exemplo, as quais não apresentam uma relação biunívoca.

Os objetivos da Oficina 3 foram estudar sobre a relação de representação fonema-grafema; refletir sobre algumas regras ortográficas e trabalhar com a criação de hipóteses de escrita em relação às regras ortográficas. A preparação para o jogo – criação das listas de palavras pelos grupos e definição da lista de palavras do jogo – foi realizada em um horário de cinquenta minutos e o jogo em si foi realizado em dois horários de cinquenta minutos cada.

A **Oficina 4**, “*Variação Estilística*”, foi elaborada com a intenção de mostrar aos alunos a variação estilística presente na língua, em suas modalidades escrita e falada. A proposta enfoca diversos exemplos de gêneros textuais nos quais são observadas diferentes maneiras de uso da língua, umas em que a ortografia é uma exigência e outras em que o gênero e a situação comunicativa permitem que a variação aconteça também na ortografia. Apresentamos o Contínuo de Monitoração Estilística nesta Oficina, explicando as diferentes formas de analisar o uso da língua, com o intuito de ampliar os conhecimentos linguísticos dos alunos e amenizar o preconceito existente entre formas “certas” e “erradas” de uso da língua, principalmente a escrita.

Os objetivos centrais da Oficina 4 foram desenvolver a reflexão crítica nos alunos a respeito da variação linguística; contribuir para o aumento do repertório linguístico dos alunos a partir de textos diversificados; apresentar o Contínuo de Monitoração Estilística como nova forma de analisar a Língua Portuguesa. Para essa oficina foram gastos dois horários de cinquenta minutos cada

Pensando em um momento em que os alunos pudessem praticar o que foi discutido até o momento nas oficinas, elaboramos uma oficina para finalizar as atividades de reflexão sobre os usos da língua escrita e falada e sua relação com a ortografia. Nestas atividades, pensamos em utilizar estratégias de leitura diversificadas para o trabalho em grupo, observando o ambiente, o interlocutor e o tópico da conversa em cada situação comunicativa proposta. Na

Oficina 5, “*Monitoração Estilística*”, os alunos foram os protagonistas dos estudos, analisando situações de uso da língua e representando esquetes de eventos comunicativos diversos.

Para essa oficina, nossos objetivos centrais foram no sentido de que os alunos pudessem pôr em prática o que aprenderam com as oficinas anteriores, analisando eventos comunicativos de acordo com o Contínuo de Monitoração Estilística e apresentar esquetes envolvendo eventos comunicativos diversos. Para o desenvolvimento dessa oficina foram gastos dois horários de cinquenta minutos cada, tempo suficiente para os grupos apresentarem suas análises dos eventos comunicativos e apresentarem seus esquetes. A produção de texto final poderá ser realizada tanto em casa quanto em sala de aula, ficando a critério do(a) professor(a).

A estratégia de se utilizar Oficinas deveu-se ao fato de que a participação dos alunos é extremamente importante para a construção do conhecimento que se pretende com as atividades. Assim, a união entre a teoria e a prática é oportuna para o ensino reflexivo da língua, pois possibilita a aplicação dos conceitos estudados em atividades práticas como análise de eventos comunicativos diversos e apresentação de esquetes em que a situação comunicativa muda de acordo com a Variação Estilística.

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA APLICAÇÃO DA INTERVENÇÃO DIDÁTICA

Este capítulo destina-se a descrever as atividades desenvolvidas por meio das oficinas, detalhando aspectos positivos e negativos. Observamos muitos pontos positivos, que favoreceram o aprendizado dos alunos e que os fizeram despertar para algumas situações envolvendo a língua que caracterizam fortemente o preconceito linguístico e ter uma visão mais crítica a esse respeito.

Alguns pontos negativos foram destacados como algumas atividades que não despertaram o interesse dos alunos e eles não se envolveram o suficiente para um bom resultado da atividade. Consideramos essa observação como um aprendizado e constatamos que as atividades devem ser adaptadas e melhoradas conforme a necessidade dos alunos e o contexto da sala de aula.

Organizamos este capítulo de forma que as cinco oficinas fossem contempladas na descrição. Assim, apresentamos o subtítulo referente ao título da oficina e também as identificamos pela numeração que se estende do número um até ao número cinco.

O texto da descrição das oficinas segue a sequência das atividades desenvolvidas de acordo com os slides apresentados em cada uma. Dessa forma, a descrição de cada atividade segue a ordem que aparece nos slides das oficinas, que se encontram em anexo.

Ressaltamos que a pesquisa passou por modificações após análise posterior, contribuindo, assim, para o cumprimento dos seus objetivos e aprimoramento das atividades da proposta de intervenção.

Oficina 1 - Pensando sobre a Língua que Falamos e Escrevemos

A intervenção didática elaborada para o ensino da ortografia por meio de uma proposta reflexiva foi embasada teoricamente pela Sociolinguística Educacional, visando a um estudo da língua em uso associado ao conceito de sociedade. Com o intuito de ampliar o repertório linguístico dos alunos, bem como alertá-los quanto ao poder que a língua exerce sobre a sociedade, evidenciado pelo forte preconceito e o padrão de julgamentos pela forma como a utilizamos, seja escrita ou falada, as atividades propostas permitem amplas discussões sobre a

forma como o português é ensinado na escola e como os próprios alunos lidam com relação entre a língua e a sociedade.

Para a reflexão sobre os conceitos de certo e errado atrelados à língua e seus diversos usos, as atividades propõem uma análise da variação presente na língua, tanto escrita quanto falada, ressaltando a cultura, a diversidade e a identidade de uma sociedade que está em constante transformação.

A Oficina 1 foi elaborada a partir do tema da relação entre a fala e a escrita por meio de textos para introduzir algumas reflexões sobre a língua escrita e a interferência da fala sobre ela. Foram utilizados textos de conversas de WhatsApp para discussão da relação entre a fala e a escrita. Acreditamos que a leitura de textos de gêneros variados nos possibilita perceber a variação presente na língua escrita, envolvendo a variação na ortografia. As discussões propostas serviram de mote para a reflexão acerca da ortografia, evidenciando situações em que a monitoração do evento comunicativo não exige o cumprimento rigoroso da ortografia.

Durante a realização das atividades da Oficina 1, a professora atentou-se a observar o desenvolvimento das discussões, as análises feitas pelos alunos com relação aos slides apresentados. Para tanto, a análise dos dados foi realizada qualitativamente, mediante as anotações para cada atividade realizada.

O ensino reflexivo da ortografia que se pretendeu com as atividades da Oficina 1 é a percepção da variação linguística a partir do que os alunos já utilizam nas conversas de WhatsApp em suas atividades diárias. Observando as situações de uso da língua escrita, pretende-se refletir, com a atividade, sobre quando o gênero e o evento comunicativo exigem a monitoração da língua para o uso ou não das regras ortográficas e as formalidades da língua.

A Oficina 1 foi dividida em duas etapas para melhor esclarecimento do tema e dos conceitos apresentados. A primeira etapa da Oficina 1 teve a duração de 2 horas/aulas de 50 minutos cada. Os alunos se reuniram no laboratório de informática, onde as atividades das oficinas foram programadas previamente para serem desenvolvidas. A professora projetou no Datashow, disponível no laboratório de informática da escola, slides contendo os temas para as discussões.

Na primeira aula, os alunos foram orientados a discutir sobre a questão “Pensando sobre a língua que falamos e a língua que escrevemos”. A discussão seguiu abordando as diferenças entre a língua escrita e a língua falada e como a Língua Portuguesa se manifesta nos dois

segmentos. Os alunos demonstraram entendimento com relação à diferença entre a fala e a escrita e responderam que a língua é a mesma, porém é diferente quando é falada e quando é escrita. Por exemplo, segundo alguns alunos, quando falamos somos mais livres, mais espontâneos e usamos alguns sons e expressões que não usamos na língua escrita, como gírias, já na escrita, somos mais cuidadosos, não usamos determinadas expressões e, muitas vezes, nos preocupamos com a “forma correta de escrever”. A partir dos comentários de alguns alunos, ficou evidente a necessidade de se discutir temas relacionados à variação linguística, aos conceitos de certo e errado, à falsa dicotomia entre fala e escrita, bem como o preconceito linguístico.

Para a maioria dos alunos, a crença de que a língua falada é informal e a língua escrita é formal é predominante. Neste viés, a variação linguística estaria presente na fala e a escrita seria regida por um padrão linguístico correto, que não admitiria variação. As atividades que compuseram as oficinas proporcionaram momentos de discussão sobre temas variados relacionados ao preconceito linguístico arraigado na sociedade.

Nesse momento a professora fez um breve histórico sobre a origem da escrita, frisando a importância da fala para os seres humanos que desenvolvem esta habilidade naturalmente, diferente da escrita que precisa ser ensinada. Os alunos comentaram sobre como parece que a escrita é muito mais importante do que a fala e que as pessoas precisam utilizar a escrita o tempo todo em suas atividades: utilizar um transporte público, fazer compras, usar a internet, assistir a programas de televisão, em inúmeras atividades que envolvem o trabalho, pedir comida por telefone ou por aplicativos de celular, em processos seletivos, para dirigir, e para serem inseridas na sociedade, dentre outros exemplos que os alunos foram indicando durante a discussão.

Os alunos logo associaram o fato de a escrita ser uma habilidade desenvolvida por meio de ensino formal pela escola aos conceitos de certo e errado que compartilham fortemente entre si e que está vinculado a um preconceito linguístico que a própria escola veicula quando ensina apenas a variedade que está mais associada àqueles de cultura letrada e de classe social mais privilegiada. Ao iniciarmos a discussão sobre o caráter mutável e flexível da língua, revelando a impossibilidade de desvincular a relação entre a língua e a sociedade, a maioria dos alunos demonstrou que possui um preconceito linguístico com a própria maneira com que falam e escrevem, bem como com seus dialetos, nesse caso, a maioria, o falar mineiro. Para muitos dos

alunos da turma, existe um jeito de falar “correto”, livre de sotaques e expressões linguísticas que revelam a origem da pessoa. Assim como na escrita em que eles consideram que há uma forma “certa” de escrever, que exclui outras manifestações da língua escrita, como o “internetês”, que está insistentemente presente no cotidiano dos alunos.

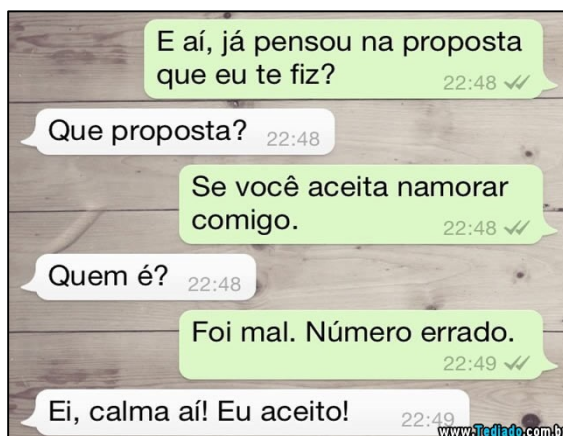
Diante disso, observamos essas e outras situações em que se faz necessária a discussão que problematize questões que envolvem o preconceito linguístico. Dessa forma, é inegável perceber os efeitos de um ensino de Língua Portuguesa que preconize um jeito de falar que tenta imitar a escrita das palavras, como se fosse o jeito “certo” de falar.

Segundo Bagno (p. 52, 2007) “É claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada ‘artificial’ e reprovando como ‘erradas’ as pronúncias que são resultado natural das forças internas que governam o idioma.” Assim, consideramos relevante discutir essas questões com os alunos para que a consciência crítica comece a ser desenvolvida e o preconceito com o modo de falar das pessoas não se torne uma situação natural e corriqueira.

Ao analisarmos as mensagens, os alunos confirmaram que o aplicativo para comunicação que eles mais usam é o WhatsApp porque é mais rápido e prático. Disseram também que quando estão se comunicando através do WhatsApp não se atentam tanto para a escrita formal porque geralmente conversam com pessoas de mais intimidade, mas se fossem se comunicar com alguém diferente escreveriam mais formalmente e se preocupariam mais com a escrita “correta” das palavras.

Os alunos perceberam que a língua que aprendem na escola é diferente da que usam em suas atividades diárias, pois a escola não considera o que é diferente, apenas mostra o que é “certo”, sob o ponto de vista da gramática prescritiva, desconsiderando variações que acontecem também na escrita. O posicionamento de muitos professores contribui para o aumento desse preconceito com relação à variação, pois diante de situações de uso da língua que caracterizam sotaques, expressões típicas de alguma comunidade de fala e situações que denotam alguma informalidade, geralmente, eles, automaticamente, corrigem a fala do aluno.

Ao ler as mensagens de WhatsApp, como do exemplo abaixo, os alunos se mostraram bastante participativos e se identificaram com os textos.

Figura 2: Conversa 1

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Eles colaboraram com a leitura e deram sua opinião quanto aos questionamentos feitos pela professora: “quem está conversando?”; “qual é a intenção da conversa?”; “há intimidade entre os envolvidos?”; “que tipo de assunto está sendo tratado?”.

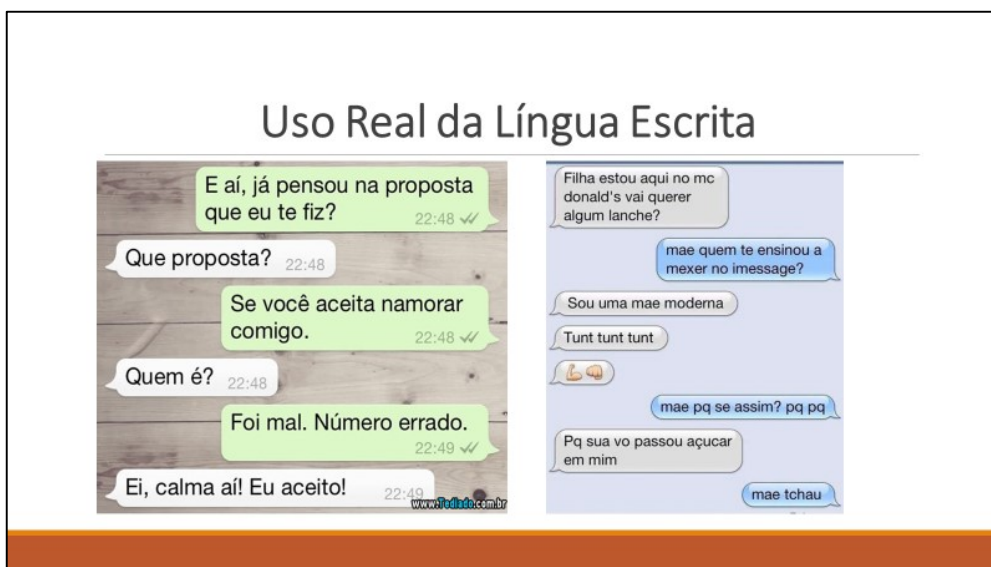
Os alunos apresentaram de forma nítida algumas crenças internalizadas que definem uma visão preconceituosa em relação aos conceitos de certo e errado: algumas expressões que apareceram nas conversas do WhatsApp apresentadas foram consideradas como erros. Por exemplo, expressões típicas da oralidade como “né, aff, tá, ah, uau” foram consideradas pela maioria como “erradas”, independente do contexto, pois, segundo alguns dos alunos, essas expressões não devem aparecer no texto escrito porque são da fala. Já as abreviações, como “vc, pqp, q, pq, msg”, não foram consideradas como erro pela maioria. Nesses últimos casos, os alunos atribuíram uma correlação de funcionalidade atrelada ao WhatsApp de agilidade, praticidade e rapidez.

Os alunos chamaram a atenção para o fato de que quando a pessoa está utilizando WhatsApp, ela não se preocupa muito com a escrita “correta”, de acordo com a ortografia, porque, geralmente, falam com quem têm intimidade e são mais próximos. Entretanto, dependendo do assunto a ser tratado na conversa, e para quem se destina a mensagem, eles tentam cuidar mais da forma como utilizam a língua escrita, tentando evitar os “erros ortográficos”. O posicionamento de alguns alunos demonstrou uma visão intolerante em relação à ortografia, concordando com o seguinte comentário de um aluno: “tem uns erros que não dá pra suportar, não aguento sem corrigir”.

Essa atitude de querer corrigir algum “erro” é resultado de um ensino que impõe um padrão de língua correto, único, que define a Língua Portuguesa. Da mesma forma como são corrigidos na maior parte do tempo, e não se sentem à vontade para falar de acordo com sua identidade, seus costumes, os alunos também se sentem no direito de corrigir algo que não esteja de acordo com o português ensinado na escola.

Ao lerem expressões que apareceram nas conversas como “teu, tua”, os alunos perceberam que são formas diferentes de comunicação que estão relacionadas aos diversos dialetos da Língua Portuguesa, representando a forma como pessoas de lugares variados falam. Alguns alunos consideraram as formas “teu e tua” como erros, outros foram capazes de fazer a associação com os dialetos.

Figura 3: Slide 1 da Oficina 1



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Quando leram a afirmativa “português é fácil de aprender porque é uma língua que se escreve exatamente como se fala”, os alunos se posicionaram contra, alegando ser uma frase falsa porque a maneira como falamos é diferente da forma como escrevemos. O texto escrito por Jô Soares, publicado na revista *Veja*⁹, causou espanto na turma, porém eles foram capazes de perceber a intencionalidade do texto, escrito de forma a imitar a fala, chamando a atenção

⁹ SOARES, Jô. *Veja*. Edição nº, 28 nov. 1990, p. 19.

para a diferença existente entre a língua escrita e a língua falada e como uma influencia a outra. No caso da ortografia, ressaltamos com os alunos a necessidade de se escrever de acordo com o padrão ortográfico em situações formais de uso da escrita, em que é exigido um maior grau de monitoração da língua.

Ao lermos o texto de Jô Soares, escrito de forma a imitar os sons da fala e a maneira como falamos, um aluno comentou que não podemos escrever da mesma forma como falamos porque são conceitos diferentes: “cada um é de um jeito, a fala é de um jeito e a escrita é de outro”, nas palavras do aluno.

A professora considerou oportuno fazer o seguinte questionamento: “e quanto às situações em que a língua falada se mistura com a língua escrita? Podemos exemplificar com vários textos em que isso acontece, como nas conversas analisadas de WhatsApp”. Alguns alunos da turma citaram exemplos como as risadas, quando representamos alguns sons da fala por meio da escrita, quando abreviamos as palavras ou usamos expressões típicas da fala. A partir dos exemplos informados pelos alunos, a professora aproveitou para chamar a atenção dos alunos para o fato de que a língua escrita e a língua falada não podem ser tratadas como opostas e analisadas cada uma em uma visão dicotômica. Isso não seria possível porque a fala precede a escrita e a relação entre ambas se dá por meio de um *continuum*, em uma influência mútua (FARACO, 2008).

Finalizamos a primeira etapa da Oficina 1 recapitulando o que foi discutido e reforçando algumas crenças dos alunos na introdução do assunto. Os resultados da discussão inicial indicaram a urgência em se trabalhar a diversidade linguística e cultural do nosso país, mostrando aos alunos a amplitude da língua associada à sociedade, revelando sua cultura, sua identidade, seus costumes. O preconceito por parte dos alunos em relação à língua e aos conceitos de certo e errado revelaram a necessidade de se discutir questões relacionadas ao uso da língua, a qual eles dominam desde muito cedo, ampliando a visão de que estudar Língua Portuguesa é apenas estudar regras e o que se mostra diferente do que a variedade mais prestigiada da língua é considerada como erro.

Optamos por dividir a Oficina 1 em duas etapas para que as informações não se acumulassem em um curto espaço de tempo e para que o trabalho fosse melhor desenvolvido. A segunda etapa da Oficina 1 durou 3 horas/aulas de 50 minutos cada uma.

A segunda etapa da Oficina 1 iniciou com a leitura e os vídeos de duas reportagens¹⁰ selecionadas, que tratam do tema da ortografia como critério para seleção em vagas de emprego e estágio por meio de provas escritas e de ditado de palavras.

Analisando o discurso apresentado nas reportagens, os alunos perceberam que há um preconceito intenso envolvido na forma como as pessoas julgam a escrita, principalmente, a escrita na internet. Destacamos como importante o comentário de uma aluna ao final do vídeo da segunda reportagem: “queria ver se ele (pessoa responsável pela seleção dos candidatos) sabe mesmo todas as regras de gramática e se ele acertaria tudo na prova de ditado!”, com esse comentário, visualizamos um pensamento crítico em relação ao fato de que para algumas empresas, só “sabe bem” a língua e tem competência comunicativa quem sabe as regras da gramática e da ortografia.

A fala da aluna demonstrou um efeito positivo das discussões acerca do preconceito linguístico, pois é possível perceber um tom de crítica em relação à fala. A forma como a aluna reagiu diante do que comentamos sobre a reportagem mostrou que é relevante trabalhar em sala de aula sobre a variação linguística e o preconceito que está atrelado ao que é considerado “certo” para a Língua Portuguesa. Percebemos que essa problematização contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico e a reflexão para os usos língua.

A discussão caminhou de forma que os alunos criticaram o fato de as empresas selecionarem seus empregados por meio de provas de português, apontando duramente “erros” cometidos pelos candidatos, incapacitando-os de desempenhar determinada atividade ou de compor o quadro de funcionários ou de estagiários da empresa. A percepção dos alunos foi de que dependendo da situação em que a escrita é exigida o “erro” é relativo, por exemplo, quando se trata de uma conversa por meio da língua escrita no WhatsApp com amigos íntimos, muitas expressões não são consideradas “erros”. No entanto, quando a escrita é um meio de avaliação, como em provas ou em seleção de vagas de emprego, devemos nos preocupar mais com a ortografia e ficar mais atentos com a escrita.

¹⁰ Reportagem 1: G1 TO, Globo. Disponível em: <http://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2017/01/erros-de-portugues-comuns-na-web-podem-prejudicar-busca-por-emprego.html>. Acesso em 30 de janeiro de 2019.
Reportagem 2: Nacional, Globo. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/05/erros-de-ortografia-reprovam-406-de-estudantes-em-teste-para-estagio.html>. Acesso em 30 de janeiro de 2019.

Os alunos criticaram o fato de o discurso das reportagens apontarem para um culpado do fato de os candidatos apresentarem tantos “erros” gramaticais e ortográficos nos processos seletivos. Os alunos perceberam que a reportagem levou para uma interpretação de que a maior responsabilidade desse problema está atribuída à escola e ao uso das redes sociais, de modo que a comunicação, sobretudo nas redes sociais, é um problema para o “português correto”.

A professora chamou a atenção dos alunos para o fato de que a língua é versátil e flexível e permite muitas variações. O fato de as pessoas verem a língua como um padrão para comparações e intolerâncias se justifica pela forma preconceituosa que as instituições influenciadoras – escola, mídia, elite – tratam a diversidade linguística. Se é possível escrever de uma forma na internet (WhatsApp, Facebook, etc.) e de outra em textos de outros gêneros, em outros contextos, é porque a língua permite essa variação.

A professora destacou alguns fatos para que eles percebessem o problema que se tem no ensino de Língua Portuguesa, por conta do extremo preconceito que a própria escola dissemina em relação à língua. A maneira de escrever nas redes sociais não deveria ser um impedimento para que as pessoas dominassem outras formas de uso da língua escrita. A máxima é que a língua permite variação, seja ela na escrita ou na fala, não há uma forma correta e todas as outras erradas, como a maioria da sociedade acredita. Isso acontece por um problema social, preconceituoso, retrógrado, dos modelos de aulas de Língua Portuguesa que não condiz com um discurso moralista e utópico que promove a tolerância e o respeito à diversidade em todos os seus aspectos.

O que temos que fazer é acreditar que a língua não se coloca como alvo de julgamento e muito menos como padrão para o preconceito e a intolerância. A Língua Portuguesa é muito mais que um compêndio de regras e exceções e usos inadequados e desatualizados que não condizem com a língua em uso pela sociedade contemporânea.

Nesse momento, os alunos começaram a falar sobre a dificuldade que eles sempre tiveram em relação à escrita de muitas palavras. Eles disseram que a língua escrita apresenta muitas letras diferentes de seus sons e isso torna-se um problema porque pode confundir na hora da escrita. Muitas vezes eles ficam em dúvida sobre a grafia correta de acordo com a ortografia de determinada palavra porque a relação entre o som e a letra não é a mesma. A professora interferiu com alguns questionamentos: “o que fazer quando não sabemos qual é a letra correta na escrita de uma palavra?” para essa pergunta muitos alunos deram a seguinte

resposta: “eu troco por outra palavra que eu tenho certeza de como se escreve”, ou “procuro no Google como se escreve a palavra”, ou “pergunto para alguém como escreve”.

Nesse primeiro momento de análise da língua escrita em ambientes virtuais, os alunos demonstraram uma visão relativamente preconceituosa em relação à variação linguística, presente também na escrita, afirmando que escrevem “errado” e que o “erro” aparece o tempo todo na escrita em conversas pelo WhatsApp e em outros meios na internet. A visão de escrita correta dos alunos se refere àquela determinada pela gramática prescritiva, ensinada pela escola, que não considera as variações presentes na língua, inclusive na escrita.

Prosseguimos a oficina com a discussão direcionada por algumas perguntas em relação às reportagens. Na primeira pergunta “De que forma a ortografia influencia na busca por emprego ou estágio?”, os alunos discutiram a respeito de como a forma que escrevemos pode se tornar uma forma de julgar, de selecionar e demonstrar se uma pessoa pode ou não estar apta a desempenhar determinada função em uma empresa. As pessoas enxergam a ortografia como um “medidor de conhecimento”: quem escreve “errado” não sabe nada, tem pouco conhecimento e é julgado como incapaz de fazer parte de uma empresa, por exemplo.

As discussões na primeira oficina levaram os alunos a perceberem como a língua se torna alvo de julgamentos intolerantes e correções. Nesse viés, observamos como as pessoas pensam a língua, limitando a relação entre o ser humano e a língua a conceitos de certo e errado e a regras incontáveis. A segunda questão do debate “Como as pessoas enxergam a ortografia da Língua Portuguesa?” fez com que os alunos se questionassem sobre como as pessoas sentem a necessidade de corrigir uma forma de uso da língua diferente do padrão ensinado pela gramática normativa.

Os alunos citaram os professores de Língua Portuguesa que desempenham uma função que, muitas vezes, reforça o preconceito envolvendo a língua. Muitos veem o professor de português como aquele que fala “corretamente” o tempo todo e que conhece todas as regras e palavras e seus significados. Essa imagem do professor reforça a ideia de que na língua há apenas dois caminhos a seguir: o certo e o errado. Por isso, os alunos se sentem desencorajados a falar da maneira como falam e a ouvir o que os outros dizem sem julgá-los e corrigi-los.

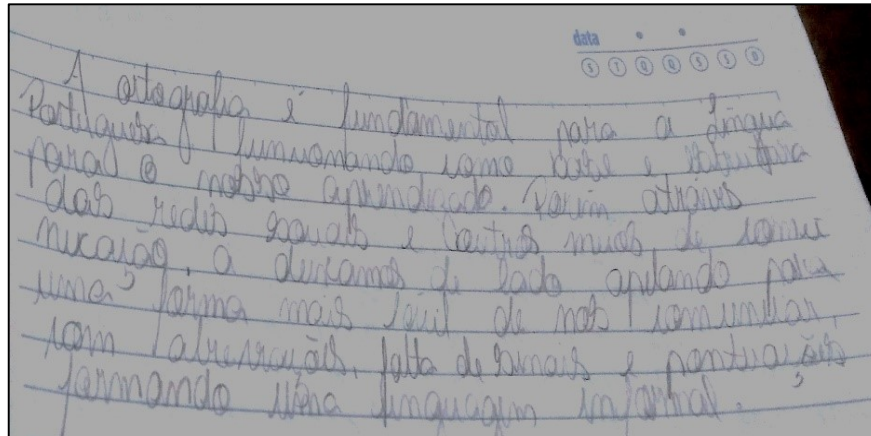
A terceira questão do debate “Na sua opinião, uma pessoa deve ser julgada pela forma como escreve, apresentando ‘erros ortográficos’ ou não?” deixou a turma dividida. Uns acreditam que sim, a forma como escrevemos diz muito de nós e de nossos conhecimentos.

Outros acreditam que há situações em que “erros ortográficos” não são relevantes no processo de comunicação e são naturais porque a língua permite essas variações.

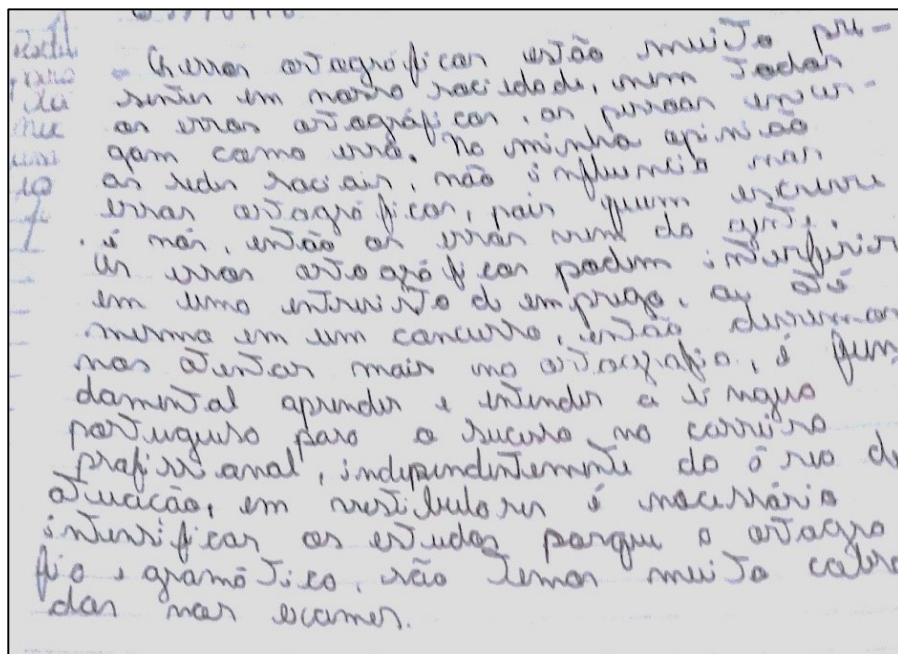
A última pergunta do debate “As pessoas se comunicam por meio da língua escrita da mesma forma em qualquer situação comunicativa?” direcionou a discussão para que os alunos pensassem sobre como a língua pode apresentar-se de diversas formas e que na escrita também encontramos variação, assim como na fala. Elencamos alguns comentários dos alunos como relevantes, pois a partir de exemplos dados por eles, foi possível perceber como os alunos lidam com a língua em diferentes situações comunicativas. Por exemplo, um dos alunos disse que a escrita pode ser utilizada de diversas maneiras de acordo com o que a pessoa quer expressar; outros disseram que a língua escrita precisa seguir um padrão ortográfico e sempre que a língua escrita aparece diferente do padrão deve ser considerada errada.

Nesse momento o debate, mediado pela professora, transformou-se em uma discussão com aqueles defendendo as diferentes maneiras de se comunicar pela língua escrita e outros defendendo o que é “certo” na escrita. A professora interferiu no debate apontando a variação linguística presente na língua, possível dentro do sistema e tratada como forma de preconceito social. O objetivo esperado com o debate foi alcançado, pois os alunos perceberam que a língua precisa ser analisada muito mais a fundo do que simplesmente dentro de um padrão “certo” ou “errado”. Ao solicitar exemplos, a professora ouviu dos alunos que dependendo da situação, podemos escrever de formas diferentes e que não há uma forma única de uso da língua.

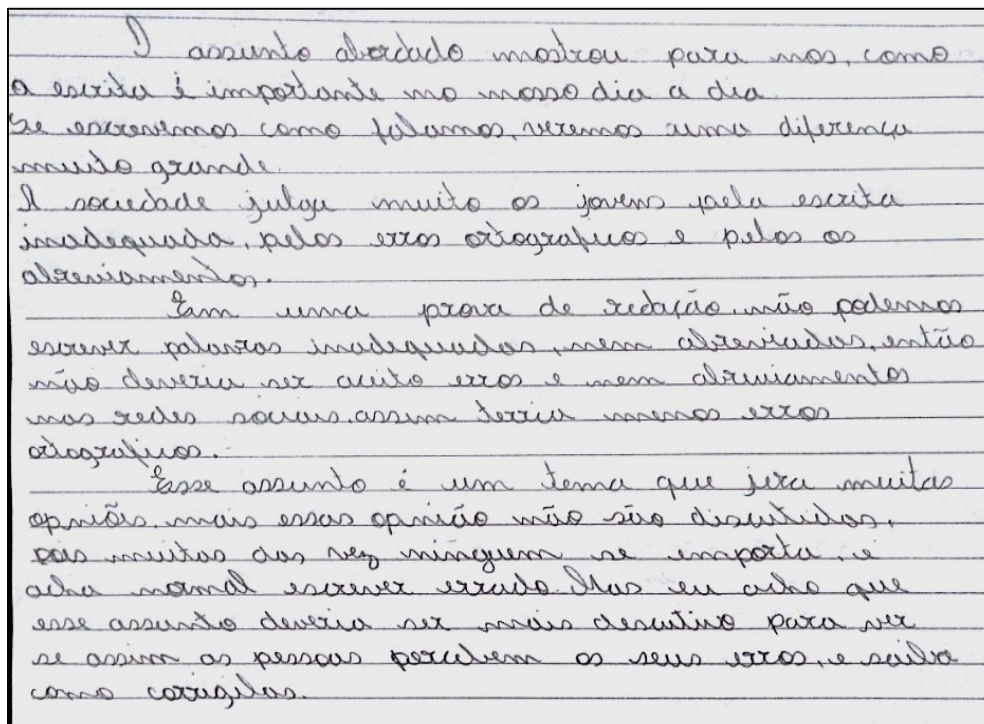
As discussões serviram de mote para a escrita de um parágrafo como atividade final da Oficina 1 em que os alunos foram convidados a escrever sobre o que foi discutido até o momento. Solicitamos que os alunos escrevessem um parágrafo, de 7 a 10 linhas, sobre a temática discutida até o momento final da Oficina 1, ressaltando o que compreenderam a respeito da língua escrita e sua relação com a ortografia. Conforme podemos observar nos exemplos abaixo, os alunos, em sua maioria, conseguiram compreender de forma satisfatória a relação existente entre a fala e a escrita e qual a função da ortografia neste contexto.

Figura 4: Exemplo 1 de produção de texto 1

Fonte: Dados da pesquisa (2009).

Figura 5: Exemplo 2 de produção de texto 1

Fonte: Dados da pesquisa (2009).

Figura 6: Exemplo 3 de produção de texto 1

Fonte: Dados da pesquisa (2009).

Oficina 2 – Ortografia

A Oficina 2 foi desenvolvida de acordo com a temática da variação linguística e o ensino da ortografia em si. Para tanto, observamos aspectos referentes à variação, possibilitando a reflexão sobre diferentes usos da língua em diferentes situações. Com relação às situações formais nas quais a língua se mostra mais monitorada, aproveitamos para introduzir o estudo da ortografia, revelando a importância de saber escrever as palavras em um nível de monitoração mais elevado e a interferência desses saberes nas relações sociais, evidentemente observadas em eventos comunicativos diversos.

A Oficina 2 iniciou com o Vídeo¹¹ sobre variação linguística o qual motivou a discussão sobre a Língua Portuguesa constituída por várias formas de falar diferente e nem por isso devem

¹¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=iu4ra9tkFWM&t=468s>. Acesso em 30 de janeiro 2019.

ser consideradas como “erradas”. Os alunos se identificaram com alguns falares e participaram efetivamente da discussão, divergindo entre os que consideram errada a maneira de falar dos mineiros, por exemplo, e os que não acham errada, pois se refere ao jeito de falar que cada um tem e conseguem se comunicar sem prejuízo de sentido.

Os alunos enriqueceram a discussão com muitos exemplos relacionados ao modo de falar das pessoas, principalmente, a forma como eles próprios falam, exemplificando com gírias e expressões típicas do convívio social, da região, da idade deles. Por exemplo, alguns falaram expressões e gírias que estão em uso atualmente, como “*uai credo uai*”, “*corri de kenner*”, “*moiô*”, “*é quente*”, “*irmão*”, “*truta*”. Os alunos aproveitaram o momento para discutir entre eles situações em que as expressões são usadas e os seus significados.

Questionamos aos alunos como eles utilizam tais expressões e o que elas significam no contexto:

- “*uai credo uai*” – utilizam quando estão surpresos com alguma coisa, com alguma informação;
- “*corri de kenner*” – significa que querem fugir de algo imposto;
- “*moiô*” – significa que algo saiu errado, alguém foi pego em flagrante;
- “*é quente*” – eles dizem quando estão de acordo com algo que foi dito;
- “*irmão*” – como eles se chamam intimamente;
- “*truta*” – forma como eles se chamam intimamente.

Discutimos sobre como o contexto da situação é essencial para que as expressões façam sentido e sejam interpretadas conforme o evento comunicativo. Associamos as expressões exemplificadas à forma como os adolescentes têm de falar, particularizando gírias e expressões linguísticas à sua comunidade de fala.

Analisando os exemplos dados pelos alunos, percebemos como as discussões foram produtivas e contribuíram para que eles olhassem a língua de forma mais crítica. Observamos que tanto na fala quanto na escrita a variação está presente e algumas expressões são típicas de determinadas comunidades de fala, indicando o gênero, a idade, a cultura, o nível social e econômico do falante. Ademais, reforçamos que as gírias que eles utilizaram como exemplos só fazem sentido se associadas a eventos comunicativos de interação entre falantes que compartilham do mesmo nível cultural.

Consideramos relevante questionar aos alunos como analisar a língua escrita quando essas expressões aparecem nessa modalidade. Discutimos se quando essas expressões, típicas da oralidade, aparecem em eventos comunicativos regidos pela língua escrita, são consideradas como “erros”. Além disso, analisamos qual o efeito desses usos para a sociedade, ou seja, de que forma os falantes dessas variedades, que também escrevem dessa maneira, são avaliados pela sociedade.

Obviamente, as observações feitas pelos alunos e pela professora indicaram o preconceito linguístico como forma de julgar e padronizar a língua, excluindo uma maioria que fala diferente do padrão. Já para a escrita, a maioria dos alunos concordou com a afirmação de que as gírias e as expressões da oralidade seriam consideradas como “erros”, porque, segundo eles, não se deve escrever da forma como falamos.

Por ser ainda uma discussão introdutória, a professora não se atentou em discutir sobre essa visão de que escrita e fala são dois caminhos opostos. Na verdade, em um momento oportuno, essa discussão viria à tona e seria mais explorada por todos.

Como atividade de casa, a professora solicitou que os alunos pesquisassem sobre variação e variedade para que, com a definição de cada um dos termos, os alunos pudessem familiarizar-se com os processos de variação pelos quais a língua passa. A professora combinou com os alunos para que trouxessem a pesquisa por escrito para ser discutida no próximo encontro.

Ao discutirmos sobre “erros”, tanto na fala quanto na escrita, a maioria dos alunos considerou que falam e escrevem “errado” na maioria das vezes e que, principalmente na escrita, os “erros” são frequentes e relacionados à escrita correta, ortográfica, das palavras.

Comprovando essa afirmação, um dos alunos manifestou-se com relação ao uso “correto” da Língua Portuguesa, tanto escrita quanto falada, quando uma colega disse “Gente, *truxe* o trabalho”, e o aluno interrompeu a fala da colega, “corrigindo-a” junto com os colegas, desencadeando uma situação desagradável, alegando que a forma “correta” de se dizer é “trouxe”.

Segundo ele, a língua está totalmente incorreta porque o verbo trouxe foi pronunciado de maneira equivocada sem o “o”. Consideramos importante o posicionamento de muitos alunos da turma, quando defenderam a colega dizendo que, como temos estudado nas aulas de Língua Portuguesa, não existe fala errada e que não podemos dizer que ela “fala errado”.

A professora interferiu na discussão, orientando os alunos no sentido de que várias questões estão envolvidas no ato da fala: o contexto, o ambiente, o interlocutor, o assunto que está sendo falado, e o modo de falar de uma pessoa identifica sua cultura, sua identidade, os costumes de sua comunidade. Além disso, as diversas formas de falar representam a variação linguística natural em todas as línguas. No caso da palavra “*truxe*”, a professora explicou ao aluno sobre a aproximação dos sons do “o” e do “u”, demonstrando a interferência de questões fonéticas e fonológicas na fala.

Outro aluno contribuiu com a discussão comparando a situação com a palavra “você”, a qual pronunciamos de várias maneiras como “cê”, “ocê”, e a palavra “você” pronunciada como “ceis”, e não consideramos nenhuma como “erro”, pois todas correspondem à mesma palavra.

Observamos que as questões relacionadas ao preconceito com a forma como as pessoas falam é muito recorrente e acontece automaticamente quando um sente a necessidade de corrigir o outro. Realmente é um assunto muito polêmico e difícil de lidar, pois a ideia de um português correto, livre de sotaques, gírias, e que esteja de acordo com a gramática normativa ainda é predominante entre as pessoas e, principalmente, ainda é a idealização da aula de Língua Portuguesa em que o professor ensina regras de gramática e ensina os alunos a falarem corretamente.

A professora explicou aos alunos sobre a noção de erro relacionada à língua, geralmente equivocada, que a sociedade tem com a própria língua. A explicação se baseou em Bagno (2007) que diz

Ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou ao respirar. Só se erra naquilo que é aprendido, naquilo que constitui um saber secundário, obtido por meio de treinamento, prática e memorização: erra-se ao tocar piano, erra-se ao dar um comando ao computador, erra-se ao falar/escrever uma língua estrangeira. A língua *materna* não é um saber desse tipo: ela é *adquirida* pela criança desde o útero, é absorvida junto com o leite *materno*. (BAGNO, 2007, p. 124)

A crença de que falamos errado e, por isso, nos envergonhamos de nossas raízes, nossa cultura, nossa própria língua, infelizmente, está arraigada na maioria das pessoas. Isso se dá por causa de uma idealização de um português “correto” falado por uma elite que não representa a maioria dos brasileiros. Apesar de ter explicado e mostrado aos alunos que o erro não se aplica

à fala, alguns alunos não foram convencidos e ainda achavam que há um padrão certo e errado para a língua falada.

Ainda insistimos com a explicação na tentativa de esclarecer algumas possíveis dúvidas. Explicamos que os chamados “erros de português”, na verdade, estão relacionados ao plano da língua escrita e dizem respeito à ortografia. Quando em uma tentativa de acertar, alguém escreve uma palavra com uma letra que não representa a relação fonema-grafema de acordo com a ortografia, podemos pensar em “erro”. Isso porque segundo Bagno (2007, p. 124)

do ponto de vista científico, simplesmente não existe erro de português. Todo falante nativo de uma língua é um falante plenamente competente dessa língua, capaz de discernir intuitivamente a gramaticalidade ou agramaticalidade de um enunciado, isto é, se um enunciado obedece ou não às regras de funcionamento da língua.

Essa discussão foi bastante produtiva, pois fez com que os alunos pensassem a respeito de questões muito naturalizadas na sociedade as quais não são discutidas e nem consideradas nas aulas de Língua Portuguesa. Acreditamos que o principal objetivo de um ensino reflexivo seja contribuir para a formação de um pensamento crítico a respeito de questões relacionadas à língua, tentando não aceitar passivamente verdades absolutas que disseminam o preconceito, assim como observamos nessa discussão.

Na sequência da discussão, analisamos algumas frases ditas em contextos variados, identificando quem poderia ter dito, em que situação, para quem foi dita, como por exemplo: “ou, ceis vai qui hora?”, “uai, cê qui sabi uai?”. Nessas duas frases os alunos identificaram como falas de pessoas que estão em situações comuns do dia a dia e com quem têm mais proximidade. Já a frase “Estamos procurando quem infringiu as regras do colégio”, foi identificada como a que representa a fala de outro sujeito, que tem uma posição social diferente daquelas que falam as outras duas frases analisadas.

O exercício de discussão sobre as frases foi muito interessante no sentido de proporcionar aos alunos um momento de reflexão sobre a língua escrita e a língua falada. Os alunos comentaram sobre as diferenças entre a escrita e a fala, ressaltando que não devemos escrever da mesma maneira como falamos e que, quando as expressões que falamos aparecem na escrita, o texto torna-se “estranho” para a leitura.

Na verdade, nesse momento, muitos dos alunos identificaram as frases típicas da fala como erradas, e quando analisamos a maneira como falamos, os alunos acharam algumas expressões incomuns e muitos deles julgaram que não correspondia à maneira como eles falam. Consideramos essa reação de alguns alunos como intolerante, além de ser um indicativo da necessidade de se discutir sobre a variação linguística.

Entretanto, várias frases e expressões foram ditas além dos exemplos dos slides comprovando que na fala há algumas particularidades que diferem da escrita. Por exemplo na frase “uai, cê qui sabi uai?”, a professora mostrou aos alunos que quando falamos acontece a junção de alguns elementos, explicada pela fonética e fonologia, e falamos “uai, cê q’sabuai”, de forma natural e compreensível para os falantes daquela comunidade que também compartilha das mesmas variações.

A maioria dos alunos julgou que essa frase está “errada”, considerando as “regras corretas da Língua Portuguesa” e que não deve aparecer na escrita. A professora chamou a atenção dos alunos para o fato de como a língua é colocada como parâmetro de julgamentos e preconceitos e que para alguém que diz essa frase em determinadas situações, os julgamentos aparecerão, muitas vezes de maneira taxativa, identificando-o como ignorante ou aquele que não sabe falar direito. Na intenção de mostrar que as práticas sociais se dão por meio dos gêneros e estes são constituídos pela linguagem, que pode se manifestar de inúmeras formas (BAKHTIN, 2003), a professora contextualizou os exemplos das frases, destacando os elementos da situação comunicativa em que as frases podem aparecer. Reforçamos ainda que a noção de erro não deve ser aplicada como forma de analisar a língua, e entendida como parâmetro de julgamento dos falantes.

A variação existente é sistematicamente possível dentro do sistema linguístico e quando a professora problematizou: “Por que falamos: us mininu vai; mas não falamos u mininus vai ou mininus vai us”, os alunos se questionaram e muitos disseram que nunca tinham pensado sobre isso. Com essa discussão, concluímos que o que se chama de erro linguístico faz parte dos processos de variação que toda língua apresenta e não determina as condições, sobretudo as sociais, de um indivíduo. No entanto, não é o que acontece, pois o preconceito que existe é relacionado muito mais a um caráter social do que linguístico. Os alunos se questionaram sobre de onde vem esse pensamento de que só existe um padrão correto na língua e por que as pessoas usam esses parâmetros de julgamento.

A professora pediu para que os alunos levantassem hipóteses sobre como esse preconceito é incutido na cabeça das pessoas e a maioria passa a acreditar que fala “errado”, que não sabe a Língua Portuguesa, que português é muito difícil e que não sabe escrever. Uma resposta muito interessante e a mais discutida foi a que a mídia é a grande influenciadora do pensamento preconceituoso com relação à língua, pois o que vemos na televisão, por exemplo, é a supervalorização de uma variedade, a de mais prestígio social, em detrimento de outras tratadas de forma estereotipada e preconceituosa, como o falar dos mineiros.

Propomos a leitura do texto “Causo Mineiro¹²”, observando a intenção do autor de reproduzir a fala dos mineiros. A discussão tornou-se dinâmica e interativa, pois os alunos começaram a identificar algumas expressões que eles próprios falam, como por exemplo, “lidileiti”, “dendapia”, “dendufornu”. A maioria dos alunos percebeu que quando falamos, as palavras se juntam, perdem alguns elementos e variam de acordo com a sonoridade. Além disso, os alunos criticaram algumas expressões que apareceram no texto, alegando que os mineiros não falam dessa forma. Por exemplo, as expressões “doncovim” e “proncovo” são exageros do autor, pois, na opinião dos alunos, os mineiros não falam essas palavras.

A professora propôs uma discussão baseada nas seguintes perguntas:

Figura 7: Slide 6 da Oficina 2

Podemos escrever da forma como falamos em qualquer situação?

- ☐ Será que todo leitor, que sabe falar a língua portuguesa, conseguiria compreender textos escritos como nesses exemplos?
- ☐ Escrever é simplesmente uma cópia fiel da fala?
- ☐ De acordo com os exemplos lidos, podemos considerar que existe “erro” na fala?
- ☐ E na escrita, os exemplos configuram “erros”?

DEPENDE

¹² Autor desconhecido. Disponível em <https://plus.google.com/+Avida%C3%A9feitadeescolhasOficialGoogle/posts/DoFs9Pisw2e>. Acesso em 30 de janeiro de 2019.

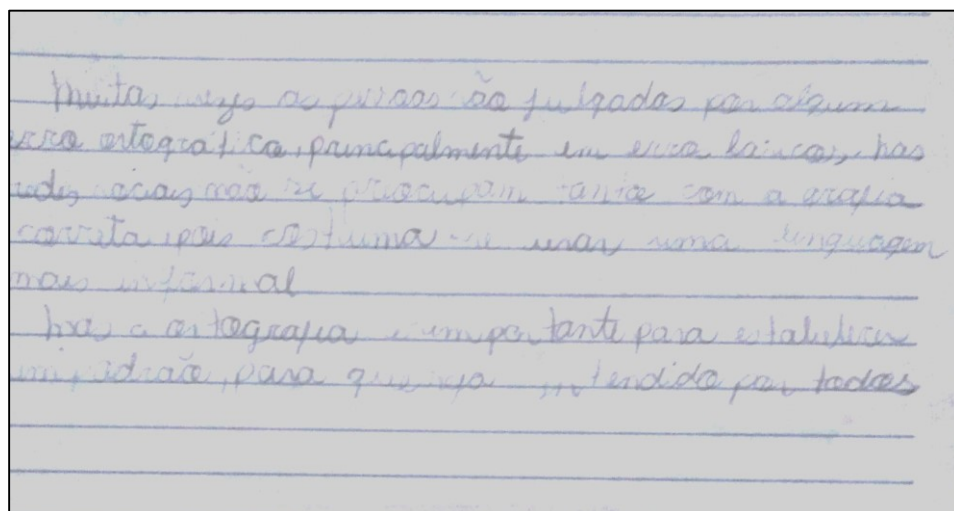
Fonte: Dados da pesquisa (2019).

As perguntas foram utilizadas para refletir sobre a importância da palavra “depende”, quando analisamos contextos diferentes de realização da língua. Com a discussão, os alunos perceberam que a língua escrita não é uma cópia fiel da fala apesar de uma influenciar a outra. As questões que direcionaram a discussão promoveram a reflexão sobre os conceitos de erro, uma vez que os alunos começaram a levar em consideração fatores como a intenção do autor quando está escrevendo um texto e para quem se destina.

A próxima atividade foi um exercício em que os alunos levantaram hipóteses acerca da função da ortografia, considerando as discussões realizadas até o momento. Os alunos escreveram um parágrafo representando suas percepções sobre a função da ortografia, que impõe um sistema de regras para a Língua Portuguesa, constituída por vários processos de variação linguística.

A questão que motivou a escrita do texto foi a seguinte: Se a discussão anterior levou os alunos à conclusão de que a análise linguística depende de alguns fatores e que a noção de erro deve ser reconstruída, qual é a função da ortografia na língua? A escrita do texto foi um exercício muito produtivo, pois proporcionou aos alunos um momento de reflexão sobre a própria língua que falam. Vale a pena destacar algumas ideias interessantes dos alunos: “a ortografia é como um padrão para escrever certo”; “ortografia serve para as pessoas falarem certo”; “a língua portuguesa precisa ter um padrão certo”.

Figura 8: Exemplo 1 de produção de texto 2



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A professora apresentou alguns conceitos teóricos¹³ sobre a ortografia com o intuito de confirmar ou não as hipóteses levantadas pelos alunos. Ao utilizar o conceito de convenção social para explicar a ortografia, os alunos demonstraram compreensão mais concreta sobre a função da ortografia. Discutimos alguns exemplos de convenção social, dentre eles as leis de trânsito, para ilustrar os conceitos estudados.

Ao mencionar alguns dialetos e suas expressões, a intenção foi reafirmar a variação linguística presente na fala dos brasileiros, representando formas diferentes de falar dependendo da região do falante. Utilizamos como exemplo a frase “as casas azuis” para ilustrar a questão dos dialetos e a função da ortografia. Os cariocas pronunciariam a frase apresentando o som de *s* mais chiado que os mineiros, por exemplo. Além disso, selecionamos algumas expressões que caracterizam a região dos falantes como por exemplo quem é de São Paulo e quem é de Minas Gerais, com as expressões “meu” e “uai”, respectivamente. Ao selecionar mais alguns exemplos, muitos alunos foram identificando a região de onde o falante é.

A professora fez algumas suposições com relação ao dialeto mineiro e ao dialeto gaúcho. Por apresentarem muitas palavras de diferentes significados, sotaques e expressões típicas de cada região: “seria possível um mineiro compreender integralmente um texto escrito por um gaúcho, exatamente como ele fala?”, ou “um gaúcho compreender um texto escrito por um mineiro com todas as expressões que aparecem na sua fala?”.

Os alunos logo se manifestaram em relação às perguntas feitas, observando que não seria possível compreender tudo o que um gaúcho escrevesse, conforme a sua fala, por conta dos costumes de sua região e seu jeito de falar. Após as respostas, chegamos à conclusão de que a função primordial da ortografia é promover a leitura de um texto escrito por qualquer falante do português, independentemente de sua região, seu sotaque.

Se cada um pudesse escrever da forma como fala, considerando a diversidade linguística na Língua Portuguesa, o processo de leitura e compressão seria prejudicado. Por isso a função da ortografia é anular a variação linguística na escrita para possibilitar a leitura (CAGLIARI, 2009). Todavia, como já foi discutido nas atividades anteriores, há muitos gêneros textuais em que a variação está presente também na escrita, a saber muitos textos escritos nas redes sociais e no WhatsApp. Nesses casos, a variação, inclusive a ortográfica, se justifica pelas

¹³ SILVA, Maurício (org.) *et al.* **Ortografia da Língua Portuguesa**: história, discurso, representações. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.

características do gênero: seu conteúdo temático, sua estrutura composicional e seu estilo (BAKHTIN, 2003).

Para ficar claro para os alunos, a professora exemplificou a explicação comentando que encontramos muitas expressões da oralidade no texto escrito e muitas delas não são registradas no dicionário e poderiam ser consideradas como erro. Contudo, o estilo do gênero determina como a língua se manifestará, como é o caso de escritores de determinadas regiões que representam em seus escritos traços de sua cultura oral. Ou mesmo, a língua escrita que os alunos usam nas redes sociais, sobretudo no WhatsApp, quando tentam reproduzir a velocidade da fala e sua interação por meio de uma mistura de consoantes e vogais que imitam os sons, as emoções, e os *emoticons*, as expressões faciais.

O estudo da ortografia pressupõe o estudo das regras ortográficas, aquelas que regem todo o sistema de escrita da língua. É importante que as regras ortográficas sejam discutidas com os alunos assim como afirma Cagliari,

Ao ensinar a escrever ortograficamente, como em tudo na escola, o professor irá lidar com regras. Apesar de a ortografia neutralizar a variação linguística e, portanto, redefinir as relações entre sons e letras em função do modo como os falantes da língua dizem as palavras, o sistema de escrita ortográfico apresenta algumas regularidades ou tendências que ajudam muito o usuário a se guiar no momento em que escreve. Essas regras devem ser discutidas com os alunos nos momentos oportunos (CAGLIARI, L.C. In: SILVA, 2015, p. 43).

Por isso, então, propusemos uma atividade interativa em que discutimos sobre palavras que possuem a mesma letra, mas apresentam sons diferentes, como por exemplo: *exemplo*, *exato*, *enxame* e *enxada*. Todas as palavras exemplificadas são escritas com **x**, porém apresentam sons diferentes. Na primeira e na segunda, o **x** assume o som de [z] e na terceira e quarta, de [ʃ].

Outro fenômeno observamos nas palavras: *intenção* e *atenção*, e *mansão* e *expansão*. Nestas palavras há letras diferentes representando um mesmo som: a letra **ç** tem o mesmo som da letra **s**. Além dessas palavras, alguns alunos exemplificaram com outras palavras que também acontece o mesmo. Por exemplo, palavras com **g** e **j**: *jiló* e *tijolo*, *gesso* e *girafa*; sons de **l** e **u**: *alto* e *almoço*, *auto* e *aurora*.

Discutimos com os alunos sobre a importância das regras ortográficas, imprescindíveis para o sistema de escrita, solicitando-lhes que dessem exemplos de regras ortográficas já

estudadas anteriormente. A maioria citou como exemplo as regras: **m** antes de **p** e **b**; o uso de **rr** e **ss** entre duas vogais.

A professora entregou impresso para os alunos o seguinte quadro, contendo algumas regras ortográficas:

Quadro 4: Quadro de atividades 1 – Regras Ortográficas

Regras Ortográficas

- Nenhuma palavra começa por: Ç, RR, SS.
- X no começo de palavra tem sempre o som de CH, mas no meio de palavras apresenta outros sons também: KS, S, Z, (cf. táxi, próximo, exame).
- Sempre que houver a pronúncia TCH ou DJ aparece na escrita apenas TI ou DI.
- S no início de palavras tem o som de sê, mas entre duas vogais tem o som de Zê (cf. sapo, casa).
- Antes de P ou de B nunca aparece N, mas pode aparecer M (cf. campo, bomba).
- Há palavras que podem ser escritas com o final ãO ou AM (verbos): se indicar futuro é com ãO; se indicar passado é com AM (cf. comprarão, compraram).
- No final de muitas palavras, pronuncia-se I e U, mas a ortografia com E ou O (cf. médico, doce)

Fonte: Extraído de Cagliari (2015, p. 44).

Fizemos a leitura das regras acima, exemplificando e esclarecendo as dúvidas que surgiam. Explicamos que essas regras apresentadas são indicativas e ajudam a resolver casos gerais da escrita ortográfica. Os alunos disseram que conheciam a maioria das regras que foram apresentadas, porém tinham dificuldades para utilizar algumas delas no exercício da escrita.

Optamos por imprimir os quadros para entregar aos alunos para que eles tivessem consigo o material de apoio sobre o conteúdo estudado. Além disso, eles poderiam utilizar o quadro para consultar nas próximas atividades da oficina. Em nossa escola o laboratório de informática é acessível e sempre funciona satisfatoriamente, por isso a maioria das atividades das oficinas foram realizadas no laboratório de informática, por meio do Datashow para projeção de slides com as propostas de discussão e atividades. A impressão do quadro é uma

opção para realizar as discussões na própria sala de aula, caso não seja possível realizar a atividade no laboratório.

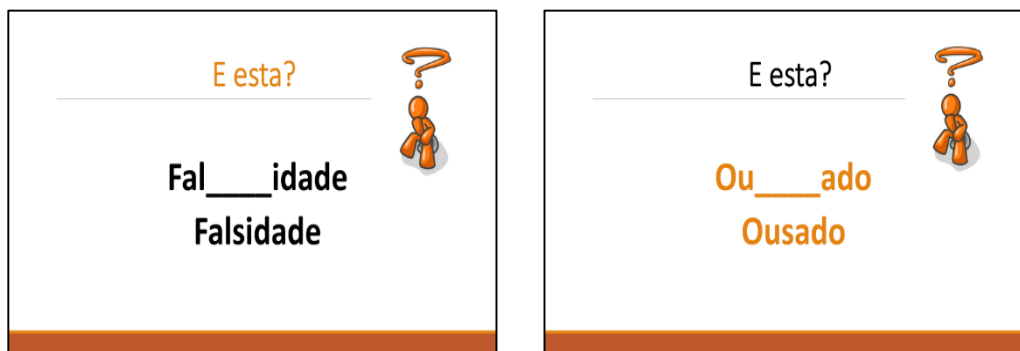
As atividades seguintes foram baseadas em regras ortográficas em que os alunos identificaram com qual consoante a palavra deve ser escrita ortograficamente, conforme os slides a seguir:

Figura 9: Slides 12 e 13 da Oficina 2



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Figura 10: Slides 14 e 15 da Oficina 2



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Antes de os alunos checarem a resposta, eles levantaram hipóteses sobre qual seria a consoante correta de acordo com a ortografia vigente. Algumas questões surgiram com a discussão: “*eu sempre tenho dúvida quando vou escrever algumas palavras*”; “*eu nunca sei quando se deve usar ç ou s*”; “*como vou saber quando usar s, ou ç, ou ss, se elas têm o mesmo som?*”.

Os comentários e perguntas serviram de motivação para a discussão, incentivando os alunos a perceberem que a ortografia é regida por muitas regras que são entendidas como

convenções sociais, criadas para estabelecer um padrão para a língua escrita. Essas regras muitas vezes são acompanhadas por inúmeras dúvidas, pois o princípio acrofônico, ideal, para o qual a correlação entre a letra e o fonema é biunívoca, não é o que predomina na língua escrita, por isso as dúvidas permanecem por muito tempo e até ao longo da vida. A professora considerou oportuna a ocasião para falar sobre a importância da leitura para o aprendizado da ortografia e sobre a necessidade de se pesquisar quando alguma palavra causa dúvida na escrita.

Essa atividade em que os alunos analisaram qual a letra que estava faltando, foi importante para que eles percebessem algumas palavras em que a relação fonema-grafema se dá de forma irregular. Além disso, a atividade de completar serviu para identificar algumas dúvidas que eles apresentam em relação à escrita de palavras cuja grafia sugere uma letra devido ao som que ela produz, mas que na verdade é escrita com outra letra.

A discussão prosseguiu abordando as regras que regem a ortografia considerando seus contextos regulares e irregulares, segundo Lemle (2002):

Figura 11: Slides 16 e 17 da Oficina 2

REGRAS ORTOGRÁFICAS 🙄

Regulares Independente do Contexto

Correspondência entre **Letra / Som**

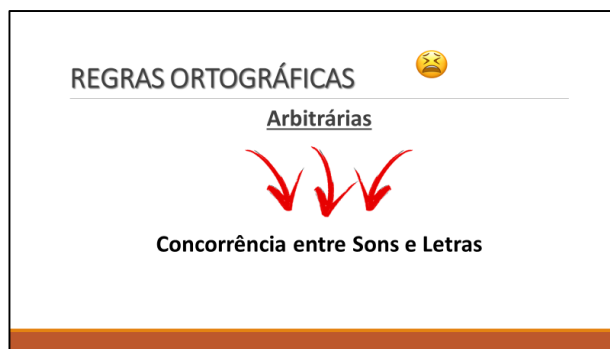
REGRAS ORTOGRÁFICAS 🙄

Regulares de Acordo com o Contexto

- Da letra para o som: S, M, N, L, E, O
- Do som para a letra: [k], [g], [r], [i], [u], [ãw], [ku], [gu]

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Figura 12: Slide 20 da Oficina 2



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Nesse momento, a professora questionou sobre como seria a língua escrita se não houvesse a ortografia como um padrão para que todos os falantes do português pudessem ler e compreender um texto escrito. Considerando a diversidade linguística, se não houvesse um padrão ortográfico para orientação da escrita, provavelmente os textos não seriam totalmente compreendidos por qualquer falante da língua.

A esse respeito, alguns alunos comentaram sobre a dificuldade de se decorar uma quantidade tão grande de regras. A professora aproveitou para informar aos alunos sobre algumas técnicas de aprendizagem da ortografia, que são a memorização, a criação de hipóteses de escrita e, a técnica mais importante, a compreensão das regras para que possam ser utilizadas em contextos diferentes e não se tornarem apenas uma “ladainha decorada” (MORAIS, 2010). Sobre a memorização, a professora deu uma dica para os alunos: aquelas palavras que escrevemos com mais frequência, que são mais comuns, são mais fáceis de memorizar. Quanto às outras, precisamos de muita atenção para conseguirmos perceber qual é o contexto de realização das letras que causam dúvidas. Além disso, a pesquisa é sempre necessária por meio de dicionários, gramáticas, dentre outros recursos de verificação da escrita adequada da palavra em questão.

Prosseguimos para a próxima etapa da oficina que consiste em um jogo online de palavras cruzadas, disponível no link <https://cruzadasclub.com.br/jogo/i/id/1479/cruzadas-classicas-273/>, no qual os alunos puderam observar como o jogo se completa de acordo com a escrita ortográfica das palavras. A professora orientou os alunos sobre a importância de se escrever de acordo com as regras ortográficas respondendo às perguntas do jogo.

Os alunos relembrou algumas regras ortográficas as quais eles já aprenderam em anos escolares anteriores: “usar **m** antes de **p** e **b**”; “usar **ss** entre duas vogais”; “usar **rr** entre duas vogais”; “terminação **-am** em verbos no pretérito”; “terminação **-ão** em verbos no futuro”. A professora aproveitou o momento para mostrar aos alunos como eles são capazes de memorizar e utilizar as regras ortográficas em situações as quais exigem que as palavras sejam escritas de acordo com a ortografia. Além disso, discutimos sobre a quantidade de regras ortográficas da Língua Portuguesa e também sobre aquelas palavras que não são escritas mediante regras que expliquem as ocorrências de determinadas letras em posições diferentes nas palavras.

A turma foi dividida em duplas e direcionados aos computadores para acessarem o link do jogo de palavras cruzadas. Por se tratar de um jogo que exige do jogador conhecimentos gerais, sobre assuntos diversos, decidimos que os alunos poderiam pesquisar no Google o que eles não conseguissem responder.

O jogo foi uma atividade prazerosa, interativa em que os alunos se envolveram, pesquisaram e conseguiram completar o desafio. Alguns precisaram da intervenção da professora, pois a escrita da palavra estava atravancando o progresso do jogo. Como as palavras vão se cruzando, tanto na vertical quanto na horizontal, para completar o diagrama de letras, se alguma palavra não estivesse escrita com a letra ortograficamente correta, o jogo não se completava. Alguns tiveram dificuldade para completar o jogo, pois estavam digitando a palavra com uma letra incorreta, ou porque interpretaram a questão de forma inadequada e não souberam responder.

Na seguinte pergunta das palavras cruzadas: *Releva falta no trabalho*, a maioria dos alunos não conseguiu responder nos quadrinhos com a palavra que define a resposta à pergunta. Discutimos sobre qual palavra poderia ser considerada sinônimo de relevar e que poderia responder à pergunta. Além disso, observamos que devido ao jogo de palavras cruzadas, precisaríamos observar a quantidade de letras da palavra e a sua sequência ortográfica para completá-lo.

O segundo jogo para trabalhar a ortografia foi o Jogo da Forca, online, acesso pelo link <https://www.soportugues.com.br/secoes/jogos/forca/forca.php>, em que os alunos tentariam adivinhar a palavra supondo qual letra completaria a sequência ortográfica correta. O jogo é interessante porque aponta quantos “erros” os alunos apresentaram até acertar as palavras. Muitos deles impressionaram-se com a quantidade de erros que apresentaram, mesmo se

tratando de palavras curtas e fáceis. Outros demonstraram habilidade no jogo e conseguiram identificar as palavras com uma quantidade mínima de tentativas “erradas”, observando a quantidade de letras da palavra e a sequência de letras.

O Jogo da Forca exige do jogador a formulação de hipóteses sobre a escrita da palavra, prevendo qual letra aparece na sequência. O jogo só se completa quando o jogador consegue formar a palavra com a letra de acordo com a ortografia. Observamos alguns aspectos negativos com relação ao jogo devido à solicitação da dica que o próprio jogo oferece. Quando a dica é solicitada, a informação que aparece é uma frase do tipo “*R é uma das letras dessa palavra*”, por exemplo.

Essa dica só pode ser utilizada uma vez em cada palavra. Alguns alunos consideraram essa opção problemática porque surgiram dúvidas em outros momentos e eles não puderam consultar a dica. Para a solução de outras dúvidas que surgiram, sugerimos a consulta em dicionários online, os quais poderiam ser utilizados como material de consulta em diferentes situações de uso da língua escrita.

A próxima etapa da oficina consiste em uma lista de exercícios ortográficos, abordando as regras regulares e irregulares da ortografia. Os alunos foram divididos em duplas para que pudessem discutir sobre os exercícios, que foram bem compreendidos pela maioria dos alunos e todos conseguiram completar a tarefa.

Na questão da lista de exercícios “Em que ambiente escrevemos S e pronunciamos [z]?” grande parte da turma apresentou dificuldade de compreensão, principalmente pela palavra “ambiente”. Muitos alunos não compreenderam o que a questão estava exigindo, e não conseguiram respondê-la. Nesse momento, a professora interviu na atividade e pediu para que todos parassem para que pudessem ouvir a explicação sobre a questão.

Explicamos aos alunos que a questão utilizou a palavra *ambiente* para que eles identificassem em que situações ocorrem a letra s e pronunciamos [z]. Considerando as palavras do exercício, explicamos que é fácil perceber onde, ou seja, em que situação pode ocorrer o uso da letra s com som de [z].

Nas palavras *rasa, rosa, camisa, casa, pose*, o s aparece entre duas vogais e em sílabas diferentes. A posição da letra s, ou seja, o ambiente em que ela se localiza na palavra, interfere na pronúncia do s, que, nesse caso, assume o som de [z]. Isso significa que quando o s estiver entre duas vogais em sílabas diferentes, a letra s terá som de [z]. Diferentemente de quando a

palavra começar com a letra **s**, por exemplo, como nas palavras: *sapo, sopa, silêncio, servente*, que começam com **s** e apresentam o som de [s].

Ao finalizar a atividade, fizemos comentários sobre os exercícios, lembrando algumas regras ortográficas. Fizemos a leitura das palavras dos exercícios para que os alunos percebessem a concorrência entre sons e letras de várias palavras, como no exercício:

Quadro 5: Quadro de atividades 2 – Exercícios Ortográficos

Observe o som da letra S nas palavras, a fim de classificar as outras:

A – sela [s]	B – asa [z]	C – isto [s]	
() saída	() pasta	() acaso	() roseira
() haste	() atraso	() mesa	() sala
() sinal	() casto	() atestado	() surdo
() costura	() pesado	() silêncio	() ousado

Fonte: Extraído de ROCHA, Iúta Lerche Vieira (Org.) *et al.* **Cadernos de sala de aula**: caderno I – ensino da ortografia. Fortaleza: 1995. (adaptado)

Os alunos conseguiram perceber essas três variações do som da consoante **s**, além de perceberem que dependendo do ambiente onde ocorre a letra **s**, ela assume sons diferentes, como nas palavras “*saída*”, “*costura*” de um lado e “*acaso*” de outro.

No exercício sobre os tempos verbais, alguns alunos também apresentaram dúvidas no preenchimento do quadro. O momento foi oportuno para que a professora lembrasse os modos e os tempos verbais, ressaltando as diferenças entre as terminações **-am** e **-ão**.

Quadro 6: Quadro de atividades 3 - Exercícios Ortográficos

	VERBO NO INFINITIVO	VERBO NO PRESENTE DO INDICATIVO 3ª PESSOA PLURAL	VERBO NO PERFEITO DO INDICATIVO 3ª PESSOA PLURAL	VERBO NO FUTURO DO INDICATIVO 3ª PESSOA PLURAL
ENCONTRO				
PROCURA				
JOGO				
ERRO				
ESPERA				
COMPRA				
ENTREGA				

Fonte: Extraído de ROCHA, Iúta Lerche Vieira (Org.) *et al.* **Cadernos de sala de aula:** caderno I – ensino da ortografia. Fortaleza: 1995. (adaptado)

A pergunta na sequência do quadro: “*Em que tempos verbais temos oxítonos?*”, necessitou de revisão da professora para que os alunos recordassem sobre a tonicidade das sílabas: oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas. Ao recordarem o conceito de tonicidade, rapidamente identificaram qual tempo verbal apresenta oxítonos.

O exercício sobre o uso do **e** e do **i** foi comentado de forma que todos fizeram a leitura do quadro com as palavras na intenção de que os alunos percebessem que muitas palavras são escritas com a letra **e** no final da sílaba, porém falamos com o som de [i], como nas palavras “*pente*”, “*corte*”, “*quente*”. Lemos também as palavras que realmente são escritas com **i** e pronunciamos [i].

Quadro 7: Quadro de atividades 4 - Exercícios Ortográficos

Pente	murici	piquenique	saci	sagui	frente
Siris	hoje	antes	aqui	quepe	alegre
Dividi	caqui	bule	corte	abacaxi	quente
Fonte	vinte	dente	pote	corte	doente

Fonte: Extraído de ROCHA, Iúta Lerche Vieira (Org.) *et al.* **Cadernos de sala de aula**: caderno I – ensino da ortografia. Fortaleza: 1995. (adaptado)

Fizemos o mesmo procedimento com as palavras as quais escrevemos com **o** no final da sílaba e pronunciamos [u]. O exercício de leitura em voz alta das palavras foi essencial nesses exercícios para que os alunos notassem a relação sonora existente entre as vogais **e e i e o e u** para associarem com a tonicidade da sílaba.

Nos exercícios sobre o uso de **x** e **ch**, de **g** e **j** e de **ss**, **ç** e **s**, discutimos sobre a arbitrariedade da ortografia e as ocorrências que não são explicadas por regras. Muitos alunos perceberam a impossibilidade de se explicar o uso de algumas consoantes e não de outras, como nas palavras: “*detenção, ascensão e pretensão*”. Nesses casos, o som é o mesmo, porém a representação gráfica pode ser por meio de letras diferentes. A explicação para este fato ressaltou a diversidade existente na Língua Portuguesa, evidenciando que a língua é constituída por vários fatores: culturais, históricos, políticos, econômicos, influenciando a formação das palavras.

Os exercícios ortográficos foram muito produtivos e possibilitaram a discussão e a reflexão sobre a língua e sobre a ortografia. Os alunos tiveram a oportunidade de fazer questionamentos e também algumas reclamações com relação a inseguranças e descontentamentos quando seus textos aparecem marcados de correções ortográficas e, muitas vezes, não conseguem internalizar as regras de ortografia e usá-las com eficiência.

Após os exercícios ortográficos, a professora pediu para que os alunos dos pequenos grupos listassem uma seleção de dez palavras as quais julgassem mais difíceis de escrever, aquelas que sempre ficam em dúvida sobre qual é a forma correta de acordo com a ortografia. Cada dupla selecionou as dez palavras e entregou em uma folha à parte para a professora.

Os exercícios ortográficos foram importantes para mostrar aos alunos que o estudo da ortografia deve ser constante e acontece por meio da pesquisa e da leitura. Além disso, a ortografia apresenta muitas questões que permanecem por toda a vida, ou seja, algumas dúvidas aparecerão em algum momento na hora da escrita. Por isso, quanto mais leituras o aluno fizer, mais palavras ele conhecerá, o que facilitará o aprendizado de novas palavras e o processo da escrita.

Figura 13: Exemplo de Exercícios Ortográficos 1

Conjuntos de a e escreva os

Amorão, Puroção, Raposo, Raposo, Lame
Inhorão, Lurão, Lurão, Lurão

Considerando a tonicidade das palavras, quando se usa ão e quando se usa ao?

ÃO - futuro / AO - passado, presente

Substitua em 6 das palavras abaixo o ão por ao para formar novas palavras.

Cantão: Contam Celão: Colão
 Limão: Luram Trovão: Lurão
 Varão: Varão Melão: Melão
 Mamão: Momom Casarão: Casaram
 Casarão: Casão Povoão: Povom

Utilize as palavras da coluna da esquerda para formar derivados, obedecendo às instruções fornecidas nas outras colunas.

	VERBO NO INFINITIVO	VERBO NO PRESÊNTE DO INDICATIVO 3ª PESSOA PLURAL	VERBO NO PERFEITO DO INDICATIVO 3ª PESSOA PLURAL	VERBO NO FUTURO DO INDICATIVO 3ª PESSOA PLURAL
ENCONTRO	encontrar	encontra	encontrou	encontrará
PROCURA	procurar	procura	procurou	procurará
JOGO	jogar	joga	jogou	jogará
ERRO	errar	erra	errou	errará
ESPERA	esperar	espera	esperou	esperará
COMPRA	comprar	compra	comprou	comprará
ENTREGA	entregar	entrega	entregou	entregará

Em que tempos verbais temos oxítonas?

São palavras que têm o último sílaba do polítona como
polítona tônica

Quando e que se usa ão ou ao?

AO - sempre no passado / ãO - sempre no futuro

Preencha com ão ou ao as frases abaixo:

Ontem eles sentiram AO falta da menina.

Eles sentiram ÃO alívio quando encontraram a garota.

Amanhã eles sairão ÃO à procura novamente.

Ontem os jornais relataram AO o pai da criança.

Amanhã os policiais deixarão ÃO o homem sair.

Os parentes dor AO parte do pai raptor.

Antes de o juiz chegar, mandaram AO trazer o criminoso.

Comerão ÃO à vontade na festa ontem.

Fonte: Extraído de ROCHA, Iúta Lerche Vieira (Org.) et al. **Cadernos de sala de aula: caderno I** – ensino da ortografia. Fortaleza: 1995. (adaptado)

Figura 14: Exemplo de Exercícios Ortográficos 2

Emprego do E e do I

Distribua no diagrama as palavras que seguem

Pente	murici	piquenique	saci	sagui	frente
Siris	hoje	antes	aqui	quepe	alegre
Dividi	caqui	bufe	corle	abacaxi	quente
Forte	vinde	dente	pote	corle	doente

ESCREVEMOS E PRONUNCIAMOS [I]	ESCREVEMOS E PRONUNCIAMOS [I]
Siris, Dividi, Murici, caqui Saci, Aqui, Sagui, Abacaxi	Pente, Forte, Hoje, Vinde, Piquenique, Antes, Bufo, Dente, Corle, Pote, Quepe, Corle, Fente, Alegre, Doente, Doente

O emprego do G e do J

Complete as palavras usando G ou J nos espaços:

a) can_ica	h) fli_eri
b) lo_istu	i) ferru_eri
c) ceru_eira	u) penu_ean
d) por_eta	e) _illo
e) via_ar	p) huci_ela
f) via_em	q) acua_iz
g) ure_ur	r) _con
h) enferu_ur	s) _erimam
i) para_em	t) ada_ia
j) esia_em	u) privile_io
k) verti_em	v) vesti_io

O emprego do X e do CH

Complete as palavras usando X ou CH nos espaços:

a) bai_ia CH	x) me_ico X
b) mud_ia X	y) re_icano X
c) eacui_ado X	m) me_er CH
d) dei_ar X	n) me_xrica X
e) en_xoval X	o) me_ia CH
f) en_xolar X	p) caslei_o X
g) en_xagum X	q) flu_ia CH
	r) ma_ximo CH
	s) fu_ica CH

Fonte: Extraído de ROCHA, Iúta Lerche Vieira (Org.) *et al.* **Cadernos de sala de aula: caderno I – ensino da ortografia.** Fortaleza: 1995. (adaptado)

Figura 15: Exemplo de Exercícios Ortográficos 3

Considerando a tonicidade das palavras, quando se usa ão e quando se usa am?

Am se usa no presente e no futuro

Substitua em 6 das palavras abaixo o ão por am para formar novas palavras:

Canção: Contam Cação: Calam
 Limão: Limam Treção: _____
 Varão: _____ Melão: _____
 Mão: moam Casarão: casaram
 Casado: _____ Pensão: Pensam

Utilize as palavras da coluna da esquerda para formar derivados, obedecendo às instruções fornecidas nas outras colunas:

	VERBO NO INFINITIVO	VERBO NO PRESENTE DO INDICATIVO 3ª PESSOA PLURAL	VERBO NO PERFEITO DO INDICATIVO 3ª PESSOA PLURAL	VERBO NO FUTURO DO INDICATIVO 3ª PESSOA PLURAL
ENCONTRO	<u>encontrar</u>	<u>encontram</u>	<u>encontraram</u>	<u>encontrarão</u>
PROCURA	<u>procurar</u>	<u>procuram</u>	<u>procuraram</u>	<u>procurarão</u>
JOGO	<u>jogar</u>	<u>jogam</u>	<u>jogaram</u>	<u>jogarão</u>
ERRO	<u>errar</u>	<u>erram</u>	<u>erraram</u>	<u>errarão</u>
ESPERA	<u>esperar</u>	<u>esperam</u>	<u>esperaram</u>	<u>esperarão</u>
COMPRA	<u>comprar</u>	<u>compram</u>	<u>compraram</u>	<u>comprarão</u>
ENTREGA	<u>entregar</u>	<u>entregam</u>	<u>entregaram</u>	<u>entregarão</u>

Em que tempos verbais temos as situações?

No verbo: infinitivo e no futuro do indicativo 3ª pessoa do plural.

Quando é que se usa ão ou am?

Am se usa no presente e no passado e o ão no futuro.

Preencha com ão ou am as frases abaixo:

Ontem eles sentir am falta da menina.
 Eles sentir ão alívio quando encontrarem a garota.
 Amanhã eles sair ão à procura novamente.
 Ontem os jornalistas acusar am o pai da criança.
 Amanhã os policiais deixar ão o homem sair.
 Os parentes der am parte do pai rapto.
 Antes de o juiz chegar, mandar am trazer o criminoso.
 Comer ão à vontade na festa ontem.

Fonte: Extraído de ROCHA, Iúta Lerche Vieira (Org.) et al. **Cadernos de sala de aula: caderno I** – ensino da ortografia. Fortaleza: 1995. (adaptado)

Ao término dos exercícios ortográficos e da seleção das dez palavras, a professora solicitou aos alunos que escrevessem um parágrafo sobre a importância da ortografia para a Língua Portuguesa, bem como a importância de saber as regras ortográficas, mesmo não utilizando-as em alguns gêneros textuais. As discussões serviram de argumentação para a produção textual dos alunos que conseguiram abordar o tema discutido com considerável maturidade no sentido de defender a diversidade no uso da língua, que pode ser mais formal e menos formal.

Muitos dos textos dos alunos ressaltaram a importância de se considerar o contexto no uso da língua escrita que exigirá mais ou menos cuidado com a forma de falar e de escrever. Desta forma as regras ortográficas são importantes porque há muitas situações de uso da língua escrita em que elas serão exigidas, por isso todos os falantes da Língua Portuguesa precisam saber a ortografia para escreverem de forma que todos entendam.

Oficina 3 - O jogo Soletrando

A Oficina 3 foi elaborada de modo que as regras ortográficas estivessem em foco para que os alunos percebessem a importância das regras para a ortografia da língua e sua relevância para o sistema de escrita. Essa oficina consiste em realizar atividades de soletração de palavras como alternativa de memorização da ortografia. Para tanto, dividimos as atividades da oficina em três etapas: a primeira etapa foi a identificação de palavras que representam graus de dificuldades diferentes, considerando a opinião dos alunos; a segunda destinou-se à seleção das palavras para compor a lista da soletração e a terceira etapa, a realização da competição entre os grupos. Ao total, foram destinadas à Oficina 3 três aulas de cinquenta minutos cada.

Depois de finalizar o exercícios ortográficos, a professora fez a correção das palavras, explorando algumas regras ortográficas, como por exemplo, as terminações **-am** e **-ão**. Ao pedir para que os alunos selecionassem as dez palavras que julgassem mais difíceis de escrever, que sempre lhes causam dúvidas na hora da escrita, a professora pediu para que os alunos consultassem a lista de exercícios do exercícios ortográficos para elaborarem a própria lista.

Das quinze listas recebidas – os alunos fizeram a atividade em duplas -, selecionamos quatro delas, para ilustrar a análise das palavras bem como identificar a dificuldade ortográfica

de grande parte dos alunos. Após receber a lista de palavras, a professora apresentou as palavras à turma, escrevendo-as no quadro:

Quadro 8: Quadro de atividades 5 – Listas de Palavras

Lista 1	Lista 2	Lista 3	Lista 4
jeito	quisesse	possa	vertigem
consoante	transgressão	rapidez	jerimum
haver	pretensão	pusemos	encharcar
houve	contenção	pobreza	transgressão
iogurte	ascensão	faixa	ascensão
cadarço	privilégio	encharcar	homologar
estupro	adágio	pretensão	róseo
sobrancelha	vestígio	transgressão	marquesa
cabeleireiro	penugem	fuligem	canalizar
lagarto	enxoval	mexerica	democratizar

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Observamos nas listas a ocorrência de algumas palavras repetidas: nas listas 2, 3 e 4 apareceu a palavra *transgressão*. A professora chamou a atenção dos alunos para essa repetição, significando uma dúvida comum entre eles. Algumas questões serviram de motivação para a discussão sobre dúvidas que a ortografia sempre causa, tomando por base as palavras que apareceram em comum nas listas dos grupos:

Quadro 9: Quadro de atividades 6 – Questões para discussão

- 1) Por que a palavra *transgressão* foi considerada de grande dificuldade?
- 2) Qual é a regra ortográfica que explica a escrita desta palavra?
- 3) Que estratégias poderíamos utilizar para aprender as regras ortográficas e efetivamente usá-las na escrita?

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

As questões foram anotadas no quadro para a reflexão e discussão entre os grupos e a professora. Alguns grupos responderam que por ser uma palavra difícil e que muitos não sabem o seu significado, a escrita torna-se complicada. Outra possibilidade que eles disseram foi que podem ter dificuldade para escrever essa palavra porque não têm muito contato com ela, não usam essa palavra com muita frequência. Nesse momento, alguns alunos explicaram que as palavras com as quais têm mais contato, que são mais usadas no seu dia a dia são mais fáceis de memorizar e escrever corretamente, conforme a ortografia. Diferentemente das palavras que não usam em seu cotidiano, as quais não têm muito contato, essas causarão dúvidas quanto à ortografia.

Sobre a palavra *transgressão*, a professora explicou a regra ortográfica que diz que devemos empregar **ss** em todos os substantivos derivados de verbos terminados em "*gredir*", "*mitir*", "*ceder*" e "*cutir*". Assim, a palavra *transgressão*, substantivo derivado do verbo *transgredir*, deve ser escrita com **ss**. Logo após a explicação a professora pediu para que os alunos dessem outros exemplos com as outras terminações, anotando no quadro os substantivos e os verbos.

Quadro 10: Quadro de atividades 7 – Substantivos derivados de verbos

Agredir - agressão	Aceder - acesso
progredir - progressão	ceder - cessão
transgredir - transgressão	conceder - concessão
	exceder - excesso, excessivo
Admitir - admissão	
demitir - demissão	Discutir - discussão
omitir - omissão	percutir - percussão
	repercutir - repercussão

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

As palavras *pretensão* e *ascensão* também foram elencadas como difíceis. Alguns alunos questionaram os sons parecidos entre as palavras *transgressão* e *pretensão* e observaram que uma é escrita com **s** e a outra com **ss**. A professora explicou sobre a regra ortográfica que define a escrita de substantivos derivados de verbos terminados em “ender”, “verter” e “pelir”, com **s**. Ao solicitar os exemplos, os alunos participaram de forma a completar o quadro com as palavras escritas com **s**.

Quadro 11: Quadro de atividades 8 – Substantivos derivados de verbos

apreender - apreensão	verter - versão
ascender - ascensão	reverter - reversão
compreender - compreensão	
distender - distensão	converter - conversão
estender - extensão	subverter – subversão
pretender - pretensão	
suspender - suspensão	expelir - expulsão
tender - tensão	repelir - repulsão

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Os alunos e a professora fizeram a leitura das palavras dos quadros, observando a semelhança sonora entre elas. Discutimos sobre a importância de haver uma ortografia na

língua, que a unifica e anula a variação linguística no plano da escrita. Conforme Cagliari (p. 20, 2015) “A ortografia age na parte gráfica da escrita. É a ortografia que define os sons das letras”. Dessa maneira, todo sistema de escrita possui uma ortografia que possibilita a leitura de qualquer texto por qualquer falante da língua.

A professora fez essa explicação para mostrar aos alunos a importância de se conhecer as regras ortográficas para escrever de acordo com a ortografia vigente em muitas situações comunicativas nas quais esse conhecimento será exigido. A maioria dos alunos conseguiu compreender a importância da ortografia para a língua e um deles usou um exemplo o qual julgamos interessante para o trabalho reflexivo da língua.

Segundo esse aluno, se escrevêssemos uma mensagem no WhatsApp para uma pessoa que seleciona estagiários para uma empresa da mesma forma como escrevemos para um amigo íntimo, provavelmente ela não teria uma impressão muito boa do candidato à vaga. Ou talvez, se o usuário escrever usando gírias, abreviações e expressões do “internetês” – como por exemplo as abreviações “*tmj, vc, pdc*” e as marcas que imitam a oralidade como risadas “*kkk, hehe, rsrsr*” – pode ser que a pessoa não compreenda o que está sendo dito, já que o uso dessas expressões é comum a um determinado grupo de pessoas, mas não a todas as pessoas falantes de Língua Portuguesa. Nessa situação é necessário que o candidato escreva com mais cuidado por ser uma conversa formal. Todavia, quando estamos conversando com amigos na internet não precisamos nos policiar quanto à ortografia por ser uma situação mais informal de comunicação.

A professora explicou aos alunos que a ortografia é uma convenção social aplicada ao plano da escrita. Segundo Cagliari (p. 24, 2015) “apesar de a ortografia não retratar a pronúncia diretamente, todo o sistema ortográfico dispõe de pequenas regras que facilitam muito a vida dos usuários”. Isso significa que as próprias regras ortográficas ajudam o falante a formular hipóteses sobre a escrita das palavras, como por exemplo, a que diz que nenhuma palavra inicia com **ç**. Ao internalizar essa regra o usuário já terá em mente que o som do **ç** em início de palavras será representado por **c** ou **s**, excluindo outras possibilidades.

Muitos alunos reclamaram da dificuldade que eles têm de aprender as regras ortográficas e usá-las corretamente. Disseram, ainda, que essas regras de português são muito complicadas e, por isso, não conseguem aprender. Nesse momento a professora aproveitou para argumentar com esses alunos sobre como seria a escrita se não houvesse

um padrão ortográfico para norteá-la. Além disso, os alunos não percebem que utilizam as regras ortográficas o tempo todo quando estão escrevendo, pois se orientam por meio delas. As palavras com as quais têm menos contato podem apresentar certa dificuldade de escrita, porém as palavras de seu convívio, eles escrevem orientados pela ortografia, assim como reconhecem os sons das letras do alfabeto.

Passamos, então, para a próxima etapa da oficina do Jogo Soletrando em que fizemos a seleção das palavras que foram utilizadas no jogo. Escolhemos as palavras representando cada um dos tipos de regras ortográficas conforme Lemle (2002): Regulares de acordo com o contexto e as Regras arbitrárias. Julgamos que as Regras Regulares independente do contexto representam as palavras mais comuns e de fácil aprendizagem, por isso não as colocaríamos na seleção de palavras do Soletrando.

Selecionamos a lista de palavras de acordo com as listas das dez palavras de maior dificuldade de escrita que os alunos entregaram em atividade anterior. A lista foi elaborada em conjunto com a professora e contou com 25 palavras. Segue a lista com as 25 palavras selecionadas:

Quadro 12: Quadro de atividades 9 – Listas de Palavras

Lista de Palavras para o Jogo Soletrando	
Ascensão	Assunção
Máximo	Exceção
Intrepidez	Honradez
Singeleza	Rijeza
Analisar	Canalizar
Excesso	Contenção
Sobrancelha	Encharcar
Enxada	Sarjeta
Inaugural	Lagartixa
Incompreensível	Rentável
Absorver	Miserável
Intimidar	Principiante
Ausência	

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A professora digitou as palavras em listas, imprimiu e distribuiu aos grupos para que os alunos pudessem estudá-las previamente para o dia da soletração. Além disso, a professora esclareceu aos alunos que seria imprescindível o estudo prévio das palavras da lista por todos do grupo, pois no dia do jogo, a palavra correspondente a cada rodada seria sorteada no momento do jogo. O aluno soletrador poderia ser definido antes do jogo e não seria obrigatória a participação de todos os integrantes do grupo.

A professora sugeriu que os alunos estudassem por meio do site www.mundovestibular.com.br¹⁴, o qual aborda as principais regras de ortografia e traz explicações acerca da escrita de muitas palavras. Além de poderem consultar a lista de exercícios ortográficos devidamente corrigida pela professora para estudo prévio das palavras.

Dividimos a sala em grupos de cinco alunos e escolhemos o líder de cada equipe para participar do sorteio das palavras do jogo. Definimos que o jogo contaria com cinco rodadas em que cada equipe competiria entre si, conferindo oportunidade para todos os integrantes soletrarem uma vez. Caso algum aluno não quisesse soletrar, a equipe poderia repetir o aluno soletrador.

As equipes foram representadas por um aluno soletrador por rodada que teria o direito às seguintes ajudas: a definição, a aplicação em uma frase, ou um sinônimo da palavra. A professora marcou o tempo de cada aluno soletrador, para que a competição fosse justa entre as equipes. Cada um teve dois minutos para iniciar a soletração da palavra. Após o sorteio da palavra pelo líder da equipe, a professora leu a palavra para todos ouvirem e começou a contabilizar o tempo para que o aluno começasse a soletrar. Durante esses dois minutos que o aluno teve direito para pensar sobre a palavra sorteada, ele poderia escolher entre uma das ajudas a qual poderia ser solicitada uma única vez.

O jogo transcorreu relativamente organizado, observando-se o envolvimento dos alunos com a atividade. Foi possível perceber que a maioria estudou a lista de palavras e as regras ortográficas da maioria delas, principalmente por meio do site sugerido pela professora. A maioria dos alunos mostrou-se envolvida com a atividade, concentrada e

¹⁴ Conteúdo disponível no link <https://www.mundovestibular.com.br/articles/94/2/Principais-Regras-de-Ortografia/Paacutegina2.html>. Acesso em 30 de janeiro de 2019

participativa. A cada rodada a professora sorteava uma nova palavra para cada equipe com a qual os alunos competiriam.

Contudo, a professora observou alguns pontos negativos durante a realização do jogo, como por exemplo, o fato de alguns alunos não quererem participar da soletração por terem vergonha de soletrar ou por medo de errar. Por isso, precisamos repetir os soletradores de algumas equipes. Alguns alunos também reclamaram do grau de dificuldade de certas palavras selecionadas, alegando que era uma injustiça com a equipe que saiu com uma palavra mais difícil do que a da equipe adversária.

De modo geral, a atividade foi muito prazerosa e contribuiu para o aprendizado da ortografia de maneira diferente e criativa. As equipes foram motivadas a estudar as palavras da lista, demonstrando que o conhecimento ortográfico se dá por meio de estudo e muita leitura, além de algumas técnicas de memorização.

A criação de hipóteses de escrita também é importante para o estudo da ortografia. O Soletrando mostrou aos alunos que as hipóteses ajudam na escrita e exigem que o usuário reflita sobre as regras ortográficas, eliminando possibilidades e formulando contextos em que é possível aparecer determinada letra.

Oficina 4 - Variação Estilística

A oficina de Variação Estilística permitiu momentos de reflexão sobre a língua, apresentando diversas situações em que os recursos linguísticos indicam diferentes intenções do autor/locutor. Os alunos puderam ter contato com textos de gêneros diversos nos quais a variação está presente, revelando formas de uso diferentes da língua escrita.

Figura 16: Slide 2 Oficina 4

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

No slide acima, a pergunta serviu para retomar alguns conceitos que foram estudados nas oficinas iniciais. A professora lembrou com os alunos a diversidade cultural que forma o Brasil e que seria impossível considerar uma única variedade como correta – no caso, a variedade culta – desvalorizando as inúmeras outras variedades.

Aproveitando a revisão do conteúdo, a professora retomou a pesquisa, solicitada aos alunos na Oficina 2, sobre a diferença entre os termos *variação* e *variedade*. Alguns alunos disseram que não encontraram diferença entre os dois termos e que entenderam que se referem a um mesmo conceito. A professora explicou o que significa cada um dos termos separadamente e a relação entre eles. Os alunos fizeram as correções em suas pesquisas e demonstraram compreensão sobre a explicação.

A discussão seguiu direcionada pela pergunta *A Língua Portuguesa é a mesma de sempre?* A resposta a essa pergunta se deu com base na escrita das palavras *Pharmacia*, *Rhinoceronte*, *Encyclopedia*, *Architettura*. A professora explicou que essa grafia durou até a década de 1940, quando houve uma mudança na língua alterando a ortografia vigente. Esse slide serviu para a reflexão sobre as mudanças pelas quais a língua passa e que evidenciam a identidade e os costumes de uma comunidade.

Nesse momento, uma aluna questionou o uso do trema nas palavras *linguiça* e *tranquilo*. Ela questionou sobre sua função e por que não se usa mais. A professora fez um exercício de leitura das palavras que apresentavam o trema e que eram escritas da seguinte maneira:

Quadro 13: Quadro de atividades 10 – Mudanças Linguísticas

<p>agüentar, eloqüente, tranqüilo, bilíngüe, lingüiça, cinqüenta, seqüência, seqüestro, eloqüência</p>
--

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Ao fazer a leitura das palavras a professora pediu para que os alunos lessem também em voz alta para perceberem o som das letras **qu** e **gu** acompanhadas das vogais **e** e **i**. Depois, a professora fez o exercício de leitura das palavras cujas letras **qu** e **gu** são acompanhadas pela vogal **a**, anotando-as no quadro:

Quadro 14: Quadro de atividades 11 – Mudanças Linguísticas

<p>Aquarela, quantidade, igualdade, iguana, aquático, quatro, quarto, quadro</p>
--

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Os alunos fizeram a leitura das palavras dos quadros, observando o som de cada letra. Eles perceberam que acompanhados de **e** e **i**, as letras **gu** e **qu** apresentavam sons diferentes quando sem o trema:

Quadro 15: Quadro de atividades 12 – Mudanças Linguísticas

<p>Quente, querido, queijo, quinto, quintal, quinhentos, quitutes, quilômetros</p>
--

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A professora explicou que o trema indicava um som diferente das letras **qu** e **gu**, porém como a ortografia é um acordo e reflete a história e a cultura da sociedade, o trema não é mais utilizado conforme o novo acordo ortográfico. Assim como as palavras de exemplo do slide que não são escritas da mesma forma como eram antigamente, as

palavras escritas conforme o acordo ortográfico vigente podem sofrer mudanças, caso haja um novo acordo ortográfico.

Alguns alunos falaram mais exemplos de palavras que sofreram alteração na maneira como são escritas devido a mudanças na ortografia. E em meio aos exemplos, surgiu a dúvida com relação ao nome próprio *Raphael*, em que o **ph** tem o som de [f], e de acordo com a ortografia seria considerado como um erro. A professora explicou que por se tratar de nome próprio, a ortografia não interfere na sua composição.

A professora exibiu o vídeo da reportagem transmitida pelo programa Manhã Total, exibido pela Tv Paranaíba, afiliada da Rede Record, a qual aborda o tema das mudanças que ocorrem na língua em função do tempo, dos costumes e dos avanços da sociedade. Nesta reportagem, o professor Dr. José Sueli Magalhães (ILEEL/UFU) explica sobre as variações pelas quais a língua passa, palavras que eram usadas antigamente e que não são mais, ou palavras que já deixaram de ser usadas e que voltaram ao vocabulário das pessoas.

Discutimos sobre alguns dos termos que aparecem no vídeo os quais são estranhos para os alunos, e um que chamou mais a atenção foi a palavra *bonde*. No vídeo esta palavra aparece como na frase “*estar de bonde com alguém*”, o que significa que há um namoro entre duas pessoas. A maioria dos alunos estranhou o significado dessa palavra, pois, atualmente, *bonde* significa uma turma de pessoas reunidas, segundo eles. Alguns alunos disseram que utilizam muito essa palavra no dia a dia, mas com o significado de “muita gente junta para fazer alguma coisa”, como na frase “*chama o bonde pra ir na festa com a gente*”, e o significado que aparece na reportagem é incomum para eles.

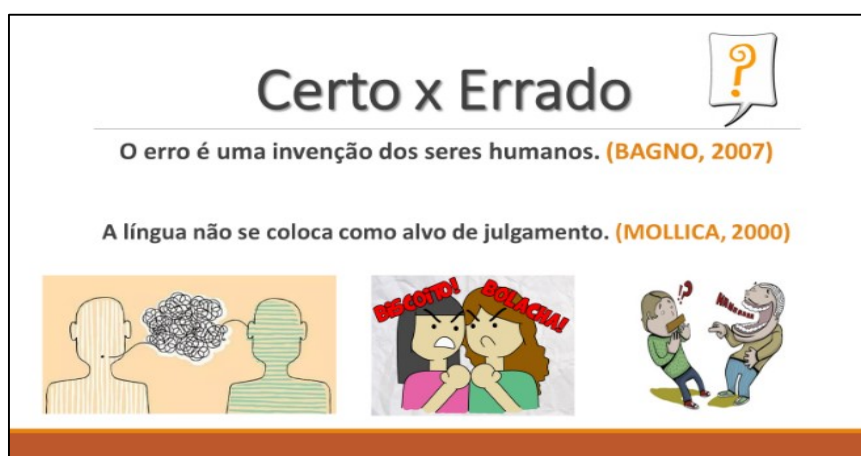
Aproveitamos esse momento para mostrar aos alunos que a variação linguística está relacionada a diversos fatores como nível social, idade, gênero, nível cultural e de acordo com a época em que se utiliza determinadas palavras e expressões que caem em desuso ou voltam a ser utilizadas.

Analisamos a entrevistada, Dona Negrinha, por apresentar um modo de falar particular que representa a fala do interior, mineira. O vocabulário que a Dona Negrinha usa contém palavras pouco usadas atualmente, como por exemplo a palavra *tunda*, a qual causou estranhamento para alguns alunos que não sabiam o significado. Alguns alunos associaram a figura da entrevistada com pessoas de sua própria família, pelo modo de falar e pelo uso de determinadas palavras. A imagem que é transmitida pela Dona

Negrinha é, segundo a maioria dos alunos, de uma pessoa humilde, que tem mais contato com uma cultura oral do que com uma cultura letrada.

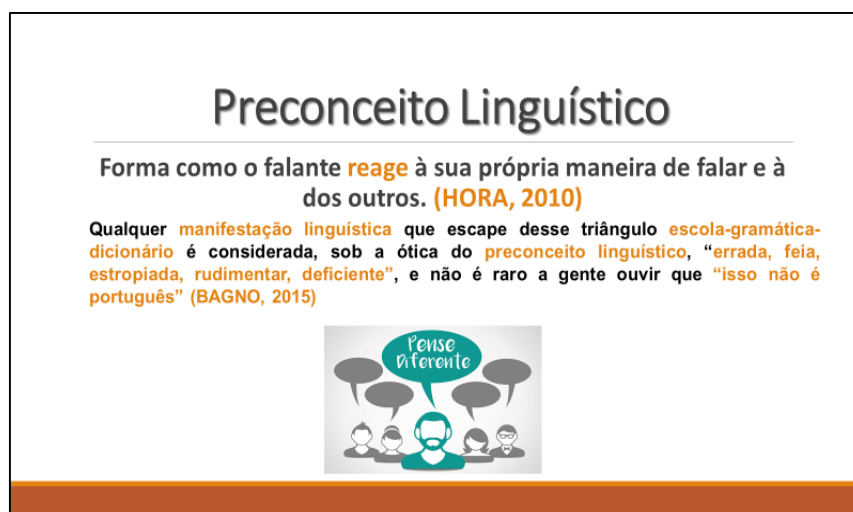
Os slides a seguir serviram de motivação para a discussão sobre os conceitos de certo e errado em relação à língua que permeiam a ortografia. Com isso, foi possível mostrar aos alunos a variação presente na escrita fundamentada por autores/pesquisadores do assunto.

Figura 17: Slide 5 da Oficina 4



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Figura 18: Slide 6 da Oficina 4



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Analizamos as frases dos slides de forma a promover uma discussão interessante em que os alunos conseguiram perceber como a língua é um instrumento de julgamento, enfrentado com preconceito nas mais diversas formas. A professora questionou aos alunos qual era a região do Brasil onde se fala mais “correto”, alguns alunos responderam que na região Sul as pessoas falam mais “corretamente”, e, conseqüentemente, escrevem “melhor”. As outras regiões representam, para esses alunos, formas muito carregadas de sotaque, por isso não falam o português “correto”. Por exemplo, no Triângulo Mineiro, as pessoas falam com o *r* “muito forte”, caipira, e usam muito as palavras *trem*, *uai*, além de encurtarem e emendarem as palavras em uma frase como *rapidim*, *certim*, *nossinhora*, *pópega*.

A professora informou aos alunos que há um mito de que os falantes de português que estão na região do Maranhão falam mais corretamente a Língua Portuguesa. Segundo esse mito, no Maranhão “ainda se usa com grande regularidade o pronome *tu*, seguido das formas verbais clássicas, com a terminação em *-s* característica da segunda pessoa: *tu vais*, *tu queres*, *tu dizes*, *tu comias*, *tu cantavas*, etc.” (Bagno, 2007, p. 46).

Quando comentamos sobre esse mito, alguns alunos conseguiram associar o fato de o pronome *tu* não ser mais tão utilizado pelos brasileiros. Alguns disseram que o pronome que mais utilizamos é o *você*, principalmente em nossa região. Aproveitamos para falar sobre algumas regiões, como em São Paulo por exemplo, onde as pessoas usam o pronome *tu*, mas não acompanham com a terminação verbal clássica.

Esse foi um momento bastante produtivo, o qual aproveitamos para analisar alguns aspectos que indicam o preconceito linguístico. Ao questionarem por que o jeito de falar dos maranhenses é considerado o mais correto, a professora explicou, baseada em Bagno (2007), que essa ideia é preconceituosa e se constitui como um mito, devido ao uso do pronome *tu*. Segundo Bagno (2007, p. 47) “somente por esse *arcaísmo*, por essa conservação de um único aspecto da linguagem clássica literária, que coincide com a língua falada em Portugal ainda hoje, é que se perpetua o mito de que o Maranhão é o lugar “onde melhor se fala o português” no Brasil.”

Essas respostas motivaram uma discussão entre os alunos na qual muitos deles defendiam que não há uma maneira certa de usar a língua e uma errada. Os exemplos discutidos foram analisados como variações na língua, que acontecem naturalmente, e que representam a forma como as pessoas da nossa região falam, e não erros. Os sotaques

e os regionalismos devem ser vistos como variações que representam a cultura e a diversidade da Língua Portuguesa.

A professora interferiu na discussão direcionando as respostas para que os alunos percebessem a importância de se valorizar a diversidade e, principalmente não julgar as pessoas pela forma como falam. Nesse momento surgiram alguns comentários sobre o fato de muitos deles já terem passado por situações em que foram corrigidos devido ao seu modo de falar. Muitos alunos desabafaram nesse momento da oficina dizendo que muitos dos professores da própria escola – que não são professores de português, segundo eles – corrigem a maneira como eles falam, constrangendo-os. Uma estudante comentou que não se sente à vontade em muitas situações de fala, pois fica envergonhada de falar e ser corrigida pelo professor.

A professora achou a hora oportuna para falar sobre o preconceito e a questão das pessoas se sentirem no direito de corrigir as outras. Comentamos sobre o quanto isso é desmotivador para os estudantes que se tornam inseguros e não conseguem desenvolver a capacidade de falar em público ou desenvolvem essa habilidade com muita dificuldade.

O ato de corrigir o falante a fim de mostrar como é o “jeito certo” de falar português é uma situação que os alunos viveram e vivem em seu percurso escolar. Segundo alguns dos alunos que se manifestaram, eles sempre tiveram professores que se achavam no direito de corrigi-los quando eles falavam alguma gíria, ou falavam sem muita monitoração, em situações mais informais. As falas dos alunos representaram a força que o preconceito linguístico tem e como essa situação os incomoda.

Essa discussão revelou o cenário do ensino de Língua Portuguesa, visando um pensamento preconceituoso que perpetua por toda a vida dos estudantes. Conforme reconhecem os PCN (1997) que existe

muito preconceito decorrente do valor atribuído às variedades padrão e ao estigma associado às variedades não-padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática. Essas diferenças não são imediatamente reconhecidas e, quando são, são objeto de avaliação negativa.

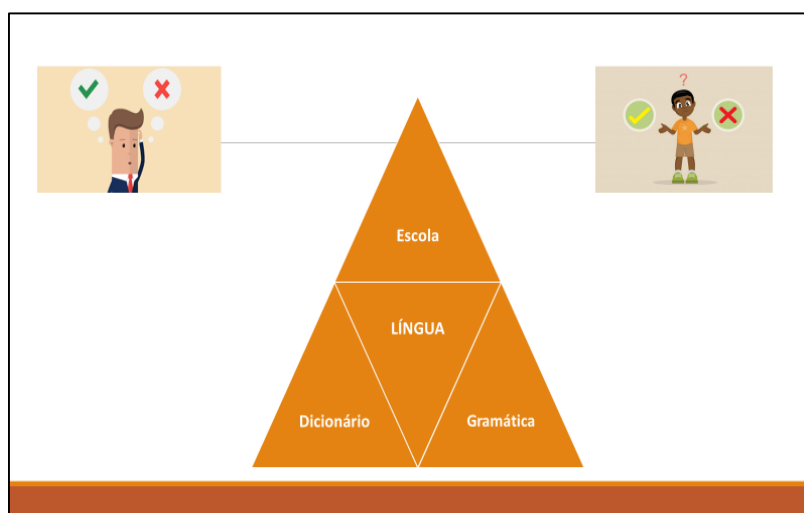
Para cumprir bem a função de ensinar a escrita e a língua padrão, a escola precisa livrar-se de vários mitos: o de que existe uma forma “correta” de falar, o de que a fala de uma região é melhor do que a de outras, o de que a fala “correta” é a que se aproxima da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado.

Essas crenças insustentáveis produziram uma prática de mutilação cultural [...] (BRASIL, 1997, p. 31).

Uma observação de uma das alunas revelou a importância de se propor discussões sobre o preconceito linguístico nas aulas de Língua Portuguesa. Segundo ela, a escola deveria começar a discutir sobre isso desde muito cedo com os alunos, pois, assim, estaria evitando situações constrangedoras. Entretanto, a escola prega o contrário, não valoriza as maneiras diferentes de falar e de escrever e ensina apenas “uma forma correta” de comunicação.

Ao ouvir o comentário da aluna, a professora explicou sobre o fato de o preconceito linguístico estar presente na sociedade de forma muito marcante e envolve um aspecto social e econômico em sua essência. Segundo Bagno (2007, p. 75) “os preconceitos, como bem sabemos, impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e estar no mundo”. O slide seguinte representou a explicação para que os alunos percebessem a relação existente entre a escola e o ensino de Língua Portuguesa.

Figura 19: Slide 7 da Oficina 4



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

O triângulo, inspirado na citação de Bagno (2015), representa a forma como a escola conduz o ensino de Língua Portuguesa, baseado nos preceitos da gramática e do dicionário. A professora explicou que o ensino sempre foi fundamentado nos conceitos

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A professora fez uma reflexão acerca do Contínuo de Monitoração Estilística (BORTONI-RICARDO, 2004), explicando que se trata de uma linha imaginária utilizada para análise da Língua Portuguesa. Essa análise acontece de acordo com os seguintes fatores: o ambiente, o interlocutor e o tópico da conversa. A professora explicou cada um dos fatores, mostrando de que forma eles definem se uma situação comunicativa é mais ou menos monitorada.

A partir de gêneros diversos, apresentados nos slides, foi possível demonstrar a variação presente na língua escrita, inclusive na ortografia. Com os exemplos práticos, a maioria dos alunos conseguiu perceber o caráter flexível e mutável da língua, adaptando-se ao gênero e ao estilo do evento comunicativo.

Para cada exemplo analisado, os alunos fizeram o exercício de verificar em qual ambiente se deu o evento comunicativo, quem são os interlocutores para os quais se destina a mensagem e qual é o tópico da conversa, ou seja, de qual assunto o evento trata. Com esse exercício, os alunos puderam perceber como os eventos são diferentes entre si e como a língua pode aparecer de diferentes maneiras, mesmo na escrita, como por exemplo nas duas situações a seguir:

Figura 21: Slide 12 da Oficina 4



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Figura 22: Slide 13 da Oficina 4

Variação Linguística presente na Escrita

“Queria que só as pessoas muito bem estudadas, muito bem informadas, cientes e esclarecidas pudessem falar de política nas redes sociais! Por isso eu não falo pq não tenho propriedade e nesse momento é muito complicado! Mas sei o básico pra fica indignada com textões e vídeos cheios de asneiras por aí! Portanto se vc não estudou tudo sobre o história desde laaa atrás, sobre a política do brasil e do mundo, por favor faça como eu: fique quieto/a! E pra vcs q sabem tudo com clareza, que expor os fatos sem agressões?! Sem textinhos prontos e copiados? Sem hashtags e palavrões? Pontuem os fatos educadamente, de forma didática! Isso sim vai ajudar a grande maioria q nem sabe oq diz! Vamos começar a debater com inteligência (ou não debata!)”

Texto publicado em 09/10/2018 – Instagram – Gabriela Pugliesi



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

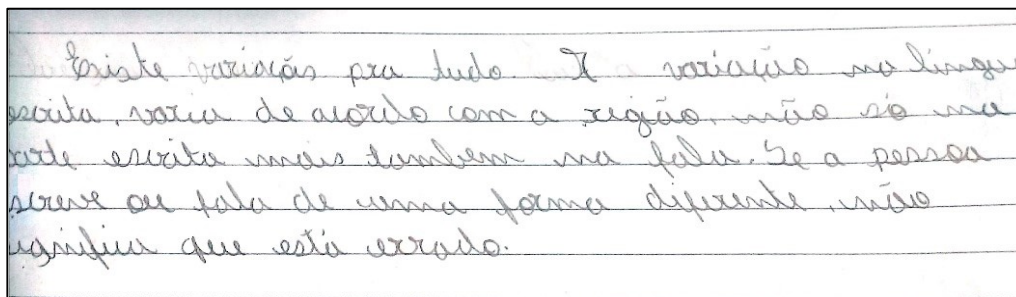
Ao ler os textos dos exemplos dados, os alunos procuravam por “erros ortográficos”, por palavras escritas “erradas”. Conversamos sobre o fato de “erros” serem associados ao estilo informal da situação comunicativa e, por esse motivo, não deveriam ser considerados como erros. A situação vai determinar o estilo, se mais ou menos informal, de acordo com o gênero que define o evento comunicativo. O estilo indica o grau de monitoração que devemos ter para utilização adequada da língua em qualquer situação comunicativa.

Após as análises dos gêneros apresentados nos slides, os alunos foram orientados a refletir sobre a seguinte questão:

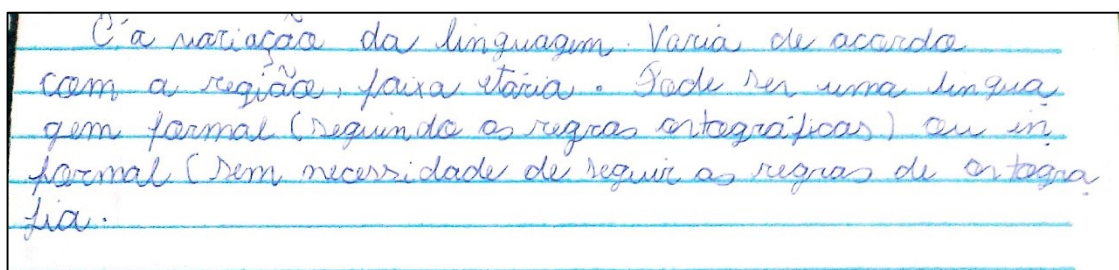
Figura 23: Slide 26 da Oficina 4

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Os alunos escreveram um parágrafo sobre o que entenderam das discussões a respeito da Variação Estilística, destacando conceitos sobre formalidade e informalidade, eventos comunicativos e gêneros textuais.

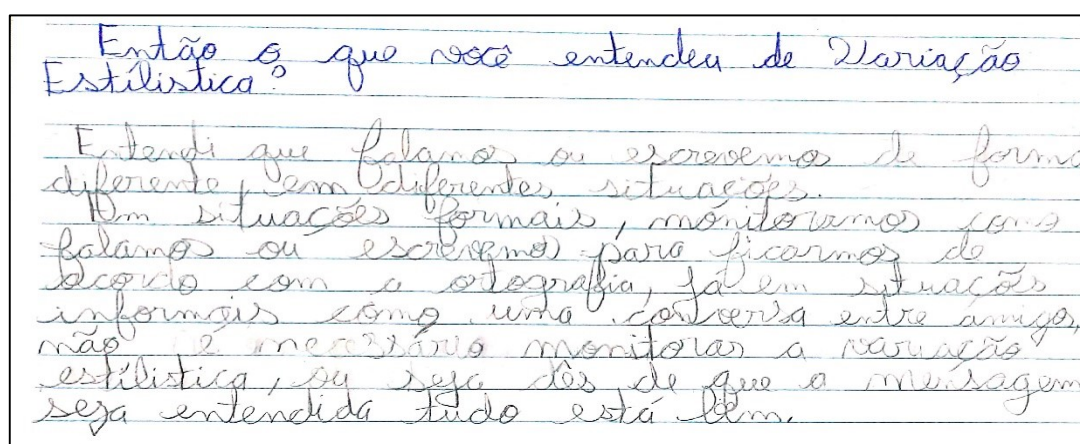
Figura 24: Exemplo 1 de Produção de texto 3

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Figura 25: Exemplo 2 de Produção de texto 3


É a variação da linguagem. Varia de acordo com a região, faixa etária. Pode ser uma linguagem formal (seguindo as regras ortográficas) ou informal (sem necessidade de seguir as regras de ortografia).

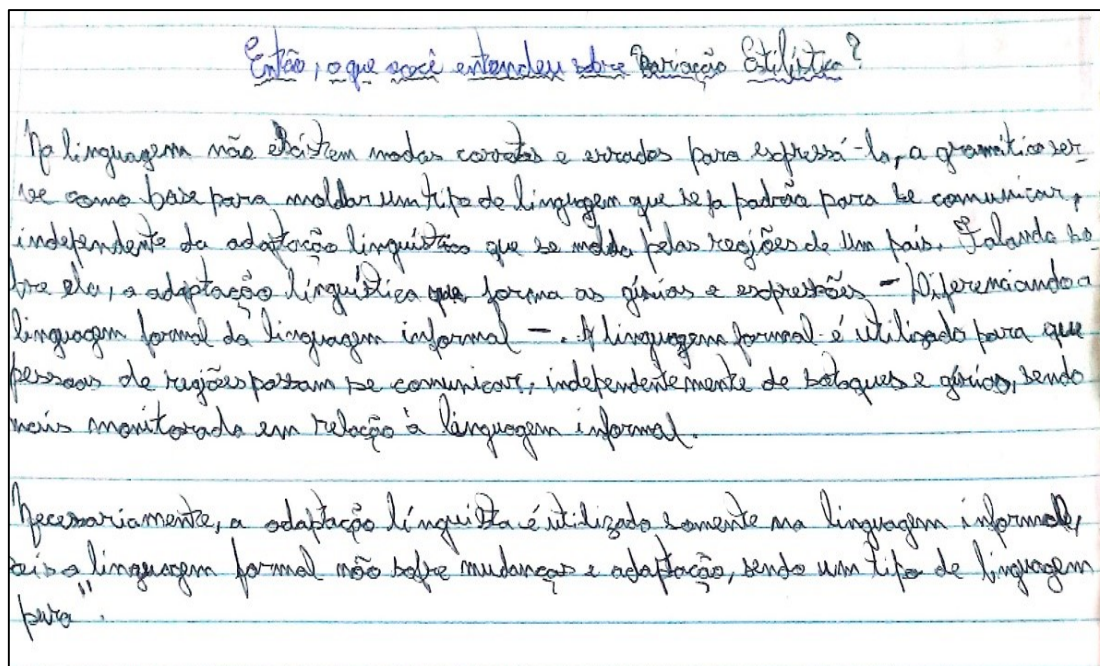
Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Figura 26: Exemplo 3 de Produção de texto 3


Então o que você entende de Variação Estilística?

Entendi que falamos ou escrevemos de forma diferente, em diferentes situações. Em situações formais, monitoramos como falamos ou escrevemos para ficarmos de acordo com a ortografia, já em situações informais como uma conversa entre amigos, não é necessário monitorar a variação estilística, ou seja, de que a mensagem seja entendida tudo está bem.

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Figura 27: Exemplo 4 de Produção de texto 3

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Oficina 5 – Monitoração Estilística

Antes de iniciarmos as atividades da oficina sobre Monitoração Estilística fizemos uma breve revisão dos assuntos discutidos, retomando alguns conceitos. O objetivo desta oficina é apresentar aos alunos diversos eventos comunicativos nos quais a língua aparece de forma mais monitorada ou menos monitorada, de acordo com o estilo da situação de comunicação.

Os eventos comunicativos mais monitorados serviram de exemplo de usos formais da língua que exigem um conhecimento gramatical e ortográfico da norma culta, de acordo com o gênero. Os eventos de oralidade analisados representaram a variação estilística presente nas situações comunicativas de fala, desconstruindo o mito de que a fala é informal e a escrita é formal.

A discussão prosseguiu mostrando aos alunos que tanto na fala quanto na escrita, há situações em que a língua aparecerá mais formal e outras que a informalidade acontecerá naturalmente. Essas situações, formais e informais, acontecem de acordo com o evento comunicativo e o gênero discursivo. Por isso, nos vídeos analisados e na leitura

da carta de solicitação, identificamos como eventos formais nos quais a língua aparece mais monitorada, devido ao gênero que define a situação: entrevista formal, discurso político e carta de solicitação.

Os exemplos de vídeos apresentados, que mostram diferentes situações em que as pessoas se comunicam, foram importantes para discutirmos sobre como a língua é utilizada de acordo com a monitoração estilística, tanto na fala quanto na escrita. A discussão sobre a relação entre a escrita e a fala foi importante para mostrar que são duas modalidades distintas da língua, sempre uma influenciando a outra.

Partimos do pressuposto de que nós, humanos, somos, a priori, seres falantes. A escrita vem como uma habilidade adquirida em ambientes formais, não é natural que o ser humano a desenvolva. Para tanto, precisa haver o ensino formal da língua escrita, partindo da língua falada como habilidade primária e inerente ao homem. Por isso é importante discutir sobre as diferentes manifestações da língua tanto na fala quanto na escrita.

Inicialmente, foi discutido o conceito de Evento de Comunicação, entendido como *“Situações comunicativas que definem como a língua será utilizada na escrita e na fala”*. Por meio dos exemplos selecionados os alunos puderam compreender melhor o que é evento de comunicação e qual a sua relação com a língua e a forma como a utilizamos. Por exemplo, ao compararmos o evento conversa com o(a) amigo(a) e apresentação de trabalho, os alunos visualizaram de forma mais clara a diferença entre os eventos e como o estilo está presente, definindo o tipo de linguagem a ser utilizada.

A participação dos alunos foi muito importante para o desenvolvimento das discussões e eles se mostraram envolvidos e interessados, contribuindo com outros exemplos além dos sugeridos nos slides. Prosseguimos a discussão observando que não há como considerar apenas um modelo correto de língua falada ou escrita. Esse julgamento se dá de forma extremamente preconceituosa, tanto que já temos internalizado em nosso subconsciente frases do tipo *“o mineiro fala errado”*, *“a comunicação por meio da internet acaba com o português”*, *“aqueles que falam gírias não sabem falar português correto”*.

Conversamos com os alunos sobre o fato de tradicionalmente a escola considerar como foco para o ensino a variedade culta da língua, propagada pela mídia como o português correto. Uma aluna chamou a atenção do grupo para as novelas, exibidas em

canais abertos, acessíveis pela maioria da população, que representam uma supervalorização de algumas variedades linguísticas, geralmente aquela correspondente à classe social de maior poder, e ridicularizam as demais variedades que aparecem. A fala da aluna chamou atenção pela criticidade: *“Professora, as novelas mostram personagens ridículos, muito artificiais, ninguém fala da maneira como os caipiras falam nas novelas.”*

A partir dessa fala alguns alunos opinaram compartilhando a mesma opinião da colega. Vários alunos frisaram o estereótipo dos personagens que falam de forma diferente da variedade culta, representados muitas vezes como os mais pobres e mais sofridos. Reforçamos a discussão mostrando que, geralmente, a variação linguística é associada a aspectos negativos, por isso temos incutido um preconceito com a nossa própria maneira de falar, temos a impressão de que não sabemos falar português corretamente. A discussão foi muito produtiva e relevante para mostrar aos alunos que a língua é um instrumento de poder, de discriminação do qual precisamos tomar consciência.

O slide que indica a atividade de procurar o diferente dentro da imagem serviu para mostrar, metaforicamente, aos alunos que apesar de parecer que existe um único modelo padrão de língua considerado como certo, as diferenças sempre estarão presentes e não devem ser consideradas como “erros” porque são naturais na língua. A maioria dos alunos prontamente identificou na imagem qual era o casal que correspondia ao diferente e auxiliaram os colegas na descoberta.

O próximo passo da oficina foi a análise de alguns eventos comunicativos nos quais as pessoas utilizam a língua de maneiras diferentes mediante o estilo da situação. A escolha dos vídeos se deu de acordo com situações formais e informais, em que a língua aparece mais ou menos monitorada, de acordo com o ambiente, o interlocutor e o tópico da conversa (BORTONI-RICARDO, 2004).

O primeiro vídeo analisado, uma entrevista com o professor Leandro Karnal, demonstra um evento em que a formalidade define um grau de monitoração da linguagem mais elevado. Durante a execução do vídeo alguns alunos identificaram a fala do professor como extremamente monitorada. Um dos alunos comentou que o professor fala palavras “difíceis” e “muito complicadas” e que ele passa a imagem de uma pessoa muito

séria. Analisamos o evento observando o ambiente onde acontece a conversa, quem são os interlocutores, e qual é o tópico da conversa.

Ao discutirmos sobre o evento entrevista, os alunos identificaram que o entrevistado, o professor Leandro Karnal, segue um grau de monitoração bem elevado porque ele precisa transmitir credibilidade, confiança e entendimento do assunto. Um aluno, em especial, observou que se o professor falasse de uma forma menos monitorada, como se estivesse falando com seus amigos, por exemplo, não estaria condizente com a formalidade da situação e do gênero em questão.

O segundo vídeo analisado foi o discurso político do Deputado Pedro Oliveira Cunha Lima, representando um evento comunicativo de alto grau de monitoração por se tratar de uma situação de formalidade. É interessante destacar que alguns alunos comentaram sobre o sotaque do deputado, paraibano, “*ele parece nordestino, porque ele fala ‘tumá’, ‘êquilíbrio’*”. Nesse momento, comentamos que mesmo ele deixando claro seu sotaque nordestino, a situação não deixou de ser formal e o deputado discursou utilizando a variedade culta da língua, conforme o evento exigia.

O próximo texto analisado foi uma carta de solicitação enviada ao diretor de departamento financeiro de uma empresa. Fizemos a leitura da carta destacando a estrutura do gênero e o estilo formal do evento, o qual exigia um elevado grau de monitoração da língua. O gênero carta não é comum entre os alunos, pois eles não utilizam cartas para se comunicar. Muitos alunos estranharam o gênero textual e o vocabulário utilizado na carta, pois após a leitura, uma aluna questionou o significado da palavra “subscrevo-me”, que aparece no final da carta. A professora explicou que é comum o uso dessa expressão, dada a formalidade do evento, que significa que “o remetente assina em baixo”.

Esse evento comunicativo analisado demonstrou a importância de ampliar os conhecimentos linguísticos para usá-los em situações comunicativas variadas. No caso da carta, comentamos que mesmo se não a utilizamos em atividades diárias, pode ser que em algumas situações precisemos saber escrever uma carta. E se for o caso de escrever uma carta formal, será necessário dominar a norma culta e os conhecimentos ortográficos exigidos pelo gênero.

Solicitamos aos alunos que exemplificassem os eventos comunicativos analisados, identificando o grau de monitoração da língua. Os pronomes de tratamento

foram citados como exemplo de formalidade: “senhores”, “senhoras”, “Vossa Senhoria”. Alguns disseram que esses pronomes são utilizados em situações mais formais em sinal de respeito pelo outro. Outros alunos disseram que o assunto dos eventos analisados também é avaliado como formal, pois na entrevista o professor precisa transmitir credibilidade por meio de uma linguagem adequada ao gênero e ao evento comunicativo.

Outro exemplo de linguagem formal para o qual chamamos a atenção é o gênero textual carta de solicitação. Nesse gênero encontramos uma linguagem adequada ao assunto da carta, pois é uma exigência do gênero carta de solicitação. Além disso, o locutor e interlocutor também foram levados em consideração: os alunos responderam à questão “Quem escreveu a carta?” e “Para quem escreveu?”. Ao pensar sobre isso, os alunos responderam que o locutor é o chefe do departamento de vendas e o interlocutor é o diretor do departamento de faturamento. Pelo cargo que exercem na empresa, pelo gênero em que estão escrevendo e pelo objetivo de comunicação os dois precisam utilizar uma linguagem formal, mais monitorada em relação aos usos das regras ortográficas e gramaticais.

Aproveitamos o momento para falar sobre a importância de saber escrever de acordo com as regras ortográficas e gramaticais em eventos comunicativos mais monitorados. Por isso, é importante estudar as regras ortográficas e saber escrever as palavras de acordo com a ortografia, quando esta for uma exigência. Essa constatação foi muito interessante para mostrar aos alunos como a língua pode se manifestar de formas diferentes e que a ortografia é exigida de forma diferente nas situações comunicativas, portanto, o conceito de “certo” e “errado” em relação à língua precisa ser revisto.

Um dos alunos lembrou os exemplos analisados nas primeiras atividades de linguagem informal e menos monitorada, representada nas conversas de WhatsApp. Naqueles exemplos, a ortografia das palavras não aparece como uma exigência, justamente pelo grau de monitoração, definido pelo ambiente, pelo interlocutor e pelo tópico da conversa. Nesse momento, pudemos perceber que os alunos foram capazes de refletir sobre as análises realizadas dos diversos gêneros e compreenderam a importância de reconhecer e aceitar a diversidade linguística que representa nossa cultura e nossa sociedade.

Analisamos, em seguida, o vídeo do programa de humor “Vai que Cola”, transmitido pelo canal *Multishow*, em que os personagens estão em um ambiente

informal, íntimo, conversando sobre um assunto corriqueiro entre amigos. Solicitamos que os alunos identificassem as características do evento, classificando-o como mais ou menos monitorado.

Analizamos o evento comunicativo identificando o ambiente, os interlocutores e o tópico da conversa. Por ser uma conversa informal, apareceram vários exemplos de usos da língua os quais classificamos como menos monitorados. Alguns exemplos foram elencados como pertencentes a uma linguagem menos monitorada, como: “Ué”; “né”; “ai”; “dando mole”; dentre outros exemplos.

Além disso, alguns alunos chamaram a atenção para o fato de que os personagens têm um sotaque carioca bem marcado devido ao som de algumas palavras que eles pronunciam, como por exemplo o som do [s] e do /R/, diferentes da maneira como nós, mineiros, falamos. Algumas expressões que eles utilizaram na conversa são tipicamente da região e da cultura onde eles vivem, como por exemplo: “tu”, “cara”, “tá de onda”, e também contribuem para a informalidade do evento e, conseqüentemente, uma linguagem menos monitorada.

Levamos em consideração o público para o qual se destina o programa “Vai que cola”, um fator essencial para a escolha da variedade linguística e o grau de monitoração. Alguns alunos disseram que por ser um programa de humor, que se passa no Rio de Janeiro, que tem por objetivo entreter o público, a linguagem é menos monitorada, acessível a todos que procuram entretenimento e diversão. Os alunos perceberam que se o evento fosse elaborado seguindo um padrão mais formal de comunicação, provavelmente não causaria o mesmo efeito no público.

Observamos o vídeo do canal de receita culinária em que a dona do canal “Culinária em casa”, Luciana Mirihad, ensina uma receita de pudim. Por meio de uma linguagem informal, típica do gênero receita, com o objetivo de instruir, observamos uma linguagem menos monitorada, destinada a um público que tem interesse por aprender sobre receitas culinárias, por isso uma linguagem acessível a todo tipo de público.

Algumas expressões são observadas durante a fala da apresentadora que representam um grau de monitoração menos elevado, pois ela tem o objetivo de atingir o seu público de forma simples, clara, com expressões típicas da fala em um evento comunicativo menos monitorado, como por exemplo “hein”; o uso do diminutivo

“copinhos”, “dedinhos”; “tá bom gente”; “ó”; “né”. Enquanto questionávamos, os alunos foram elencando esses exemplos do vídeo para a discussão.

Destacamos o fato de que o evento do canal culinário ensinando a receita do pudim não poderia ser considerado um evento menos monitorado, pois apesar de ser um gênero que apresenta uma linguagem típica e um estilo mais informal, a apresentadora se monitora quanto à sua forma de falar porque está sendo gravada. O vídeo será exibido em seu canal de receitas, por isso ela se monitora para apresentar uma linguagem adequada e que agrade aos seus interlocutores.

Uma questão que mereceu destaque na discussão foi o fato de que a intenção do locutor/autor no evento comunicativo é de suma importância para o uso da língua, se mais ou menos formal. Muitas vezes, a escolha das palavras, das expressões, da entonação, dos sotaques se associa ao que o locutor/autor quer transmitir ao seu público. Por isso, deixamos evidente para os alunos que a variação estilística bem como o grau de monitoração estão associados a vários fatores e não acontece de forma aleatória.

Os dois vídeos do canal “Barbixas”¹⁵ foram escolhidos para o grupo analisar dois eventos comunicativos diferentes: um assalto em que a polícia mineira tenta negociar com os assaltantes, e o outro em que a situação se passa em um restaurante onde duas pessoas fazem o pedido ao garçom. Nas duas situações a língua é utilizada de forma diferente, apresentando situações mais e menos monitoradas.

Sobre o primeiro vídeo, fizemos algumas perguntas aos alunos a respeito do ambiente onde acontece o evento, quem são os interlocutores e o tópico da conversa. Explicamos que essas constatações são importantes para verificar a adequação linguística a cada evento comunicativo. A maioria dos alunos conseguiu identificar elementos que caracterizavam o evento como menos monitorado: a forma como o personagem que representava o policial mineiro falava, a fala dos assaltantes.

Os alunos reconheceram que a língua aparece de formas muito variadas a depender do contexto comunicativo. No primeiro vídeo, por exemplo, há uma sátira com relação à forma como os mineiros falam, representada pela fala do policial. Prontamente, os alunos identificaram o falar mineiro e o falar do paulista, representado pelos assaltantes.

¹⁵ O canal da Cia Barbixas de humor apresenta seus conteúdos por meio de vídeos no YouTube. O grupo de atores é especializado em apresentar esquetes e teatro de improviso humorísticos.

Sobre a monitoração do evento, fizemos algumas perguntas aos alunos oralmente para que eles pudessem identificar se a linguagem é mais ou menos monitorada:

Quadro 16: Quadro de atividades 13 - Questões para discussão

- 1) Qual é o ambiente onde acontece o evento comunicativo?
- 2) Quem são os interlocutores?
- 3) Qual é o tópico da conversa?
- 4) É uma situação formal ou informal?
- 5) O que há na fala dos personagens que indica se é um evento formal ou informal?

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Destacamos a explicação de uma das alunas que disse que a linguagem é adequada à situação porque o policial mineiro não se preocupou em substituir as expressões que já está acostumado a falar no seu dia a dia por outras mais monitoradas.

A fala dos personagens que representam os assaltantes também foi classificada como menos monitorada pelos alunos, pois eles não se mostram preocupados em transmitir uma linguagem formal. Eles apenas tentam resolver as exigências do assalto e prosseguir com seu plano.

No outro vídeo analisado, o qual se passa em um cenário que imita um restaurante, dois clientes fazem o pedido ao garçom, porém não são atendidos de acordo com o que pediram. Ao refletirmos sobre as questões propostas para a análise do outro vídeo, a maioria dos alunos percebeu que a fala do garçom é relativamente mais monitorada do que a dos clientes. Por exemplo, o garçom precisa seguir algumas formalidades que a profissão lhe exige: cordialidade com os clientes e o uso de pronomes de tratamento.

Por ser um atendimento realizado em um restaurante, comentamos sobre o tipo de linguagem que se espera de um garçom. Geralmente, o atendimento é por meio de uma linguagem mais monitorada e mais respeitosa com o cliente. Em relação aos clientes, a linguagem é menos monitorada e a forma de tratamento é também respeitosa. No caso do vídeo dos “Barbixas”, a situação se torna cômica porque o garçom nunca acerta o pedido

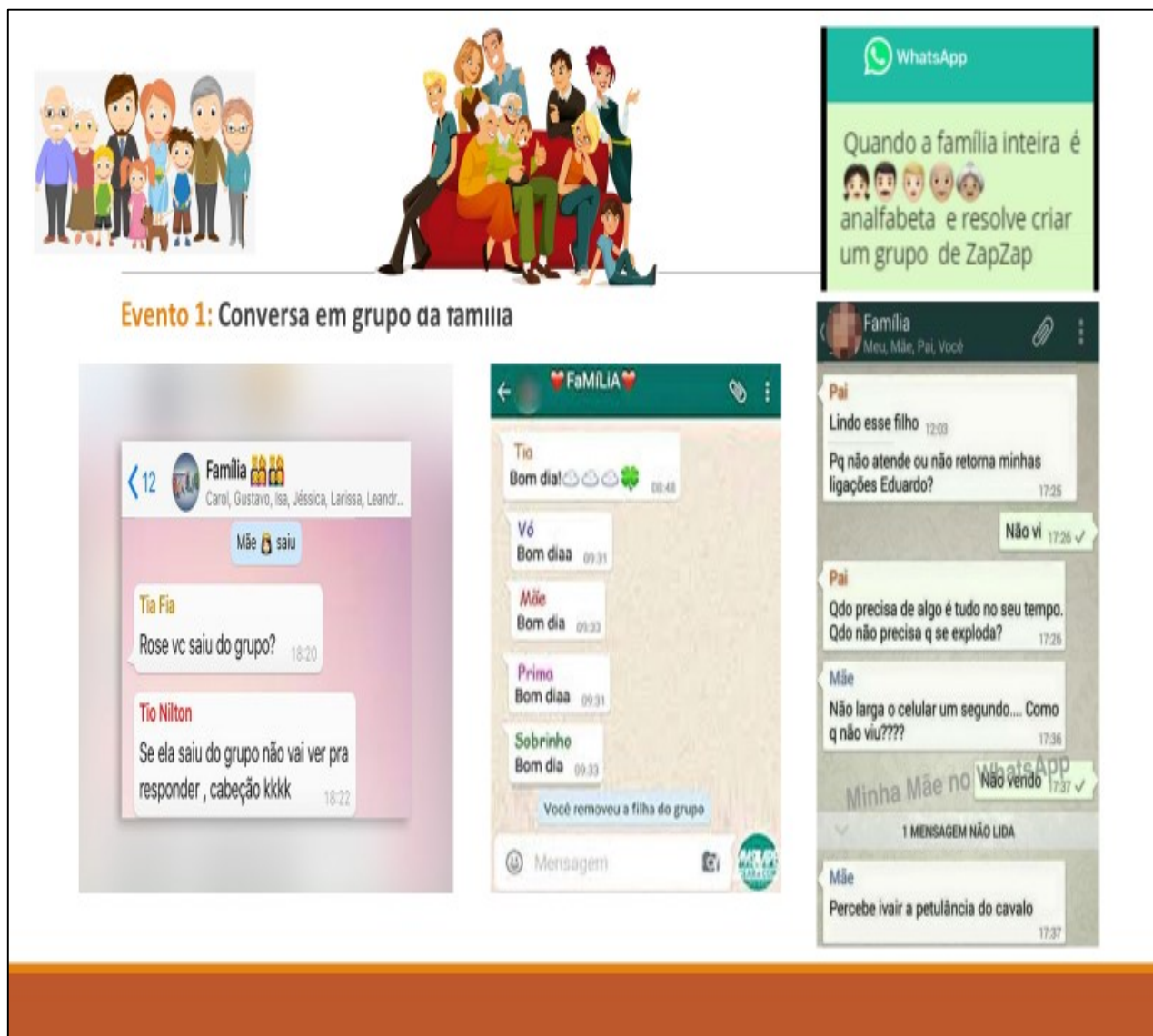
dos clientes e por meio da linguagem constrói-se uma cena que critica a realidade em restaurantes quando o cliente é contrariado em relação ao seu pedido.

A análise dos eventos comunicativos foi muito produtiva para a percepção do quanto a língua nos possibilita diferentes maneiras de comunicação. Em muitas situações a monitoração é maior e a comunicação é mais formal, em outras, a linguagem é menos monitorada e a situação informal. Por isso, não é viável considerar um padrão correto na língua, julgando manifestações linguísticas como “erros”.

O próximo passo da oficina foi a atividade de análise de alguns eventos comunicativos, envolvendo a língua escrita e a língua falada. Foram selecionados seis eventos comunicativos diferentes para que os grupos escolhessem. Deixamos os alunos livres para escolher qual evento gostariam de analisar.

Primeiramente, fizemos a leitura dos eventos envolvendo a língua escrita:

Figura 28: Evento 1: Conversas de WhatsApp em grupos de família



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Figura 29: Evento 2: Conversa de WhatsApp entre mãe e filha:



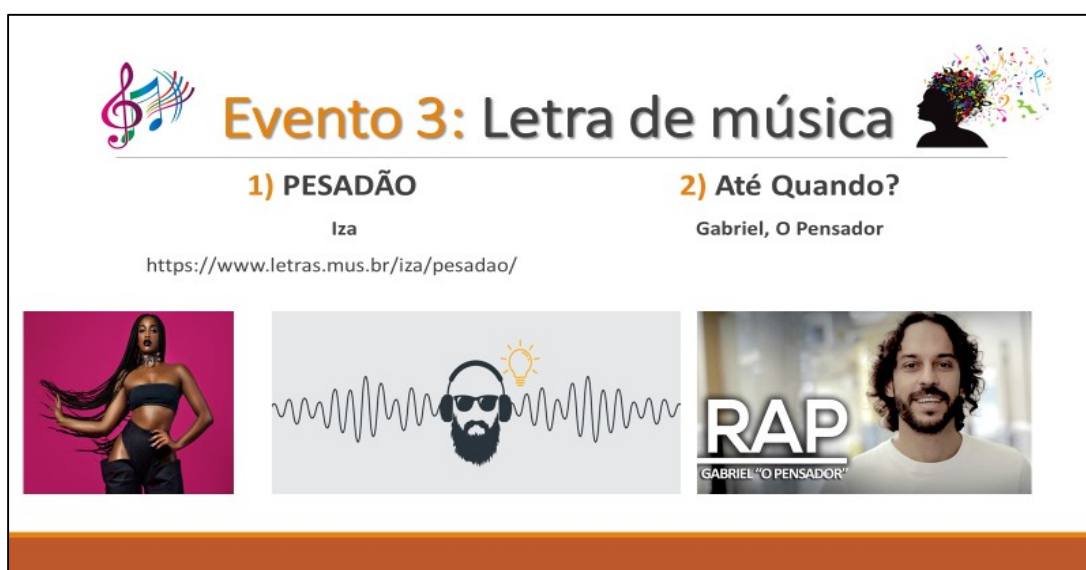
Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Fizemos as leituras dos dois tipos de eventos comunicativos em que aparecem várias manifestações da língua escrita, em sua maioria menos monitoradas. Os alunos, ao lerem, já identificaram algumas manifestações como por exemplo, “mãezoca”, “tá”,

“vc”, “kkkk”, “pq”, “qdo”, “ahhh”, como menos monitoradas pela situação comunicativa.

Alguns alunos comentaram que não consideramos como “erros” as expressões destacadas, pois considerando o evento comunicativo a linguagem está totalmente adequada. Com esse comentário de alguns alunos, pudemos conferir como as discussões a respeito da adequação linguística surtiram efeito positivo para os conhecimentos linguísticos e uma reflexão crítica com relação ao uso da língua por parte dos alunos.

Figura 30: Evento 3: Letra de Música



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Em seguida, utilizamos o Datashow e o YouTube para reproduzir as duas músicas “Pesadão – Iza”¹⁶, e “Até quando? – Gabriel o Pensador”¹⁷ e, depois, fizemos a leitura das respectivas letras para o conhecimento de todos. A maioria conhecia a música da cantora Iza e não conhecia a música de Gabriel o Pensador. Observamos os vídeos e, depois, fizemos a leitura da letra das músicas¹⁸, já observando aspectos linguísticos presentes em relação ao evento comunicativo.

¹⁶ Acesso ao vídeo pelo link <https://www.letras.mus.br/iza/pesadao/>. Acesso em 30 de janeiro de 2019

¹⁷ Acesso ao vídeo pelo link <https://www.youtube.com/watch?v=rH5TRzmOVFo>. Acesso em 30 de janeiro de 2019

¹⁸ Acesso pelo link <https://www.letras.mus.br/iza/pesadao/>. Acesso em 30 de janeiro de 2019 (Pesadão – Iza) e <https://www.letras.mus.br/gabriel-pensador/30449/>. Acesso em 30 de janeiro de 2019 (Até quando? Gabriel o Pensador)

Figura 31: Evento 4: Videoaula

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Assistimos, também, à videoaula “Português - Sujeito e Predicado - Aula 2 - Tipos de Sujeito”¹⁹, para observação da forma como a língua é utilizada nesse tipo de evento comunicativo. No slide seguinte, fizemos a leitura das propagandas selecionadas, analisando o tipo de linguagem presente nesse gênero. Observamos as propagandas e a linguagem utilizada em cada uma delas. Elas apresentam situações mais e menos formais de uso da língua, considerando o contexto de comunicação: para qual público se destina, qual a intenção de comunicação do locutor para o interlocutor.

¹⁹ Acesso pelo link https://www.youtube.com/watch?v=K0CE807T_OA. Acesso em 03 de fevereiro de 2019.

Figura 32: Evento 5: Propagandas



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

No próximo slide, analisamos as postagens de Facebook e os comentários gerados a partir da leitura das postagens. Prontamente, alguns alunos identificaram expressões utilizadas na escrita que são típicas da oralidade, como por exemplo “uhhhullllll”, “kkkkkkkk”, “rsrsrsr”, “cazamigas”.

Figura 33: Evento 6: Postagem no Facebook



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A partir da leitura dos eventos comunicativos supracitados, fizemos a atividade de análise de cada um dos eventos observando em que ponto do Contínuo de Monitoração Estilística poderíamos localizá-los. Essa análise foi útil para verificar a adequação linguística presente no evento, verificando se houve ou não a preocupação com a ortografia da Língua Portuguesa, se é um evento formal ou informal e se a linguagem é mais ou menos monitorada.

A reflexão proporcionada pela atividade contribuiu para que os alunos pudessem perceber em que momentos a língua, tanto escrita quanto falada, apareceu mais monitorada ou quando ela apareceu de forma menos monitorada. Assim, os alunos demonstraram entendimento acerca do que deve ser considerado um evento mais formal, para o qual, se for por meio da língua escrita, a ortografia é uma exigência e, quando se trata de evento informal, a língua é menos monitorada e a ortografia não se torna uma exigência.

Além disso foi possível perceber nos textos analisados uma mistura de eventos em que ora se mostrava mais formal com uma linguagem mais monitorada e ora se mostrava menos formal com uma linguagem menos monitorada. Por exemplo, na letra da música “*Pesadão*” (Iza), há momentos em que a língua está mais monitorada e outros em que a língua aparece menos monitorada. Quando o autor da letra da música escreve os versos do refrão: “*Oh oh oh oh, oh oh oh oh, oh oh Som pesadão, pesadão-dão*”, observamos que por uma questão de estilo do gênero e a intenção do texto nesses versos, há uma linguagem menos monitorada, justamente para adequar-se à situação comunicativa, mesmo não estando totalmente de acordo com as normas ortográficas.

Diferentemente de quando analisamos os versos da mesma música: “*Vou reerguer o meu castelo / Ferro e martelo / Reconquistar o que eu perdi / Eu sei que vão tentar me /destruir / Mas vou me reconstruir / Voltar mais forte que antes*”, nos quais percebemos a presença de uma linguagem mais formal do que a que aparece nos versos analisados anteriormente.

Observamos também aspectos da linguagem que se referem à interferência da fala no texto escrito. Por se tratar da letra de uma música, é comum que apareça traços típicos da língua falada. Frisamos com os alunos o fato de justamente por se tratar de uma letra de música – o gênero textual em foco neste caso – não há “erro” de português, apesar de

em alguns momentos observarmos o distanciamento das regras ortográficas, como por exemplo quando aparecem expressões da fala.

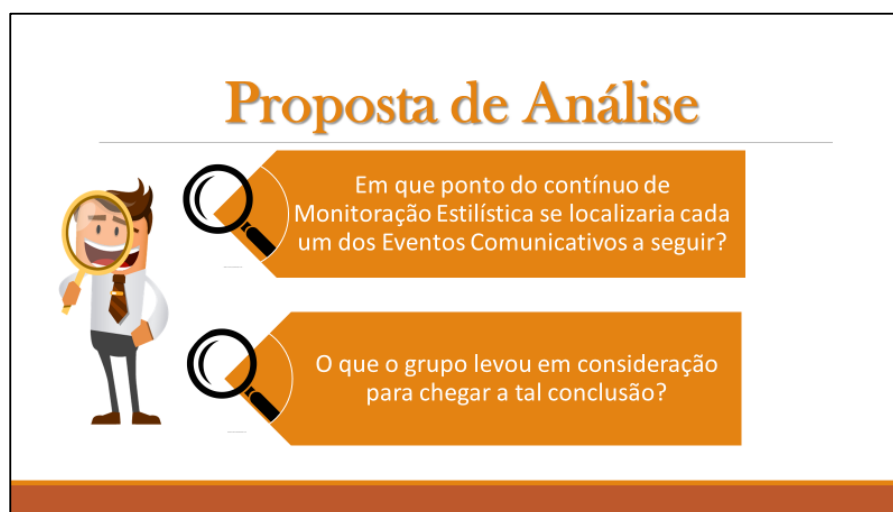
A análise foi um exercício muito interessante para os alunos observarem que em um mesmo texto a língua pode se manifestar de formas diferentes. Nos versos analisados foi possível exemplificar como usamos a língua de acordo com nossas intenções comunicativas e de acordo com o contexto.

Cada grupo, então, escolheu um dos seis eventos comunicativos para investigar em que ponto do Contínuo de Monitoração Estilística poderíamos localizá-los. Os grupos escolheram os eventos de modo que o evento comunicativo 4, correspondente à videoaula, foi o menos procurado. Julgamos que a videoaula não despertou o interesse dos alunos tanto quanto os outros, por isso não foi solicitado pelos grupos.

A professora fez no quadro branco da sala, disponível no laboratório de informática, a representação do Contínuo de Monitoração Estilística para que o representante de cada grupo pudesse compartilhar a sua análise, posicionando o adesivo com o número do evento escolhido em um ponto do contínuo.

Para que a análise dos grupos ficasse clara para todos, o representante de cada grupo explicou sua análise por meio da seguinte orientação:

Figura 34: Slide 11 da Oficina 5



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Um dos grupos escolheu o evento comunicativo sobre Postagens no Facebook. Eles analisaram o evento destacando momentos em que a língua é mais monitorada e outros em que é menos monitorada. O representante do grupo explicou com clareza, exemplificando com trechos dos textos, o tipo de monitoração.

Figura 35: Slide 20 da Oficina 5



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

O grupo identificou os trechos “*Vai rolar um churras aqui em casa, Chuva de benção*”, “*kkkkkkkkk*”, “*Eu permiti alguma coisa? Oque eu te disse quando vc saiu daqui?*”, como menos monitorados, pois são conversas entre pessoas que apresentam intimidade entre si, é uma situação em que a monitoração é menor, pois não há preocupação com a norma culta nem com a norma ortográfica. Essa constatação é possível por meio da caracterização do gênero em foco, bem como seu estilo. Além disso, devemos considerar que a escolha das palavras em uma situação comunicativa está diretamente relacionada ao tópico e ao público-alvo, conforme a intenção do autor.

A linguagem que aparece nas postagens do Facebook que o grupo analisou se refere ao uso comum da língua para atividades do dia a dia. Esse uso reflete a forma como as pessoas falam, tentando imitar a sua velocidade, os seus sons por meio de caracteres digitais, como quando as risadas são representadas com as expressões “*kkk*”, “*rsrsrs*”, “*hahaha*”. Conforme Barton,

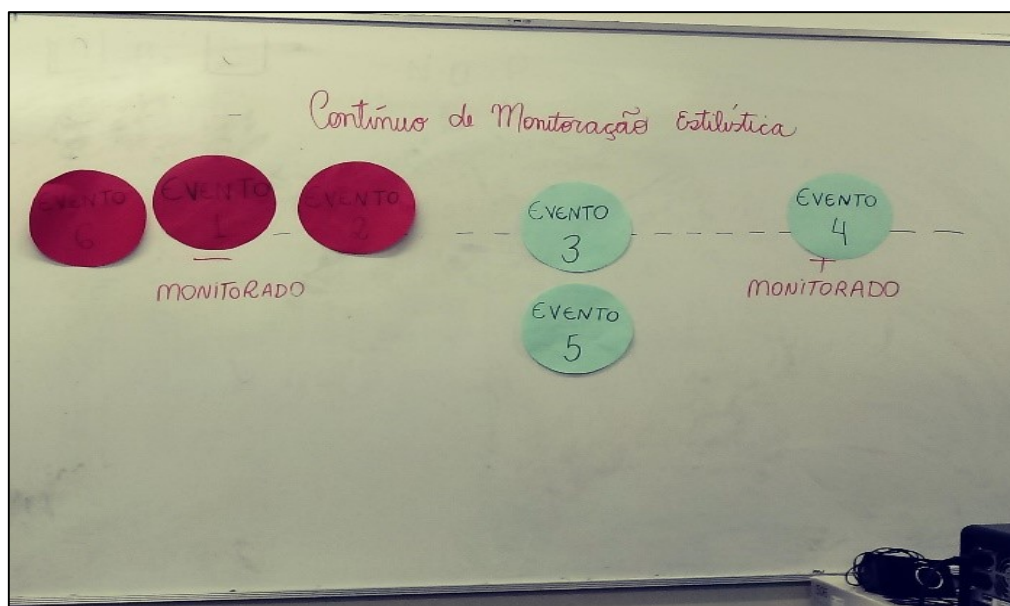
Práticas vernáculas não são particularmente aprovadas por domínios formais. Elas são muitas vezes minimizadas e desvalorizadas pelas escolas, principalmente quando associadas à cultura popular. Além disso, são recorrentes os pânico morais sobre os efeitos deletérios da cultura popular sobre os jovens. Tais preocupações são ampliadas quando combinadas com pânico morais sobre os efeitos das mídias sociais sobre os jovens. (BARTON, 2015, p. 185)

As práticas sociais representadas pela linguagem em mídias sociais refletem a língua escrita em uso, demonstrando os costumes, a cultura e a história de uma comunidade por meio de expressões e modos de comunicação. As expressões que observamos nas postagens do Facebook são representações de práticas vernáculas, desvalorizadas socialmente, apesar de representar a língua em uso, presente na vida da maioria dos alunos.

Com essa atividade foi possível mostrar aos alunos que a desconstrução dos padrões linguísticos, considerados de mais prestígio pela sociedade, deve acontecer em todas as modalidades da língua, inclusive na escrita. Essa diversificação da língua, em suas modalidades escrita e falada, é natural e possibilita a evolução da competência comunicativa do aluno, ao prepará-lo para utilizar a língua em distintas situações.

A seguir, registramos o contínuo de monitoração estilística finalizado.

Figura 36: Exemplo do Contínuo de Monitoração produzido pelos alunos



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Para dar continuidade às atividades da oficina, os alunos foram divididos em grupos – a quantidade de integrantes foi aleatória – e lhes foi solicitado que pesquisassem sobre tipos de eventos comunicativos. Cada grupo poderia escolher um evento comunicativo, mais ou menos monitorado, para representar oralmente para os colegas e a professora. Aproveitamos o momento para incentivar os alunos a se expressarem oralmente e fazê-los perceber como a língua escrita é muito mais exigida na escola do que a oralidade.

Fizemos um breve esclarecimento acerca do gênero esquete, aproveitando a explicação que continha no livro didático. A proposta consistia em cada grupo apresentar um esquete curta sobre um evento comunicativo, observando como a língua apareceria em cada situação.

Alguns alunos se mostraram apreensivos com relação à atividade e não quiseram participar da apresentação dos esquetes. Um grupo em específico, que apresentou a esquete “Entrevista de emprego”, teve dificuldades em apresentar seu trabalho devido ao nervosismo e ao medo de falar diante da turma. Esse foi um momento bastante produtivo em que a professora pode interagir com os alunos explicando-lhes sobre a importância do enfrentamento de desafios e o quanto isso pode lhes fortalecer para o futuro.

Além disso, conversamos sobre a insegurança e o medo de falar em público, absolutamente normal, mas que não pode ser um empecilho para o crescimento profissional, por exemplo, quando a profissão exige falar diante/para as pessoas. Após a conversa, os integrantes do grupo – dois alunos – sentiram-se mais à vontade para apresentar e o fizeram com êxito.

Esse foi um momento muito interessante em que os alunos realizaram apresentações muito criativas, representando esquetes sobre temas variados. Os temas foram assim distribuídos:

Quadro 17: Quadro de atividades 14 – Temas de apresentação por grupo

Grupo 1 – Diálogo entre colegas de trabalho

Grupo 2 – Voo para Dubai, confusão no voo com passageiro infringindo as regras do avião

Grupo 3 – Entrevista em programa de Rádio para participação em sorteio de prêmios

Grupo 4 – Mãe e filha em consulta médica e vacinação

Grupo 5 – Vendedor de artigos falsificados e compradores interessados

Grupo 6 – Assalto ao banco, ação dos policiais, e entrevista com o comandante da operação

Grupo 7 – Entrevista em programa esportivo de televisão com jogador de futebol

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Alguns pontos das apresentações merecem destaque para análise, considerando a proposta do trabalho com apresentação de esquetes: verificar a diversidade que a língua pode apresentar de acordo com a situação comunicativa e a variação estilística.

Em primeiro lugar, a maioria dos grupos escolheram situações em que apareceram diferentes graus de monitoração e estilo em um mesmo evento comunicativo. No evento em que foi apresentado um voo e logo em seguida uma confusão dentro do avião entre os passageiros, há diferentes graus de monitoração da língua.

O grupo preparou a cena e os personagens de modo que a comissária falou de acordo com as formalidades de sua profissão, inclusive ao abordar um passageiro que

insistia em fumar dentro do avião. Algumas expressões como “*senhoras e senhoras*”, “*senhor comandante do voo*”, “*o senhor poderia apagar o seu cigarro, por gentileza?*”, “*as normas não permitem que os passageiros fumem dentro do avião*”, representaram a fala da comissária, extremamente formal com uma linguagem muito monitorada, de acordo com o protocolo de sua profissão.

A situação comunicativa muda quando começa a confusão com o fumante e outros passageiros do avião. A fala do passageiro é bem informal, com uma linguagem menos monitorada, demonstrando agressividade contra os passageiros. Ele utilizou expressões como: “*ta me tirano?*”, “*eu quero fuma, vo fuma sim*”. O passageiro se exalta, falando em tom bastante ameaçador, fazendo os passageiros e a comissária de reféns. Ele anuncia, então, que é um assaltante, causando pânico dos passageiros.

Outro evento comunicativo começa quando o policial adentra o voo, que ainda não tinha decolado por conta da confusão, para acalmar o passageiro alterado. A discussão se concentra entre o homem, que estava armado e faz a comissária de refém, e o policial, que tenta negociar a sua liberdade. A linguagem do policial apresenta certo grau de monitoração, mas é espontânea porque ele reage de acordo com o assaltante.

Propomos as seguintes questões para os grupos analisarem os Eventos Comunicativos apresentados:

Quadro 18: Quadro de atividades 15 - Questões para discussão

- 1) Qual/ais Evento(s) Comunicativo(s) o grupo apresentou?
- 2) É um evento formal ou informal?
- 3) É um evento mais ou menos monitorado?
- 4) O que há no evento que levou o grupo a identificá-lo como formal ou informal?
- 5) Dê exemplos de linguagem utilizada no evento comunicativo que a torna mais ou menos monitorada.
- 6) Em que ambiente o evento acontece?
- 7) Quem são os interlocutores?
- 8) Qual é o tópico da conversa?

Sugerimos que os grupos respondessem oralmente às questões para analisar os eventos comunicativos apresentados. O grupo descrito acima, em especial, respondeu adequadamente às questões, identificando o grau de monitoração dos eventos e suas especificações.

Os demais grupos apresentaram seus esquetes de forma competente e criativa, utilizando linguagens adequadas ao evento em situações formais e informais. Chamou-nos a atenção o fato de que a maioria dos alunos escolheu criar um evento menos monitorado, representando situações informais.

Acreditamos que o fato de os alunos terem optado por eventos menos monitorados se deu pela identificação com a maneira que a língua se manifesta e com a própria maneira que falam. Assim, a apresentação de eventos menos monitorados se deu de forma a representar situações reais que os alunos vivem ou presenciam em nossa sociedade.

As apresentações foram muito bem aproveitadas para discutirmos sobre a variação linguística e como utilizamos a língua de acordo com os objetivos de comunicação, com nossa cultura e com nossos costumes. Discutimos sobre a variação presente tanto na língua oral quanto na língua escrita e como a monitoração estilística é importante para definir como a utilizamos.

Como os eventos foram muito diversificados, pudemos analisar desde uma venda de produtos de camelô até uma entrevista com jogador de futebol para um programa esportivo. Esta atividade foi muito produtiva, com resultados muito positivos. Os alunos se envolveram com a atividade, caracterizaram-se conforme os personagens que representaram, organizaram os cenários para o evento, prepararam o roteiro de apresentação, ensaiaram. Foi muito prazeroso ver o envolvimento dos alunos com as apresentações, esforçando-se para fazer um bom trabalho.

A maioria dos alunos conseguiu compreender a variação presente na Língua Portuguesa, muito natural conforme a situação comunicativa. Ao responder às questões propostas, os grupos foram muito coerentes e demonstraram ter compreendido o sentido da atividade, evidenciando os conceitos estudados. Compreenderam que a língua se manifesta por meio de contextos de comunicação e não sob uma visão de certo e errado, como demonstravam no início das oficinas.

Assim como afirma Faraco,

A variação linguística precisa, então, estar sempre presente no ensino da língua. E isso porque é intrínseca a toda e qualquer língua, porque se distribui por todos os níveis linguísticos, porque contribui para a constituição e significação das interlocuções de que participamos, porque é ativamente utilizada na construção de efeitos de sentido em nossos textos orais e escritos, porque constitui nossas identidades e caracteriza as ações que realizamos nas interações sociais (FARACO, p. 175, 2017).

Um aspecto interessante das apresentações, o qual merece destaque, foi o fato de que em alguns eventos apresentados, aqueles que a monitoração se deu em menor grau, os alunos não sentiram a necessidade de escrever roteiros, pois falariam espontaneamente de acordo com a situação. A intenção desses grupos era a de agir de acordo com a situação, demonstrando menos monitoração. Por exemplo, na apresentação do grupo que escolheu a consulta médica, a recepcionista do posto de saúde não tinha uma fala ensaiada, porque eles queriam que fosse uma situação realista. Assim, as falas foram surgindo de acordo com a situação. Isso mostra que o grupo aplicou seus conhecimentos linguísticos para apresentar uma situação comunicativa informal, com uma linguagem adequada à cena e aos personagens.

Para os eventos mais monitorados, os grupos sentiram a necessidade de escrever as falas das personagens, para seguirem a formalidade do evento. Alguns grupos escreveram o roteiro de falas as quais guiaram os esquetes para apresentação. A seguir, alguns exemplos dos roteiros de falas:

Figura 37: Roteiro de Falas do Grupo 1

DIALOGO ENTRE COLEGAS DE TRABALHO

MARCELO: Você está fazendo um ótimo trabalho...Onde aprendeu a fazer isso tão bem?

BRUNNO: Oh, obrigado foi meu pai quem me ensinou.

M.JULIA: Marcelo você acha que eu também estou fazendo um bom trabalho?

MARCELO: Eu não tinha notado oque você está fazendo deixe-me ver...

M.JULIA: Estou fazendo algumas placas de vídeo para computador.

PEDRO: POR QUE ESTÃO TODOS CONVERSANDO E NINGUÉM ESTÁ TRABALHANDO????

ISAQUE: Acalme-se você está muito estressado hoje.

PEDRO: EU ESTOU COMPLETAMENTE CALMO. E estou saindo do escritório.

M.JULIA: Oque aconteceu com ele hoje???ele sempre é o chefe perfeito.

ISAQUE: Eu não sei, mas acho que ele e a esposa tiveram uma briga.

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Figura 38: Roteiro de Falas do Grupo 7


Thiago-Vamos agora com o nosso repórter
Nicollas Magalhães

Nicollas-Bom dia,estamos aqui em Uberlândia
direto do praia futebol clube vamos conversar
com um dos jogadores.

Bom dia Yuri vou fazer algumas perguntas
antes do jogo começar para vc ok!?

- Qual sua visão para o jogo de hoje?
- Vcs acha que consegue ganhar do time
adversário?
- Como está sua perna depois da lesão do jogo
passado

OBS:Responde na hora



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Associamos a opção de escrever os roteiros de fala ao fato de que alguns alunos ainda relacionam a língua escrita à formalidade e a língua falada à informalidade. Aproveitamos o momento para retomar com os alunos os eventos em que a fala acontece formalmente, com um grau de monitoração elevado, como por exemplo, o discurso político ou uma aula ministrada por um professor.

Para finalizar as atividades da Oficina 5, foi solicitado aos grupos que escrevessem um texto, respondendo à questão:

Figura 39: Slide 22 da Oficina 5

TAREFA DE CASA

Os grupos produzirão um texto respondendo à pergunta: Quando é que a **ortografia** deve ser uma **exigência** para a **língua escrita**? e enviarão por meio de Whatsapp para a Profª.♡

Obs.:

- Deve ser observada a **monitoração** do **Evento Comunicativo**;
- Deve-se observar a estrutura do **gênero** do texto.

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Os grupos produziram os textos respondendo à questão proposta e um dos integrantes ficou responsável por enviá-lo por meio do WhatsApp da professora para avaliação. Ao explicar a atividade, ressaltamos a importância de se considerar a situação comunicativa e o grau de monitoração do evento comunicativo.

Além disso, a professora solicitou que os alunos utilizassem exemplos para ilustrar a explicação que escreveriam sobre a temática. A atividade foi interessante para que os alunos percebessem o contexto de monitoração estilística em que a variação linguística se faz presente também no WhatsApp, apresentando-se mais ou menos monitorada, a depender do evento comunicativo.

A partir dos textos enviados, pudemos perceber que o exercício foi muito proveitoso e revelou que a maioria dos alunos conseguiu perceber aspectos importantes da variação linguística, atentando-se para o fato de que há situações em que a língua deve ser utilizada com mais monitoração e outras que não exigem tanta monitoração. Abaixo, seguem dois exemplos das respostas enviadas pelos alunos:

Figura 40: Exemplos 1 e 2 de parágrafos produzidos

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Ao receber os textos dos alunos, a professora percebeu que houve uma preocupação com a norma ortográfica por parte dos grupos, apesar de terem sido escritos e enviados por WhatsApp. Observamos que por se tratar de uma situação mais formal de uso da língua escrita, os alunos atentaram-se para a monitoração do evento, cuidando ao utilizar as regras ortográficas.

Os textos analisados demonstraram que os autores reconheceram que até mesmo no WhatsApp – onde a língua, muitas vezes, se mostra mais informal, menos monitorada e que a ortografia não é uma exigência – podem ocorrer situações em que a língua deve ser mais monitorada e as regras ortográficas são essenciais para que as suas intenções sejam atingidas.

A exemplo disso, quando observamos o trecho, no exemplo 1 da Fig. 40, em que a professora repete a pergunta “quando é que a ortografia deve ser uma exigência para a língua escrita?”, para o aluno que solicitou, ele, imediatamente, responde com o seguinte trecho: “obrigadaa”. A repetição da vogal *a* no final da palavra *obrigadaa* foi identificada

como um traço de informalidade, entre pessoas com certo grau de intimidade, que intensifica o sentimento de gratidão do aluno em relação à atitude da professora. Essa repetição não é vista como um “erro” de ortografia e é encarada com naturalidade por quem usa esse tipo de comunicação via mensagens instantâneas. É nesse sentido que observamos a variação ortográfica presente na língua escrita. Assim,

a ortografia não é apenas uma questão técnica que possa ser discutida em abstrato. É também uma questão de amplo alcance educacional, cultural, político e econômico. Nela se emaranham costumes, disposições políticas, preferências de certos momentos históricos, além, claro, de referências às propriedades fonológicas da língua. Trata-se, portanto, de um complexo tecido de filigranas no qual não cabe mexer sem cuidadosa análise e nunca além de pequenos ajustes. (FARACO, 2017, p. 140).

De modo distinto da primeira resposta, a produção da resposta à pergunta solicitada seguiu um comportamento diferente por parte dos autores. De maneira que o texto pudesse ser avaliado e se enquadrasse nos quesitos exigidos pela professora: adequação à estrutura do gênero do texto e a monitoração do evento comunicativo, os autores atentaram-se a questões mais formais e à ortografia.

Dessa maneira, consideramos que as discussões feitas durante as oficinas serviram de base para mostrar aos alunos a variação linguística e ortográfica presente na língua e a importância de se escrever mais formalmente em determinadas situações, sem desconsiderar outras formas de escrita. Na resposta do exemplo 1, fica evidente que o grupo escreveu seu texto preocupando-se com a ortografia e com a formalidade da situação, pois não identificamos nenhuma marca que possa indicar informalidade ou menos monitoração da língua.

Associamos essa constatação ao fato de que a intenção dos próprios autores era de mostrar para a professora que haviam compreendido o conteúdo, e, como estariam sendo avaliados, teriam que se preocupar em utilizar uma linguagem mais formal de acordo com a ortografia. Nesse sentido, é relevante ressaltar que a monitoração estilística está relacionada ao estilo do evento e também às intenções do autor com o texto.

Observamos, ainda, que os exercícios ortográficos foram de grande valia para o trabalho com a ortografia, pois caracterizaram uma medida eficaz de estudo de regras ortográficas. Ao escreverem suas respostas, os alunos puderam perceber que a ortografia

é um estudo necessário que exige técnicas de aprendizagem distintas, como a memorização e a repetição. Os exercícios ortográficos serviram de base para que os alunos escrevessem seus textos com mais segurança. Nos dois exemplos analisados, notamos que os grupos não apresentaram problemas relacionados à ortografia, além de terem apresentado compreensão do conteúdo estudado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho surgiu da necessidade de se buscar estratégias voltadas para o ensino da ortografia de forma a promover o pensamento crítico e a reflexão linguística. Levamos em consideração as dificuldades com a língua escrita, relacionadas com o preconceito linguístico vinculado a um pensamento de que a língua é melhor representada por um modo de falar e de escrever “mais correto” que outros.

Partimos das experiências em sala de aula, nas quais a prática de ensino da ortografia não contempla a variação linguística de modo reflexivo. Assim, sentimos a necessidade de se elaborar estratégias de ensino que fossem além da memorização de regras ortográficas por meio de exercícios repetitivos, proporcionando momentos de reflexão sobre usos reais da língua, desmistificando algumas crenças sobre o preconceito.

Observamos que as estratégias de ensino de ortografia priorizam o padrão da norma culta da língua, muitas vezes reforçando o preconceito linguístico já que apenas uma variedade é levada em consideração. O fato de a ortografia estabelecer um padrão para a língua escrita, desvaloriza outras formas de manifestação da língua que, por vezes, não segue o padrão ortográfico da norma culta.

A variação ortográfica é observada, principalmente, em ambientes virtuais, os quais fazem parte do cotidiano dos alunos e da sociedade em geral. Por isso, optamos por analisar casos em que a língua escrita aparece de forma que a ortografia não é imprescindível para a comunicação. Nesses casos, em que o “internetês” predomina, há muitas situações de julgamento e preconceito, definindo como a sociedade compreende a variação linguística.

Segundo os PCN (1997), na maioria das escolas, a ortografia é trabalhada por meio da correção da palavra escrita errada seguidos de cópia e enfadonhos exercícios de preenchimento de lacunas. Esse método não possibilita ao aluno a descoberta do sistema grafofonêmico da língua e das convenções ortográficas.

A ortografia deve ser tratada como porta de entrada para a reflexão da língua, analisando as relações entre a fala e a escrita. Para isso é necessário que seja disponibilizado aos alunos um tipo de ensino em que ele formule e reformule hipóteses em interação com o objeto da escrita. Assim, a ortografia deve ser trabalhada de forma que o aluno possa refletir sobre os diferentes usos da língua escrita.

Assim, como afirma Bagno “O aprendizado da ortografia se faz pelo contato íntimo e frequente com textos bem escritos, e não com regras mal elaboradas ou com exercícios pouco esclarecedores.” (BAGNO, 2007, p. 162). Por isso, consideramos a leitura de textos diversificados, que valorizassem as variedades da língua como estratégias muito eficazes para o trabalho reflexivo com a ortografia.

Ao ouvir os relatos dos alunos durante as atividades das oficinas, concluímos que a desvalorização da língua como ela é em sua real função social acarreta diversos fatores para a vida dos alunos. Um deles é a habilidade da escrita que fica prejudicada quando os alunos não se sentem preparados para comunicar-se adequadamente em situações diversas. Além disso, as dúvidas ortográficas causam incômodo tanto para os alunos quanto para a sociedade em geral. Cria-se um pensamento equivocado de que tudo que não está de acordo com a ortografia constitui-se como “erro”. Assim como afirma Cagliari

É preciso rever isto! É preciso ser menos implacável com os erros de ortografia! É preciso deixar as pessoas livres para perguntar espontaneamente qual a grafia de uma palavra, sem se sentirem culpadas de ignorância ou com vergonha de possíveis zombarias e fofocas por parte de outras pessoas que fazem isto justamente porque foram mal orientadas pela escola. Só a escola pode mudar isto, porque essa situação é fruto da própria atitude da escola diante da linguagem escrita e, em particular, diante da ortografia. Todo mundo tem o direito de ter dúvidas ortográficas em qualquer momento da vida, pela razão que for. (CAGLIARI, 1999, p. 78).

Essa falsa ideia de que a ortografia define quem é inteligente e quem não é, quem sabe escrever e quem não sabe, prejudica tanto a autoestima linguística quanto um aprendizado que realmente faça com que o aluno utilize em suas práticas tantas regras gramaticais e ortográficas. Assim, consideramos que uma metodologia de ensino que evidencie propostas de reflexão sobre os usos da língua, sem desconsiderar o que o brasileiro falante da Língua Portuguesa usa em suas práticas sociais.

Diante disso, o sentimento de incapacidade em relação à produção de textos, seja ela escrita ou oral, é muito comum entre os alunos. Juntamente com esse pensamento vem arraigado desde o início da trajetória escolar o preconceito de que há uma língua certa e várias erradas. Esse preconceito impede que os alunos progridam no desenvolvimento da habilidade de produção de textos escritos, principalmente, pois se sentem incapazes.

Ao observarmos esses pontos, consideramos que a discussão acerca do preconceito linguístico e das crenças em torno dos conceitos de certo e errado se faz necessária, porém não é um exercício imediato, que não exigirá esforços. Ao contrário, mudar o que se tem incutido no pensamento em forma de crenças preconceituosas desde sempre requer um árduo trabalho de discussão, reflexões, e muito estudo.

Optamos por desenvolver uma proposta de intervenção embasada pela Sociolinguística Educacional, evidenciando a variação linguística e ortográfica. Nessa perspectiva, a língua e a sociedade são indissociáveis, pois aquela representa as expressões mais significativas de nossa identidade social, política e cultural e esta se constitui por meio da própria língua (OLIVEIRA; CYRANKA, 2013).

Dessa forma, é possível valorizar as variedades linguísticas que os alunos trazem consigo para a sala de aula. Para além disso, a Sociolinguística Educacional nos dá subsídios para o trabalho com a língua real, em uso, aplicando os conceitos dos três contínuos: de oralidade e letramento, de monitoração estilística e o rural-urbano. Assim, a perspectiva do ensino de Língua Portuguesa a partir dos gêneros, conforme orientam os PCN (1997), torna-se mais aplicável e realista uma vez que a língua é ensinada por meio de reflexão sobre usos reais em eventos comunicativos diversos.

Para o ensino da ortografia, a intervenção didática fundamentada na Sociolinguística Educacional mostrou aos alunos que não há certo e errado na língua e que ela não se coloca como alvo de julgamento. A ortografia é extremamente necessária em muitas situações e quando precisamos nos comportar formalmente. No entanto, pela flexibilidade da língua, há muitas situações, menos monitoradas, nas quais a ortografia não é uma exigência.

Segundo a Sociolinguística Educacional, não basta imprimir regras gramaticais, como regras ortográficas. É necessário observar como esses elementos da língua são efetivamente empregados em gêneros textuais de domínio público (OLIVEIRA; CYRANKA, 2013). Por isso, o ensino das regras ortográficas por meio de exercícios foi aprimorado pela estratégia baseada na Sociolinguística Educacional que proporcionou análise e reflexão de diversos usos da língua.

As atividades da intervenção didática para o ensino reflexivo da ortografia, apresentando a variação ortográfica presente em diversos gêneros textuais escritos, foram baseadas na variação estilística. A partir da pesquisa e dos estudos realizados para a

elaboração desta proposta de trabalho, concluímos que a variação ortográfica está diretamente relacionada à variação estilística.

A análise de eventos comunicativos de várias naturezas foi essencial para apresentar uma nova forma de se ensinar a Língua Portuguesa considerando a variação estilística presente. Os eventos comunicativos possibilitaram a análise de situações reais de uso da língua, as quais apresentavam diferentes graus de formalidade, de acordo com as circunstâncias sociais. Dessa forma, foram analisados o tipo de relação com o interlocutor – simétrica ou assimétrica – e o contexto social onde a interação ocorre. Essa análise permitiu identificar o estilo do evento e a monitoração para, então, identificar a variação linguística e ortográfica de que se constitui a língua (FARACO; ZILLES, 2015).

Por fim, apresentamos uma intervenção didática para o ensino reflexivo da ortografia, baseada na Sociolinguística Educacional, a fim de ampliar a maneira de trabalhar a ortografia em sala de aula. Essa proposta é uma alternativa para o professor utilizar, adaptando-a à realidade de sua escola e às necessidades de seus alunos. Para além disso, com a intervenção apresentada, o professor poderá pesquisar, transformar, mudar a sua forma de ensinar, libertar-se de algumas crenças e preconceitos, ou, por ora, refletir sobre sua própria prática e despertar para o que realmente representa a necessidade de seus alunos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail . **Estética da criação verbal**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. Jogo dos sete erros teóricos. In: ____ **Sete erros aos quatro ventos**: a variação linguística no ensino de português. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. Cap. 4. p. 73-105.

BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa**: tradição gramatical, mídia & exclusão social. 6 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

BARTON, David. LEE, Carmen. **Linguagem online**: textos e práticas digitais. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BORTONI-RICARDO, Stella. Maris; DETONNI, Rachel. do Vale. **Diversidades linguísticas e desigualdades sociais**: aplicando a pedagogia culturalmente sensível. In: COX, M. I. P.; ASSIS-PETERSON, A. A. de (Org.) **Cenas da sala de aula**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2001, p. 81-103.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella. Maris. O estatuto do erro na língua oral e na língua escrita. In: GORSKI, M. E; COELHO, I. L. (Orgs.). **Sociolingüística e ensino**: contribuições para a formação do professor de língua. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

BORTONI-RICARDO, Stella. Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto; Secretaria de Educação do Ensino Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: língua portuguesa, vol. 2. Brasília, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto; Secretaria de Educação do Ensino Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: língua portuguesa, vol. 2. Brasília, 1998.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1989.

CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística – parte II. In: BENTES, Anna; MUSSALIM, Fernanda. (Org.) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. 1, 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005. 294 p.

COELHO, Izete Lehmkuhl. et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CANDAU, Vera Maria *et al.* **Oficinas pedagógicas de direitos humanos**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERREIRO, Emília. TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

GÖRSKI, Edair Maria; LEHMKHUL, Izete Coelho; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. (Orgs.) **Variação Estilística** – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. Coleção Linguística. v. 3. Florianópolis: Insular, 2014.

HORA, Dermeval. **Estilo: uma perspectiva variacionista**. In: GÖRSKI, Edair Maria; LEHMKHUL, Izete Coelho; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. (Orgs.) **Variação Estilística** – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. Coleção Linguística. V. 3. Florianópolis: Insular, 2014.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1972. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LEMLE, Mirian. **Guia teórico do Alfabetizador**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1988.

LEMLE, Mirian. **Guia teórico do Alfabetizador**. 15 ed. São Paulo: Ática, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DINÍSIO, Angela Paiva. **Fala e Escrita**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 208 p.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. **Diante das letras: a escrita na alfabetização**. Campinas SP: Mercado das Letras, 1999. 238 p.

MOLLICA, Maria Cecília. **Influência da fala na alfabetização**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2016.

MORAIS, Artur Gomes. **Ortografia: ensinar e aprender**. São Paulo: Ática, 2010. 136 p.

MURRIE, Zuleika de Felice. et al. **Projeto Escola e Cidadania para Todos: Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora do Brasil, 2004, 816 p.

OLIVEIRA, Dermeval da Hora; MAGALHÃES, José Sueli. **Fonologia, variação e ensino** [recurso eletrônico]. 1 ed. Natal: EDUFERN, 2016.

OLIVEIRA, Marco Antônio de; NASCIMENTO, Milton do. Da análise de “erros” aos mecanismos envolvidos na aprendizagem da escrita. **Educ. Rev.**, Belo Horizonte (12): 33-43, dez.1990.

OLIVEIRA, Luis Carlos de; CYRANKA, Lúcia Furtado de Mendonça. **Sociolinguística Educacional: Ampliando a competência de uso da língua**. Revista SoLetras, Rio de Janeiro, n. 26, 2013. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/7392> . Acesso em 03 de fevereiro de 2019.

SCHERRE, Maria Marta. Pereira. Sobre a influência de variáveis sociais na concordância nominal. In: OLIVEIRA e SILVA, Giselle. Machline. e SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 239-264.

SEVERO, Cristine Görski. Estilo, variação linguística e discurso. In: GÖRSKI, Edair Maria; LEHMKHUL, Izete Coelho; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. (Orgs.) **Variação Estilística – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Coleção Linguística. V. 3. Florianópolis: Insular, 2014.

SILVA, Maurício. (Org.) **Ortografia da língua portuguesa: história, discurso e representações**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1994. 95 p.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1994.

VIEIRA, Renata Cristina. **Dificuldades ortográficas: história de uma intervenção**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p.145. 2007.

XAVIER, Antônio Carlos. A (in)sustentável leveza do internetês. Como lidar com essa realidade virtual na escola? In: ELIAS, Vanda Maria. **Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

APÊNDICE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO PROFLETRAS



**ORIENTAÇÕES
METODOLÓGICAS PARA
UMA PROPOSTA DE
ENSINO REFLEXIVO DA
ORTOGRAFIA**

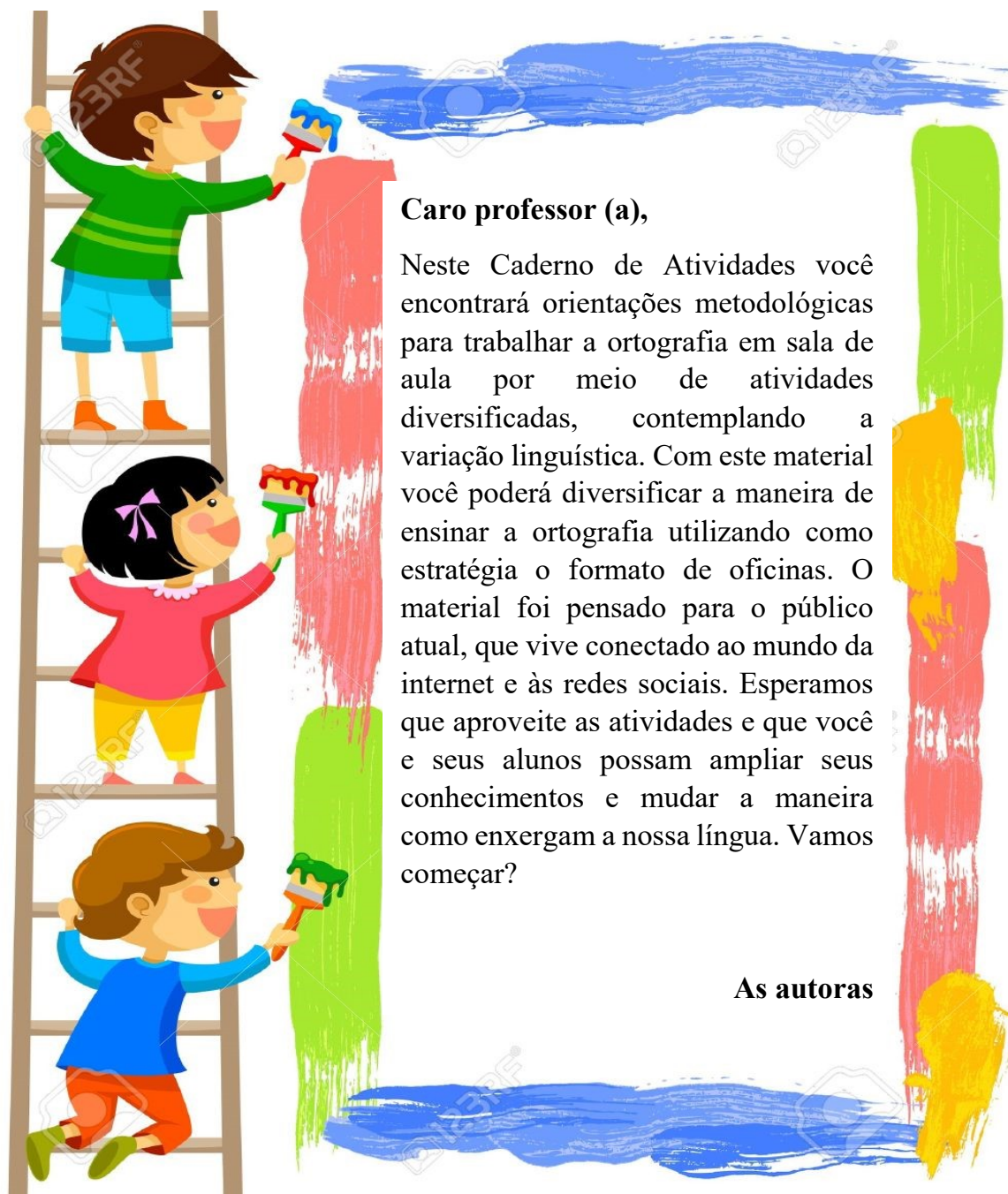


ORGANIZADORAS
THAIS NUNES XAVIER DOS SANTOS
MARLÚCIA MARIA ALVES

UBERLÂNDIA

2019

Orientações Metodológicas para o Desenvolvimento de Oficinas sobre o ensino reflexivo da ortografia à luz da Sociolinguística Educacional



Caro professor (a),

Neste Caderno de Atividades você encontrará orientações metodológicas para trabalhar a ortografia em sala de aula por meio de atividades diversificadas, contemplando a variação linguística. Com este material você poderá diversificar a maneira de ensinar a ortografia utilizando como estratégia o formato de oficinas. O material foi pensado para o público atual, que vive conectado ao mundo da internet e às redes sociais. Esperamos que aproveite as atividades e que você e seus alunos possam ampliar seus conhecimentos e mudar a maneira como enxergam a nossa língua. Vamos começar?

As autoras

Apresentação

As atividades de nossa proposta visam construir gradativamente o conhecimento dos alunos acerca da ortografia de forma a pensar criticamente sobre a língua e seus atributos. Por isso, pensamos em um formato que possibilitasse a participação dos alunos, conduzida pelo professor (a), com a intenção de analisar situações comunicativas diversas, valorizando as diferentes formas de falar e de escrever que a língua nos possibilita.

Assim, o formato que mais atendia às nossas expectativas foi o de oficinas. Para tanto, elaboramos cinco oficinas sobre temas diversificados que ficaram assim distribuídos: “Oficina 1 – Pensando sobre a língua que falamos e escrevemos”, “Oficina 2 – Ortografia”, “Oficina 3 – O jogo Soletrando”, “Oficina 4 – Variação Estilística” e “Oficina 5 – Monitoração Estilística”.

Acreditamos que para um trabalho mais reflexivo com a ortografia é importante que os alunos compreendam alguns conceitos, como o de estilo, o de variação, o de “erro” em se tratando de usos da língua, o de eventos comunicativos, dentre outros. Por isso, as oficinas abordam tais assuntos de maneira que os alunos possam reconhecer situações comuns e também de gêneros diversos de usos da língua, analisando a variação linguística e ortográfica.

Uma das atividades propostas diz respeito a uma lista de exercícios ortográficos na qual os alunos responderão às perguntas de acordo com a escrita ortográfica das palavras solicitadas. Esse tipo de exercício se justifica pela importância de se utilizar os métodos de aprendizagem da ortografia, imprescindível em inúmeros gêneros textuais nos quais a situação comunicativa exigirá uma formalidade por parte do falante e, conseqüentemente, a ortografia será uma exigência.

Os exercícios se dividem em observação da pronúncia de uma palavra com regularidade de acordo com o contexto e arbitrariedade entre sons e letras, memorização e repetição de palavras. Esses exercícios contribuem para a ampliação do repertório linguístico do aluno, que será muito útil em sua vida. O professor deve orientar os alunos sobre a importância de se estudar a ortografia e sobre as estratégias de aprendizagem das regras ortográficas.

Além disso, com as oficinas, o(a) professor(a) poderá contar com subsídios para a discussão sobre o preconceito linguístico e o poder que a língua exerce sobre a sociedade por meio de muitos exemplos de textos. Para garantir um estudo mais produtivo sobre eventos comunicativos, preparamos uma oficina que envolve o trabalho com o gênero esquetes. Assim, será possível o trabalho com a oralidade em sala de aula, incentivando os alunos a apresentarem diferentes situações comunicativas.

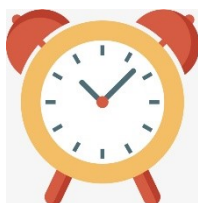
Oficina 1 – Pensando sobre a língua que falamos e escrevemos

Pensando sobre a língua que falamos e escrevemos



PROF^a. THAIS NUNES XAVIER DOS SANTOS

Objetivos: 1) **Refletir** sobre manifestações da língua escrita mais **próximas da realidade** possível, como nas conversas de **WhatsApp**;
2) **Despertar** nos alunos uma **visão crítica** sobre usos da língua e os conceitos de **certo** e **errado** impostos pelas prescrições da gramática normativa.



Tempo estimado:

1ª Etapa: 2 aulas de 50 minutos cada,

2ª Etapa: 3 aulas de 50 minutos cada,

Total: 5 horas/aulas de 50 minutos cada



Estratégias:

Leitura

Questionamentos

Discussão

Produção de texto

Professor (a), este é um momento de discussão com os alunos, pois **pretendemos com as atividades promover uma reflexão acerca do uso da língua em suas modalidades escrita e oral a partir de alguns usos comuns da atualidade.** Por exemplo, nos slides iniciais, como nos selecionados abaixo, a proposta é que se faça a leitura das conversas de WhatsApp, analisando como a língua escrita é utilizada em cada situação.

Slide 2 – Oficina 1

Uso Real da Língua Escrita



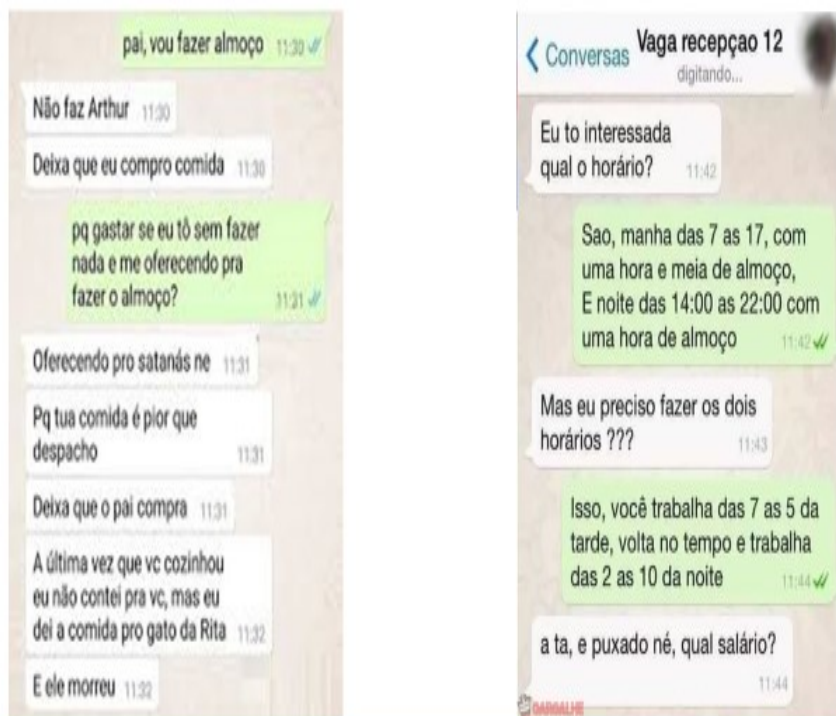
Professor (a), peça a participação dos alunos na **leitura** das mensagens e discuta com eles em que situações podemos utilizar o WhatsApp.

Slide 3 – Oficina 1

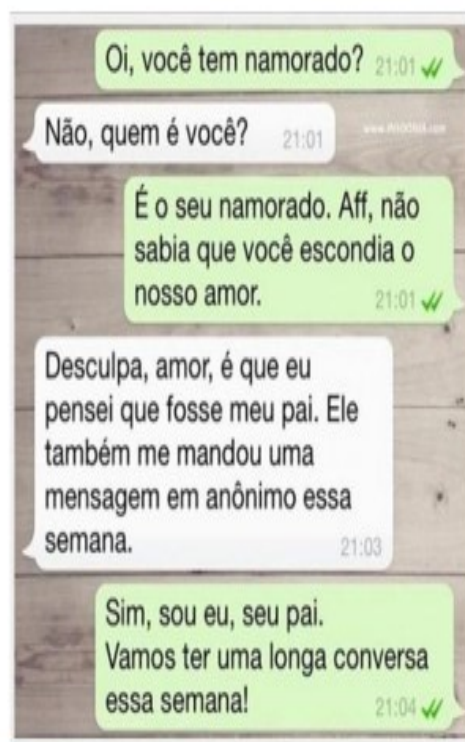


Professor (a), discuta com os alunos sobre a **intencionalidade** do **autor/produtor** das mensagens, envolvendo a **situação de comunicação**: quem está falando; para quem está falando? com que objetivo? dentre outras questões pertinentes.

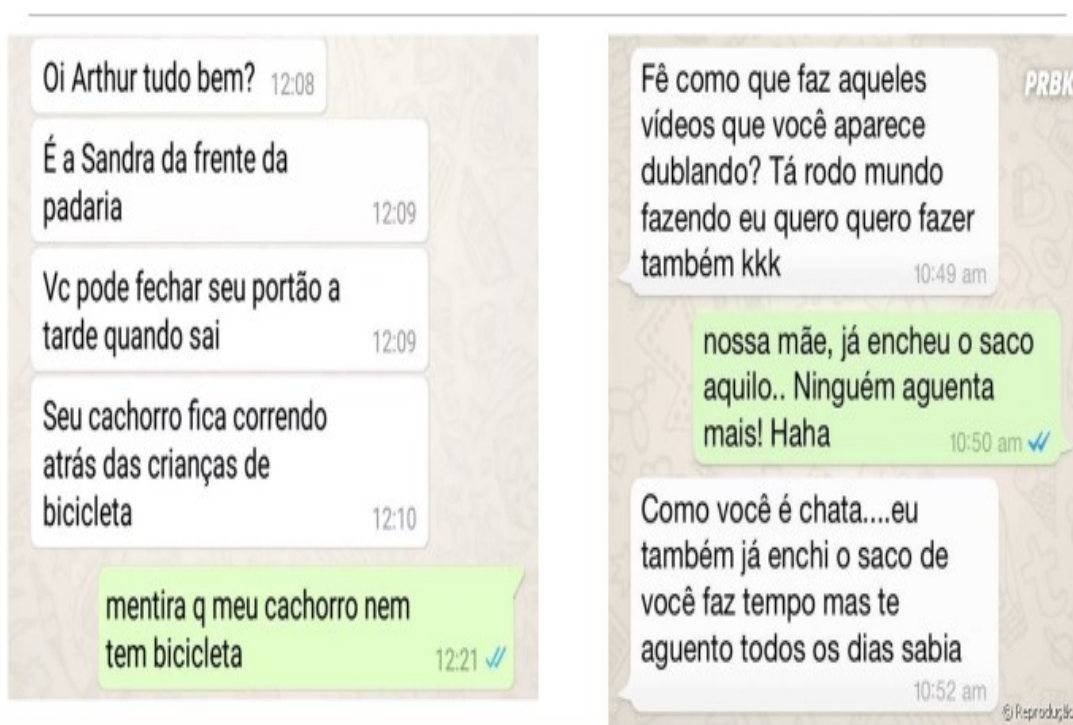
Slide 4 - Oficina 1



Professor (a), observe que há nas mensagens selecionadas muitas **expressões** mais comuns na **língua falada** que na **escrita** (a depender do gênero), por exemplo: “a ta”, “né”, “to”. Mostre-as aos alunos, discutindo sobre o quanto as mensagens de WhatsApp “**imitam**” as particularidades da fala.

Slide 5 – Oficina 1

Slide 6 – Oficina 1



Na sequência das atividades da Oficina será proposta a leitura do texto do Jô Soares “Português é fácil de aprender porque é uma língua que se escreve exatamente como se fala”²⁰. Este será um momento oportuno para refletir, juntamente com os alunos, sobre a relação entre a fala e a escrita.

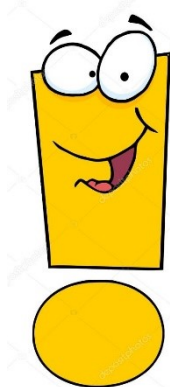
²⁰ SORES, Jô. Veja. Edição nº, 28 nov. 1990, p. 19.

Slide 7 – Oficina 1

Leitura!



“Português é fácil de aprender porque é uma língua que se escreve exatamente como se fala.”



Professor (a), o texto escrito por Jô Soares mostra como seria a língua escrita **se escrevêssemos da forma exata como falamos**. Chame a atenção dos alunos para este fato dando destaque à **forma** como o autor escreveu seu texto e quais os seus **objetivos de comunicação**. Discuta com os alunos sobre **qual o papel da escrita** no sentido de **reproduzir a fala**, qual a **função da escrita** em nossa sociedade.

Slide 8 – Oficina 1

Jô Soares

Pois é. U portugueis é muinto fáciu di aprender, purqui é uma língua qui a genti iscrevi ixatamenti cumu si fala. Num é cumu ingleis qui dá vontadi di ri quandu a genti descobri cumu é qui si iscrevi algumas palavras. Im portugueis não. É só prestâtenção. U alemão pur exemplu. Qué coisa mais doida? Num bati nada cum nada. Até nu espanhol qui é paricidu, si iscrevi muintu diferenti. Qui bom qui a minha língua é u português. Quem soube falá sabe iscrevê.

Slide 9 – Oficina 1

Agora, falando sério, a nossa língua até que pode ser das mais **incongruentes**. Basta observar os pequenos **paradoxos** de todo dia:

- ☐ Motorista pegue o táxi e vá voando pro aeroporto.
 - ☐ Aí ele chorou de tanto rir.
 - ☐ Essa vida é de morte.
 - ☐ Nunca vi um cara tão coroa.
 - ☐ Essa carro está ótimo porque foi envenenado.
 - ☐ Gostei. Esse sorvete é quente.
 - ☐ Deixe em fogo brando até que a clara fique escura.
 - ☐ O time do Santos anda um inferno.
 - ☐ É dengue. Não tem mosquito. É dengue.
 - ☐ Luz de boate.
 - ☐ Nunca comprei óculos à vista.
 - ☐ Aquele cantor ali é baixo.
 - ☐ A seleção dos amarelos ainda está muito verde.
- Jô Soares, Revista Veja**

Slide 10 – Oficina 1

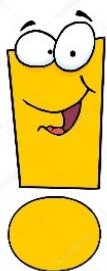
Oi?



Professor (a), após a leitura do texto do Jô Soares, seria oportuno discutir com os alunos sobre **erro**, considerando a crítica do texto, e verificar **o que os alunos pensam** a respeito desse conceito.

Propusemos algumas questões para que o (a) professor (a) discuta com os alunos:

- 1) Você encontrou algum desvio ortográfico nos textos lidos?
- 2) Os desvios ortográficos causam problemas para a comunicação e prejudicam a compreensão do texto?
- 3) Quem escreve apresentando desvio é mal visto na sociedade?
- 4) Em algumas situações de comunicação o desvio pode não ser considerado desvio?
- 5) Todo desvio ortográfico deve ser corrigido?
- 6) A ortografia é importante para a Língua Portuguesa?



Importante! As questões do debate podem ser dispostas **uma em cada slide da Oficina**, separadamente, para que os alunos possam visualizá-las e o debate transcorra com mais clareza. Os slides com as questões podem ser os slides referentes à numeração de 11 a 17.

Professor (a), é importante que as questões promovam a **participação** dos alunos nas discussões. Por isso, incentive-os a **responderem e pensarem** sobre o tema discutido por meio de exemplos.

Propomos a leitura de duas reportagens sobre a Ortografia para promover a reflexão sobre o tema abordado. Nas duas reportagens, a ortografia aparece como padrão de julgamentos e definição do que é certo e do que é errado para um padrão linguístico. No site onde as reportagens foram pesquisadas, há a opção de exibir as reportagens por meio de vídeo, caso o (a) professor (a) julgue relevante exibi-los. Acreditamos que os vídeos são uma opção interessante que geralmente atrai a atenção dos alunos. Professor (a), acesse pelos links:



Link 1: <http://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2017/01/erros-de-portugues-comuns-na-web-podem-prejudicar-busca-por-emprego.html>

Link 2: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/05/erros-de-ortografia-reprovam-406-de-estudantes-em-teste-para-estagio.html>

Após a leitura das reportagens, sugerimos ao (à) professor (a) que discuta os conteúdos abordados a partir das seguintes questões:

Slide 18 – Oficina 1

Discussão!



- ☐ De que forma a ortografia influencia na busca por emprego ou estágio?
- ☐ Como as pessoas enxergam a ortografia da língua portuguesa?
- ☐ Na sua opinião, as pessoas devem ser julgadas pela forma como escrevem?
- ☐ As pessoas se comunicam por meio da língua escrita da mesma forma em qualquer situação comunicativa? Explique.

Professor (a), sugerimos que as questões sejam debatidas oralmente, observando a participação dos alunos e o seu entendimento do conteúdo. Consideramos válido ressaltar que a atividade final da oficina será a produção de um parágrafo por escrito sobre o que os alunos entenderam sobre a ortografia e a língua escrita. Por conseguinte, é importante que o debate sirva de motivação para a produção escrita dos alunos, ressaltando o que entenderam do que foi discutido.

Slide 19 – Oficina 1

Prática!



Escreva um parágrafo de sete a dez linhas sobre o que foi discutido até agora em relação à ortografia, à língua escrita e ao que você entendeu.

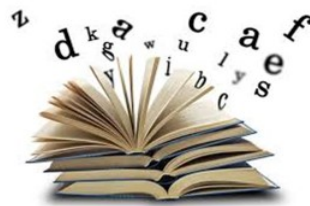
Professor (a), sugerimos que a produção escrita seja realizada em uma folha de papel à parte e recolhida. Explique aos alunos que é uma produção textual escrita que servirá como avaliação do nível de compreensão do assunto até o momento. Isso se faz necessário pois servirá de parâmetro comparativo para a atividade final das Oficinas.

Professor (a), este é um momento importante de **participação** dos alunos, por isso **incentive-os** a escrever o texto de acordo com a discussão até o momento, auxiliando-os na formulação das ideias.

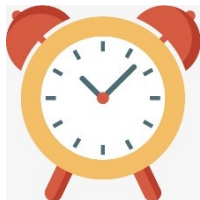
Oficina 2 – Ortografia

Ortografia

PROFª: THAIS NUNES XAVIER DOS SANTOS



- Objetivos:**
- 1) Introduzir os conceitos sobre a ortografia;
 - 2) Promover a reflexão sobre manifestações linguísticas diversas;
 - 3) rever o conceito de erro;
 - 4) estudar as regras ortográficas por meio de atividades lúdicas que são os jogos online.



Tempo Estimado

1ª Etapa: 2 horários de 50 minutos cada – Explicação dos conteúdos

2ª Etapa: 2 horários de 50 minutos cada – Jogos



Estratégias

Exposição dos conteúdos;
Leituras;
Discussões;
Jogos



Professor (a), acreditamos que as atividades da Oficina 1 serviram de base introdutória para o estudo da ortografia que se pretende com estas Oficinas. Por isso, a Oficina 2 tratará mais especificamente sobre a ortografia, sua importância para a língua e algumas estratégias de aprendizagem das regras ortográficas.

Professor (a), inicialmente, reproduza o vídeo *Variações Linguísticas Regionais*, para introdução do tema da oficina. **O vídeo proporciona uma reflexão sobre as mudanças inerentes à língua, muitas vezes imperceptíveis pelas pessoas.**



Acesse o vídeo disponível no link

<https://www.youtube.com/watch?v=iu4ra9tkFWM&t=468s>



É interessante que haja uma discussão sobre o vídeo no sentido de compreender como a língua pode ser utilizada de diferentes maneiras por seus falantes por conta da variação linguística. Este é um momento ideal para discutir sobre alguns aspectos da variação, como idade, gênero, classe social, região, determinados períodos históricos.

Recomendamos que o (a) professor (a) direcione a discussão de forma que os alunos possam perceber as diferenças entre a fala e a escrita e como uma influencia a outra. Além disso, o (a) professor (a) poderá questionar os alunos quanto a outros exemplos de variação linguística que eles conheçam, outros modos de falar que caracterizam determinado grupo de pessoas de uma região, de uma faixa etária, ou de uma comunidade.

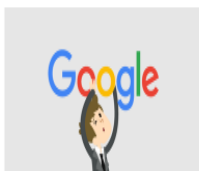
Com o intuito de incentivar o interesse pela pesquisa, sugerimos que a próxima atividade seja uma pesquisa sobre os termos **variação** e **variedade** linguística, diferenciando-os.

Side 3 – Oficina 2

ATIVIDADE PRÁTICA: PESQUISA



Pesquise a respeito da diferença entre **Variação** e **Variedade linguística**, definindo o que é variação e o que é variedade. Traga por escrito o que descobriu com sua pesquisa.



Professor(a), esta atividade poderá ser realizada como **tarefa de casa** e posteriormente, **discutida em conjunto**. Caso julgue pertinente, realize a atividade juntamente com a turma no laboratório de informática, auxiliando os alunos. Sugerimos que a **atividade seja realizada por escrito** para ser retomada em outro momento.

A pesquisa deverá servir de motivação para as discussões seguintes sobre a leitura dos textos dos próximos slides. Por isso, a atividade deverá ser retomada e o (a) professor (a) explicará com mais detalhes os conceitos. Assim, os alunos já estarão familiarizados com os conceitos de **variação** e **variedade** e poderão participar mais efetivamente do debate.

Professor (a) dê segmento às leituras dos próximos slides, evidenciando a variação linguística presente nos exemplos. Procure valorizar a participação dos alunos, incentivando-os a participar das leituras, possibilitando que eles percebam maneiras diferentes de uso da língua e que o “erro” não deve ser parâmetro de análise linguística.

O próximo slide apresenta algumas falas comuns em nossa região, de acordo com nosso **dialeto**, para serem discutidas com os alunos. Professor (a), discuta com os alunos sobre o que define o **evento comunicativo** em que tal frase foi dita: Quem disse? Para quem? Para quê? Onde eles estão? São íntimos, próximos?

Slide 4 – Oficina 2

Quem disse o quê?

- Manhê, cadê meu penti qui dexeí aqui ó?
- Ou, seis vai qui hora?
- Mano, as mina mó de boua!
- Oxi, se avexe não, diga aí vice?!
- Uai cê qui sabi, uai!
- Estamos procurando quem infringiu as regras do colégio.
- Está terminantemente proibido o uso de celular nas dependências do colégio.



Professor (a), o **slide 4** serve de motivação para discussões sobre a forma como falamos em situações **formais** ou **informais**, as quais são **mais monitoradas** ou **menos monitoradas**. Peça para que os alunos contribuam com mais exemplos sobre a **sua própria fala** em situações diversas.

Slide 5 – Oficina 2

*Quem entender esta mensagem
é um verdadeiro mineiro!*

Causo mineiro:



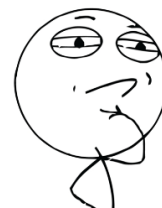
Sapassado, era sessetembro,
taveu na cozinha tomando uma
pincumel e cuzinhando um
kidicarne cumastumate pra fazer
uma macarronada cum
galinhassada. Quascaí de susto
quanduvi um barui vinde
dendufoño parecenum tidiguerra.
A receita mandopô midipipoca
denda galinha prassá.
O forno isquentô, o mistorô e o
fiófô da galinhispludiu!
Nossinhora! Fiquei branco quinein
um lidileite. Foi um trem doidimais!
Quascaí dendapia! Fiquei
sensabê doncovim, noncotô,
proncovô. Ópcevê quilocura!
Grazadeus ninguém semaxucô!

DESVENDAR
.COM

Professor (a), o texto do slide 5 é uma ótima opção para o trabalho com a **variação linguística**.
Representa a fala dos mineiros, principalmente a região do **Triângulo Mineiro**.

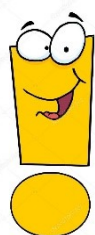
Professor (a), proponha o seguinte desafio para a turma: **quem consegue fazer a leitura do texto na íntegra em voz alta?**

DESAFIO ACEITO?



Após a leitura do texto, é interessante comentar com os alunos sobre algumas das expressões utilizadas. Por exemplo, selecione alguma delas e pergunte aos alunos se eles entenderam o seu significado. Questione se eles também falam dessa forma já que são mineiros como o personagem e se convivem com quem também fala essa variedade.

Professor (a), esse é um momento oportuno para discutir algumas questões associadas ao preconceito com o qual a sociedade lida quando se depara com falares diferentes. Discuta com os alunos sobre o conceito de “erro” a partir do texto lido e verifique o que eles pensam sobre esse conceito.



Professor (a), **questione** aos alunos como eles imaginam ser uma pessoa que fala essa variedade; como a sociedade representa as pessoas que falam essa variedade; como esse falante é representado pela mídia; Vamos debater!



ATENÇÃO

Professor (a), atente-se para não **reforçar** o **preconceito** que existe entre os falantes de **dialetos**, como o mineiro e o nordestino, e a **representação desses falantes pela sociedade**. A questão deve ser problematizada para uma discussão em que os alunos percebam o **preconceito** existente nos **estereótipos** criados pela **mídia** que resultam na **exclusão** de tantos falantes.

Professor (a), sugerimos que escolha uma das expressões para explicar por que na fala muitas vezes acrescentamos sons às palavras ou as diminuímos ou, ainda, juntamos palavras como se fossem uma só. Por exemplo, a expressão “dendapia”, por meio de processos fonológicos²¹, que acontecem naturalmente na língua, a depender do dialeto e

²¹ Para saber mais sobre Processos Fonológicos, acesse o ebook “Fonologia Variação e Ensino”, disponível no link <http://bibliotecadigital.sedis.ufrn.br/interativos/profletras/>

da variedade falada, as palavras são suprimidas e unidas em uma só. No caso da expressão acima selecionada, observamos os processos de haplologia, em que há a união de termos, e a hipossegmentação. (OLIVEIRA; MAGALHÃES, 2016)

Por ora, é importante que os alunos compreendam que os processos fonológicos explicam muitas das variações que a língua apresenta, derrubando por terra o mito de que falamos errado em algumas regiões e certo em outras.

O slide 6 contém algumas questões para debate em grupo ou com a turma toda a respeito dos usos apresentados nos exemplos lidos. A partir das questões propostas, esperamos que os alunos possam refletir sobre os usos da língua e levantar hipóteses sobre o papel da ortografia para a língua.

Slide 6 – Oficina 2

Podemos **escrever da forma como** **falamos** em qualquer situação?

- ☐ Será que todo leitor, que sabe falar a língua portuguesa, conseguiria compreender textos escritos como nesses exemplos?
- ☐ Escrever é simplesmente uma cópia fiel da fala?
- ☐ De acordo com os exemplos lidos, podemos considerar que existe “erro” na fala?
- ☐ E na escrita, os exemplos configuram “erros”?

DEPENDE

Professor(a), explique aos alunos sobre o uso da palavra “depende” em se tratando do uso da língua. Ajude-os a perceber que tudo na língua depende da situação comunicativa e não simplesmente de se considerar “certo” ou “errado”.

A sequência das atividades se refere à ortografia em si, às suas funções na língua e aos tipos de regras que a definem.

Slide 7 – Oficina 2

Para que serve a Ortografia?

Hipóteses



Professor(a), **instigue** a turma para ativarem o seu conhecimento prévio sobre a ortografia.

Professor (a), os slides 8, 9 e 10 abordam a definição e as funções da ortografia. **É hora de conversar com os alunos sobre as regras ortográficas e sua aplicação!** Reforce a importância de saber as regras ortográficas para determinadas situações comunicativas.



Slide 8 – Oficina 2

Ortografia



- ☐ ORTO: Certo // GRAFIA: Escrita
- ☐ Toda língua possui uma ortografia;
- ☐ A língua escrita surge para perpetuar a fala;
- ☐ A ortografia surge para unificar a língua e anular a variação linguística na escrita;
- ☐ Finalidade: possibilitar a leitura;
- ☐ É a ortografia que define os sons das letras.

Professor (a), este momento é destinado à comprovação das hipóteses levantadas pela turma. Aproveite para discutir se as hipóteses se comprovaram ou não. Apresente para a turma as funções da ortografia para a língua. Explore os conceitos com os alunos, fazendo a leitura de cada tópico.

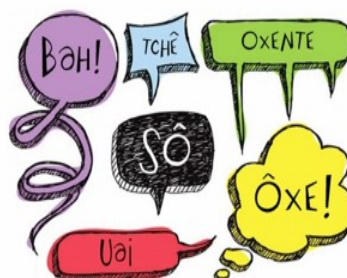
No slide 8 são apresentados alguns conceitos sobre a ortografia para reconhecer a sua importância para a língua. No próximo slide, selecionamos um resumo com os principais conceitos estudados:

Slide 9 – Oficina 2



Slide 10 – Oficina 2

A Questão dos Dialeto e a Função da Ortografia



Professor(a), converse com os alunos sobre as **expressões típicas** dos **dialetos** existentes no Brasil e a relação com a **ortografia: unificar a escrita e possibilitar a leitura.**

Saiba Mais

Você sabe o que são **Dialetos**?

Dialetos estão relacionados às **variedades linguísticas** presentes em uma **região** ou **território** e também na fala de determinados **grupos sociais**. Abaixo, selecionamos dois artigos que tratam especificamente do conceito de dialetos.

- 1) <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/dialetos> Acesso em 02 de abril de 2019
- 2) http://www2.unucseh.ueg.br/vialitterae/assets/files/volume_revista/vol_4_num_1/Via_Litterae_4-1_2012_3-DJIBY_MANE_Lingua_dialetos_e_preconceito.pdf Acesso em 02 de abril de 2019

A partir do slide 11 até o 15, acrescentamos alguns exercícios de ortografia para serem realizados juntamente com os alunos, despertando a discussão sobre as dificuldades muito comuns que a ortografia causa.

Slide 11 – Oficina 2

Como se escreve...?

Exceção; Excelente;

Exemplo; Exato;

Enxame; Enxada; **Chácara; Chave; Chuva;**

Intenção; Contenção; Atenção, Mansão; Canção; Expansão;

Isento; Isolado; Zebra;

Crucifixo; Fluxo; Fixa;

Massa; Faça; Massagem;

Laranjinha; Tijolo; Gesso.

Mesma Letra,
Sons diferentes!

e agora?

Mesmo Som, Letras
diferentes!



Professor(a), neste momento a discussão será sobre as **dificuldades ortográficas** existentes na Língua Portuguesa e que causam certo “bloqueio” na hora de escrever.

Slide 12 – Oficina 2

Com qual letra se escreve esta
palavra?

Inten____ão
Intenção



Slide 13 – Oficina 2

E esta?

Estupide____
Estupidez



Slide 14 – Oficina 2

E esta?

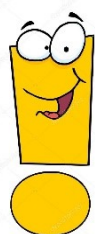
Fal____idade
Falsidade



Slide 15 – Oficina 2

E esta?

Ou____ado
Ousado



Professor (a), seria interessante apresentar a palavra **sem a letra correspondente que está faltando para que os alunos se manifestem com relação à escrita ortográfica da palavra**. Após a discussão e a definição de uma letra para a palavra, a qual a maioria julgar correta de acordo com a ortografia, mostre a palavra completa.

Do slide 16 em diante são exploradas as regras ortográficas e como se dividem de acordo com Regras Regulares de Acordo com o Contexto, Regras Regulares Independente do Contexto e Regras Arbitrárias, conforme Lemle (2002).

Slide 16 – Oficina 2

REGRAS ORTOGRÁFICAS



Regulares Independente do Contexto



Correspondência entre Letra / Som

Slide 17 – Oficina 2

Regras Regulares:



P		/p/
B		/b/
T		/t/
D		/d/
F		/f/
V		/v/
A		/a/
Lh		/lh/
Nh		/nh/



Slide 18 – Oficina 2

REGRAS ORTOGRÁFICAS

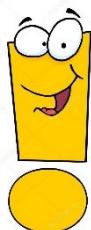


Regulares de Acordo com o Contexto



□ Da letra para o som: S, M, N, L, E, O

□ Do som para a letra: [k], [g], [r], [i], [u], [ãw], [ku], [gu]



Professor (a), esta é uma etapa de nível mais difícil da oficina, pois requer mais atenção dos alunos para que eles compreendam as relações mencionadas. Pode ser que haja a necessidade de retomar conceitos referentes a: **consoante, vogal, fonemas(sons), grafemas(letras), algumas regras ortográficas mais básicas.** Fique atento!

Slide 19 – Oficina 2

Regras Regulares de Acordo com o Contexto



S
M
N
L
E
O
R



sucesso; coisa;

bomba; tampa; falam; falaram

mandato; santa; navio; noite

laranja; lajota; varal; igual;

pe; pente; vinte; ve; lpê;

todo; pode; forte; quando; brando;

rato; mar; porta; marra; marasmo; merecimento



Slide 20 – Oficina 2

REGRAS ORTOGRÁFICAS



Arbitrárias



Concorrência entre Sons e Letras

Slide 21 – Oficina 2

Som	Posição	Letra	Exemplo
[z]	Entre vogais	S	asa
		Z	moleza
		X	exército
[s]	Entre vogais	SS	nossa
	Antes de a, o, u	Ç	moça
		SÇ	nasça
	Entre vogais	SS	passeio
	Antes de e, i	C	acenar
		SC	descendente
	Antes de a, o, u	S	bolsa
	Precedido por consoante	Ç	calça
		S	personagem
	Precedido por consoante	C	percevejo

POR
QUÊ?



Professor(a), aproveite o momento da Oficina 2, o qual se destina ao estudo das regras ortográficas, para **questionar** aos os alunos as **regras** das quais eles se **lembram** automaticamente quando vão **escrever**.



Professor (a), por se tratar de um assunto complexo, preparamos um material para ser impresso e entregue aos alunos para que eles possam utilizar nas atividades de estudo das regras ortográficas. Explore-o juntamente com a turma!

Material de apoio para o estudo das regras ortográficas:

Regras Ortográficas:

- Nenhuma palavra começa por: Ç, RR, SS.
- X no começo de palavra tem sempre o som de CH, mas no meio de palavras apresenta outros sons também: KS, S, Z, (cf. táxi, próximo, exame).
- Sempre que houver a pronúncia TCH ou DJ aparece na escrita apenas TI ou DI.
- S no início de palavras tem o som de sê, mas entre duas vogais tem o som de Zê (cf. sapo, casa).
- Antes de P ou de B nunca aparece N, mas pode aparecer M (cf. campo, bomba).
- Há palavras que podem ser escritas com o final ãO ou AM (verbos): se indicar futuro é com ãO; se indicar passado é com AM (cf. comprarão, compraram).
- No final de muitas palavras, pronuncia-se I e U, mas a ortografia com E ou O (cf. médico, doce)



Fonte: Extraído de Cagliari (2015, p. 44).

Após as discussões sobre as regras ortográficas, sugerimos que o(a) professor (a) convide os alunos para uma sessão de jogos online, Palavras Cruzadas²² e Jogo da Força,²³ os quais exigem que a ortografia seja completamente obedecida para que os jogos se completem. Professor (a), explique aos alunos que as Palavras Cruzadas e o Jogo da Força são atividades as quais exigem os conhecimentos ortográficos da língua assim como em outros gêneros textuais e situações comunicativas.

Slide 22 – Oficina 2

Vamos Jogar?



<https://cruzadasclube.com.br/jogo/i/id/1479/cruzadas-classicas-273/>

<https://www.soportugues.com.br/secoes/jogos/forca/forca.php>



Professor(a), **incentive** os alunos a pesquisarem em **dicionários** online, ou impressos, sobre a escrita ortográfica de palavras que lhes causarem dúvidas e sobre seu significado.

Dicionário online



http://www. Link 1: <https://dicionario.priberam.org/>

Link 2: <https://www.dicio.com.br/>

²² Disponível em <https://cruzadasclube.com.br/jogo/i/id/1479/cruzadas-classicas-273/>. Acesso em 04 de fevereiro de 2019.

²³ Disponível em <https://www.soportugues.com.br/secoes/jogos/forca/forca.php>. Acesso em 04 de fevereiro de 2019.

Caso haja necessidade, ou não seja possível realizar a atividade em sala com recursos digitais, computadores suficientes para os alunos – eles podem sentar-se em duplas ou trios – e internet disponível, o (a) professor (a) poderá optar pela versão impressa do jogo de Palavra Cruzada. E ainda, poderá realizar a atividade do Jogo da Força oralmente, utilizando o quadro para fazer o desenho do jogo.

Professor (a), preparamos uma lista de exercícios ortográficos para auxiliar o trabalho com a ortografia. Esta lista de exercícios é uma adaptação do Cadernos de Sala de Aula, desenvolvido sob a coordenação de Iúta Lerche Vieira Rocha, da Universidade Federal do Ceará²⁴, para o ensino da ortografia. Sugerimos que a atividade seja feita em grupo, para que os alunos possam se ajudar para completar os exercícios, na sala de aula ou como tarefa de casa.

Seguem abaixo os exercícios sobre ortografia:

EXERCÍCIOS SOBRE ORTOGRAFIA – REGRAS REGULARES DE ACORDO COM O CONTEXTO E REGRAS ARBITRÁRIAS

Emprego do S

Leia as palavras que seguem e distribua-as nos quadros abaixo conforme o critério estipulado em cada um deles.

Rasa	bolso	presa	absoluto	descanso
Séria	camisa	casa	roseira	sela
Compensa	sempre	pose	inconsolável	dispensa
Rosa	frase	riso	será	dose
Soro	solo	sereia	usada	usina

ESCREVEMOS S E PRONUNCIAMOS [S]	ESCREVEMOS S E PRONUNCIAMOS [Z]

²⁴ ROCHA, Iúta Lerche Vieira (Org.) *et al.* **Cadernos de sala de aula**: caderno I – ensino da ortografia. Fortaleza: 1995. (adaptado)

Em que ambiente escrevemos S e pronunciamos [z]?

Observe o som da letra S nas palavras, a fim de classificar as outras:

A – sela [s]

B – asa [z]

C – isto [s]

() saída	() pasta	() acaso	() roseira
() haste	() atraso	() mesa	() sala
() sinal	() casto	() atestado	() surdo
() costura	() pesado	() silêncio	() ousado

Elimine um S e transforme 5 das palavras abaixo, alterando-lhes o significado e também o som do s.

Pressente – pressa – acesso – isso – assa – massa – posse

Complete com s ou ss:

Ró__eo	mi__a	avi__o	pau__a
Pa__a	ro__a	ten__ão	pul__ar
Ama__a	a__alto	diver__ão	bol__a
I__olar	no__a	pi__o	cla__e
Re__ina	man__o	pe__oa	rapo__a

O uso dos sufixos -ES e -ESA

- | | |
|------------------|------------------|
| a) Francê_____ | f) Chinê_____ |
| b) France_____a | g) Chine_____a |
| c) Burguê_____ | h) Camponê_____ |
| d) Burgue_____a | i) Campone_____a |
| e) Calabre_____a | |

O uso do sufixo -ISA

- | |
|----------------------|
| a) Sacerdote - _____ |
| b) Papa - _____ |
| c) Píton - _____ |
| d) Profeta - _____ |
| e) Poeta - _____ |

Complete as palavras usando **S** ou **Z** nos espaços:

- | | |
|-----------------|------------------|
| A) france__a | K) padroni__ar |
| B) holande__a | L) pou__ada |
| C) japone__a | M) coi__a |
| D) marque__a | N) au__ência |
| E) prince__a | O) sou__a |
| F) rapide__ | P) qui__esse |
| G) leve__a | Q) pu__emos |
| H) nitide__ | R) pobre__a |
| I) canali__ar | S) democrati__ar |
| J) traumati__ar | |

Emprego do ão e am

Complete de acordo com o exemplo:

Ex: chorar - choram - chorão

Pensar: _____ - _____

Precisar: _____ - _____

Brigar: _____ - _____

Pregar: _____ - _____

Caminhar: _____ - _____

Pirar: _____ - _____

Tirar: _____ - _____

Limar: _____ - _____

Divida agora as palavras acima em dois grupos:

Pronunciamos ão, mas escrevemos am

Pronunciamos ão e escrevemos ão

Considerando a tonicidade das palavras, quando se usa ão e quando se usa am?

Substitua em 6 das palavras abaixo o ão por am para formar novas palavras:

Cantão: _____	Calão: _____
Limão: _____	Trovão: _____
Varão: _____	Melão: _____
Mamão: _____	Casarão: _____
Cascão: _____	Pensão: _____

Utilize as palavras da coluna da esquerda para formar derivados, obedecendo às instruções fornecidas nas outras colunas:

	VERBO NO INFINITIVO	VERBO NO PRESENTE DO INDICATIVO 3ª PESSOA PLURAL	VERBO NO PERFEITO DO INDICATIVO 3ª PESSOA PLURAL	VERBO NO FUTURO DO INDICATIVO 3ª PESSOA PLURAL
ENCONTRO				
PROCURA				
JOGO				
ERRO				
ESPERA				
COMPRA				
ENTREGA				

Em que tempos verbais temos oxítonos?

Quando é que se usa ão ou am?

Preencha com ão ou am as frases abaixo:

Ontem eles sentir_____ falta da menina.

Eles sentir_____ alívio quando encontrarem a garota.

Amanhã eles sair_____ à procura novamente.

Ontem os jornais acusar_____ o pai da criança.

Amanhã os policiais deixar_____ o homem sair.

Os parentes der_____ parte do pai raptor.

Antes de o juiz chegar, mandar_____ trazer o criminoso.

Comer_____ à vontade na festa ontem.

Emprego do E e do I

Distribua no diagrama as palavras que seguem

Pente	murici	piquenique	saci	sagui	frente
Siris	hoje	antes	aqui	quepe	alegre
Dividi	caqui	bule	corte	abacaxi	quente
Fonte	vinte	dente	pote	corte	doente

ESCREVEMOS I E PRONUNCIAMOS [I]	ESCREVEMOS E e PRONUNCIAMOS [I]

Emprego do U e do O finais

Distribua as palavras abaixo nos retângulos, observando a sílaba final:

Tato	mandacaru	caju	beiju	quádruplo
Grupo	canguru	balaço	tatu	beijo
Moto	feito	feio	gato	mundo

Pronunciamos [u] e escrevemos u

--

Pronunciamos [u] e escrevemos o

--



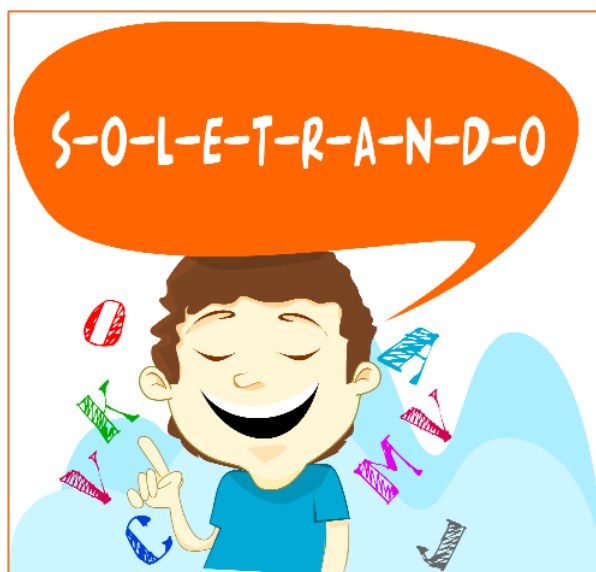
Professor (a), **prepare** um momento na sequência das atividades para **retomar** a lista de exercícios e fazer a **correção das questões** juntamente com os alunos, observando as **dúvidas** e solucionando-as. Aproveite o momento para reforçar a importância da **leitura** e da **pesquisa em dicionários** para o aprendizado das regras ortográficas.

Ressaltamos que as atividades da Oficina 2 são preparatórias para a Oficina 3 na qual os alunos participarão de um jogo. Por isso, é importante que a lista de exercícios seja corrigida e as dúvidas sejam resolvidas, pois ela será a base para a escolha das palavras para a realização do jogo da próxima Oficina.

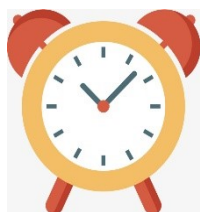


Os exercícios propostos para trabalhar a ortografia dizem respeito, principalmente, às relações entre sons e letras, que se dão de forma regular independente do contexto, regular de acordo com o contexto e arbitrária. Essa é uma forma de memorizar a escrita ortográfica de determinadas palavras, refletindo sobre a relação que se estabelece entre o som e a letra. A ideia é incorporar um exercício tradicional de ortografia, o qual tem sua importância para a memorização de algumas palavras, especialmente se associado a outros métodos de ensino da língua que promovam a reflexão de seus usos. Por isso, optamos por aplicar esse tipo de exercício como uma das formas de trabalho com a ortografia. Os alunos precisam compreender que há muitas situações comunicativas em que a ortografia é uma exigência, no entanto, em outras situações, a língua é flexível e notamos outras exigências e maneiras de usar a língua.

Oficina 3 – O Jogo Soletrando



Objetivos: 1) Estudar sobre a relação de representação fonema-grafema;
2) Refletir sobre algumas regras ortográficas;
3) Trabalhar com a criação de hipóteses de escrita em relação às regras ortográficas.



Tempo Estimado

1ªEtapa: 1 horário de 50 minutos
2ªEtapa: 2 horários de 50 minutos cada



Estratégias

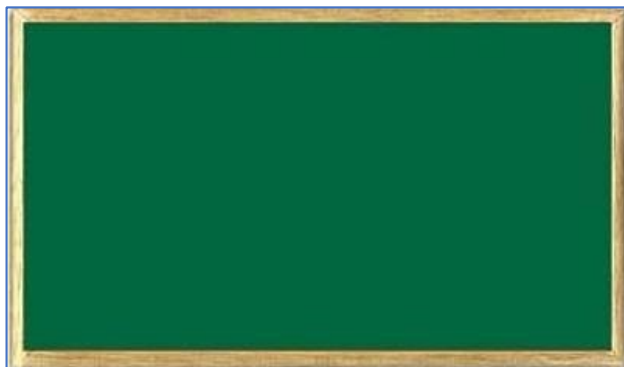
Leitura
Discussão em grupo
Estudo de palavras
Pesquisa
Jogo de Soletração

A Oficina 3 é inspirada no jogo **Soletrando**, apresentado no programa Caldeirão do Huck, da Rede Globo. Acreditamos que a soletração é uma atividade muito eficaz para o aprendizado prático das regras ortográficas, pois o **objetivo do jogo é que os competidores soletem as palavras de acordo com a ortografia da língua**. Para isso, é necessário que haja um preparo para a atividade como a seleção das possíveis palavras e o estudo prévio delas.

Professor (a), elabore juntamente com os alunos – eles podem estar em grupos – a lista das palavras que farão parte do Soletrando. Orientamos que os alunos sejam divididos em grupos de três integrantes ou em duplas e, a partir da lista de exercícios ortográficos, peça para que cada grupo elabore uma lista de 10 palavras as quais eles julgarem de maior dificuldade na escrita ortográfica.



Professor (a), é relevante que os alunos **participem da montagem da lista de palavras**, pois assim eles estarão elencando algumas das palavras que consideram de maior dificuldade quando vão escrever. Para esta atividade consideraremos uma lista com 25 palavras.



Professor (a), sugerimos que **liste a palavras selecionadas por cada grupo na lousa** e discuta com os alunos as que são mais difíceis e que poderiam estar na seleção de palavras do Soletrando.

Professor(a), sabemos que há muitas palavras que causam dúvidas na hora de escrever. Muitas dessas dúvidas permanecerão por toda a vida. Entretanto, podemos selecionar algumas que são frequentemente questionadas, como as palavras escritas com s. A consoante s pode ser representada por **c, ç, ss, x, sc, xc, s**. Portanto, existem na Língua Portuguesa *cebola, seio, cabeça, massa, extenso, excelente, piscina, mês* – todas as palavras representando o som da letra s – são escritas com consoantes diferentes, porém quando pronunciadas apresentam o mesmo som. **Essa arbitrariedade existente nas relações entre sons e letras é o que dificulta a escrita ortográfica.**

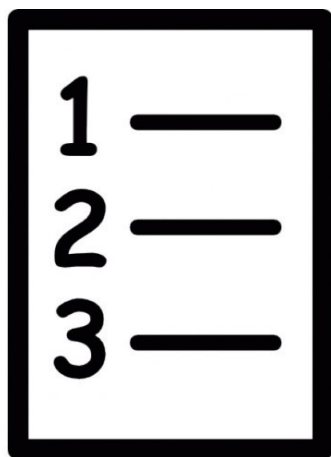
Além disso, as palavras que são menos usadas, que são **incomuns ao vocabulário** dos alunos podem lhes causar dúvidas quanto à escrita. Por isso, cabe ressaltar, a importância da **leitura** e da **pesquisa**.

Sugestão de Leitura:



MORAIS, Artur Gomes. **Ortografia: ensinar e aprender**. São Paulo: Ática, 2010. 136 p.

Após a montagem da lista das 25 palavras, será necessário que o(a) professor(a) as digite e imprima para cada grupo, ou peça para que os alunos as copiem do quadro. Se cada aluno tiver em mãos as palavras que estarão no jogo, facilitará o estudo prévio.



Professor (a), sugerimos que faça **listas de palavras** para todos os alunos dos grupos. Assim, facilitará o **estudo prévio** das palavras por todos.

Professor (a), explique como será o jogo Soletrando e a competição entre as equipes. Para isso, preparamos um tutorial com dicas para a organização do jogo.

Pequeno Tutorial para os participantes do Soletrando!

Você já soletrou alguma palavra? Está preparado para a competição de soletração?

Atenção ao passo-a-passo!



Preparação para antes do dia da Soletração

1. Você e seu grupo selecionará uma lista com 10 palavras que vocês julgarem mais difíceis de escrever;
2. Você receberá uma lista com 25 palavras selecionadas que poderão estar na lista de palavras de jogo;
3. Ao receber a lista de palavras, você deverá estudá-las previamente, utilizando técnicas de pesquisa, leitura e memorização;
4. O (a) professor (a) definirá o dia da soletração entre as equipes e informará à turma. Fique atento!
5. Aproveite o prazo que antecede o dia da soletração para tirar dúvidas com o (a) professor (a) sobre as palavras da lista.
6. Bom estudo!

Preparação para o dia da competição

1. O grande dia da Soletração finalmente chegou! Você está preparado?
2. Para a organização do jogo, será sorteado um aluno competidor por equipe para soletrar as palavras sorteadas;
3. Cada aluno competidor terá sua chance de soletrar a palavra sorteada em um tempo máximo de 2 minutos;
4. Cada um terá o direito às seguintes ajudas: a definição, a aplicação em uma frase, ou um sinônimo da palavra em cada rodada;
5. O (a) professor (a) fará o sorteio das palavras em cada rodada e para cada aluno competidor. Após o sorteio dará início ao cronômetro para o jogo;
6. Lembre-se: é hora de mostra o que aprendeu com os estudos sobre as regras ortográficas. Fique calmo e dê o seu melhor!

Orientações para a organização do Soletrando:

Os grupos serão divididos conforme a escolha dos alunos, desde que tenha 4 ou 5 integrantes. É relevante que cada grupo tenha um líder que represente os colegas na hora do sorteio das palavras, para que comprovem que o sorteio foi justo.

Professor(a), caso considere relevante, **apresente** aos alunos o vídeo – disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=HmWMImA9o-0> – de um episódio do **Soletrando**, apresentado no Programa **Caldeirão do Hulk**, da rede Globo, o qual inspirou a atividade da Oficina.

Este é um momento oportuno para que os alunos possam tirar dúvidas sobre as regras ortográficas e compreender de que forma ocorre a representação fonema/grafema de algumas palavras.



Já que os alunos terão um tempo para estudo prévio das listas de palavras, professor (a), aproveite para **reservar um momento da aula** para conversar com os alunos sobre possíveis **dúvidas** com alguma palavra específica ou com alguma regra ortográfica.

Dessa forma, espera-se que os alunos possam refletir sobre as regras de escrita das palavras da Língua Portuguesa e a real função da ortografia, muito além de padrões de julgamentos de certo e errado.

Professor (a), a seguir você encontrará 3 quadros que representam os três tipos de relações entre sons e letras (fonemas e grafemas), compreendidos como de maior dificuldade na escrita (LEMLE, 2002)



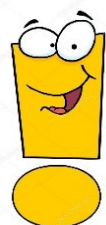
Sugestão de Leitura

LEMLE, M. **Guia teórico do Alfabetizador**. 15ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

Quadro 1 – Uma letra representando diferentes sons, segundo a posição:

Letra	Sons	Posições	Exemplos
S	[s]	Início de Palavra	Sala
	[z]	Intervocálico	Casa, duas árvores
	[ʃ]	Diante de consoante surda ou final de palavra (como no dialeto carioca)	Resto, duas casas
	[ʒ]	Diante de consoante sonora (como no dialeto carioca)	Rasgo, duas gotas
M	[m] (nasalidade de vogal precedente)	Antes de vogal Depois de vogal, diante de p ou b	Mala, leme Campo, sombra
N	[n] (nasalidade de vogal precedente)	Antes de Vogal Depois de vogal	Nada, banana Ganso, tango, conto
L	[l] [u]	Antes de vogal Depois de vogal	Bola, lua Calma, sal
E	[e] ou [ɛ] [i]	Não final Final de Palavra	Dedo, pedra Padre, morte
O	[o] ou [ɔ] [u]	Não final Final de Palavra	Bolo, cova Bolo, amigo

Fonte: Adaptado de Lemle (2002, p. 21)



Professor (a), utilize os **quadros** de Lemle (2002) para os seus **estudos e consultas** sobre a **representação de sons e letras**. Observe **como pronunciamos as palavras e como as escrevemos** nos exemplos dos quadros. Mostre essa relação aos alunos!

Quadro 2 - Do som para a letra:

Som	Letras	Posições	Exemplos
[k]	C	Antes de a, o, u	Cada, comida, cuia
	QU	Antes de e, i	Queijo, quina
[g]	G	Antes de a, o, u	Garra, gosma, gume
	GU	Antes de e, i	Guerra, guincho
O dito r forte	RR	Entre vogais	Torre
	R	Outra posição	Morte
[i]	I	Posição tônica	Sino
	E	Posição átona	Pote
[u]	U	Posição tônica	Mundo
	O	Posição átona	Modo
	L	Depois de vogal	Mil
[ãw]	ÃO	Posição tônica	Chorão
	AM	Posição átona	Choram
[ku]	QU	Antes de a, o	Quarenta, quociente
	QÜ ²⁵	Antes de e, i	Cinquenta, equino
	CU	Outras	Curau
[gu]	GÜ	Antes de e, i	Unguento, linguística
	GU	Outras	Égua, gula

Fonte: Adaptado de Lemle (2002, p. 22)

Quadro 3: Mais de uma letra representando um mesmo fonema

Som	Posições	Letras	Exemplos
[s]	Entre vogais	SS	Nossa
	Antes de a, o, u	Ç	Moça
		SÇ	Nasça
	Entre vogais antes de e, i	SS	Passeio
		C	Acenar
		SC	Descendente

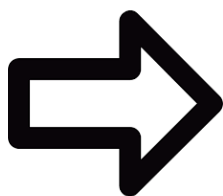
²⁵ Conforme referência, o quadro apresentado é anterior ao novo acordo ortográfico.

	Precedido por consoante antes de a, o, u	Ç S	Calça Bolsa
	Precedido por consoante antes de e, i	S C	Perseguir percevejo
[z]	Entre vogais	S Z X	Asa Moleza Exército
[ʃ] pela chiente surda	Antes de vogal	CH X	Chave Xale
	Antes de consoante	S X	Mescla Texto
	Final de palavra	S Z	Freguês matriz
Chiante sonora	Início ou meio de palavra	J	Canjica
	Antes de e, i	G	Geleia
[u]	Final de sílaba	U	Véu
		L	Mal
Zero	Início de palavra	Zero	Ontem
		H	Hoje

Fonte: Adaptado de Lemle (2002, p. 24)

Professor (a), organize o momento de soletração de modo que cada equipe tenha uma palavra sorteada para soletrar por rodada. Sugerimos que cada equipe tenha dois minutos para soletrar cada palavra.

Propomos que sejam disponibilizadas as seguintes ajudas para a soletração:

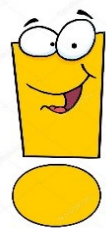


- 1) Definição
- 2) Aplicação em uma frase
- 3) Sinônimo da Palavra

Professor (a), você pode ser quem dará as dicas ou pode escolher alunos que queiram participar ajudando os colegas.

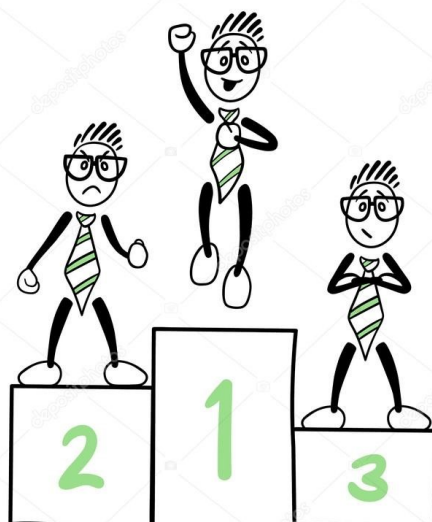
É importante que, a cada rodada, o aluno soletrador solicite apenas uma das ajudas disponíveis. O (a) professor (a) deverá conferir ao final da soletração se o aluno soletrou corretamente a palavra de acordo com a ortografia. **Atenção!**

A cada soletração correta ortograficamente, a equipe pontuará. Vence a equipe que pontuar mais ao final das rodadas de soletração. Professor (a), atente-se para a contagem de pontos das equipes para, ao final, anunciar a equipe vencedora.



Professor (a), é importante que haja o **envolvimento** dos alunos com a atividade para que ela seja uma **alternativa para o estudo das regras ortográficas**. A **competição** entre as equipes é uma maneira de **despertar o interesse** dos alunos para que eles realizem a atividade com maior empenho.

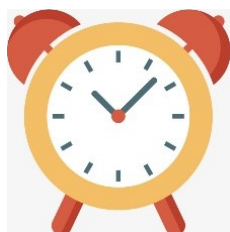
Professor (a), encerre a atividade de soletração destacando os melhores soletradores da turma. Você pode indicar os três primeiros colocados, ressaltando suas habilidades de soletradores. Além disso, faça uma **recapitulação** geral do jogo juntamente com a turma e aponte o que foi **positivo** e o que foi **negativo** em relação à atividade.



Oficina 4 - Variação Estilística



Objetivos: 1) desenvolver a reflexão crítica nos alunos a respeito da variação linguística;
2) contribuir para o aumento do repertório linguístico dos alunos a partir de textos diversificados;
3) apresentar o Contínuo de Monitoração Estilística como nova forma de analisar a Língua Portuguesa.



Tempo Estimado

2 horários
de
50 minutos



Estratégias

Leituras
Exemplos
Discussões
Apresentação de novos conceitos
Apresentação de diversos gêneros

A Oficina 4, sobre Variação Estilística, objetiva apresentar aos alunos a variação linguística relacionada ao estilo da situação comunicativa, do falante e dos objetivos da comunicação. Nesta Oficina, selecionamos alguns tópicos para discussão, dentre eles:

1) Variação linguística presente em um país tão diversificado culturalmente;

Professor (a), conduza a discussão de modo que os alunos pensem sobre a questão: Como podemos considerar apenas um modelo padrão “correto” de língua em um país tão extenso e rico como o Brasil?

Slide 2 – Oficina 4



Professor (a), aproveite a imagem para explorar a **diversidade** de nosso país, destacando **características** de cada **região**.



Professor (a), leia o texto “**A diversidade linguística como patrimônio cultural**”, para saber mais sobre a diversidade linguística, disponível no link:

http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3053&catid=28&Itemid=39 Acesso em 02 de abril de 2019.

2) As mudanças na língua no decorrer do tempo;

Professor(a), discuta com os alunos sobre como a língua muda com o decorrer do tempo, de acordo com a situação comunicativa e o estilo do falante.



Professor(a), selecionamos a seguir alguns **exemplos de palavras que mudaram a grafia no decorrer do tempo**. Consideramos importante discutir com os alunos questões relacionadas às **mudanças linguísticas** para perceberem que **a língua nunca permanecerá a mesma**, que ela é reflexo da sociedade que está em constante transformação.

Slide 3 – Oficina 4

A língua Portuguesa é a mesma de sempre?



Pharmacia



Rhinoceronte



Encyclopedia



Architettura

A próxima atividade da oficina é a exibição de um vídeo sobre as mudanças linguísticas no decorrer do tempo. O vídeo mostra muitas expressões que eram utilizadas antigamente e agora não são mais. Além disso são discutidas as expressões que são incorporadas à língua, ressignificadas, algumas caíram em desuso, voltam ao uso, dentre outros casos.

Slide 4 – Oficina 4

https://www.youtube.com/watch?v=9ecz_oafRRR8

Programa Manhã Total

Entrevista com o Prof^o Dr^o José Sueli de Magalhães

ILEEL/UFU



Professor (a), **comente** o vídeo com os alunos e **questione** sobre **algumas expressões** que eles mesmos **usavam** e que **não usam mais** para se comunicarem. **Acrescente** exemplos os quais você conheça.

Professor(a), os **bordões**, criados por determinados personagens, principalmente de novelas, são exemplos de expressões que já usamos para nos comunicarmos e que, depois de um tempo, não usamos mais. Por exemplo, “Cada mergulho é um flash”, da novela O Clone, exibida pela Rede Globo, **tornou-se um bordão para usado por todos**, geralmente em situações de comunicação mais informais. Ou ainda, o bordão “Jesus, apaga a luz”, de Malhação, série exibida pela Rede Globo. Essas são expressões que foram muito utilizadas pelas pessoas em uma determinada época, principalmente por aquelas que acompanhavam os programas de televisão, e que depois de um tempo, deixaram de ser utilizados. **Comente com os alunos e peça para que eles deem outros exemplos!**

3) Preconceito Linguístico e padrões de julgamento: Certo x Errado

Professor(a), discuta com os alunos sobre os problemas que esse tipo de julgamento pode causar aos indivíduos que naturalmente se comunicam de maneira diversificada. Fale com os alunos sobre o preconceito existente quando se julga as formas de falar das pessoas como certo ou errado, reprimindo-as e negando-lhes oportunidades de crescimento social. Queremos que os alunos se conscientizem sobre a inexistência de um padrão certo ou errado, principalmente na fala. Por isso, professor(a), utilize

argumentos sólidos e consistentes para promover esse debate que, a princípio, pode ser polêmico.

Slide 5 – Oficina 4

Certo x Errado



O erro é uma invenção dos seres humanos. (BAGNO, 2007)

A língua não se coloca como alvo de julgamento. (MOLLIKA, 2000)



Professor (a), utilize as referências citadas nos slides 5 e 6 da Oficina 4 para **fundamentar a discussão** e mostrar aos alunos que **há vários pesquisadores que estudam esse tema**.

Slide 6 – Oficina 4

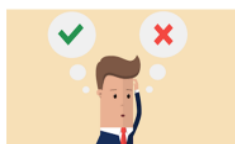
Preconceito Linguístico

Forma como o falante **reage** à sua própria maneira de falar e à dos outros. (**HORA, 2010**)

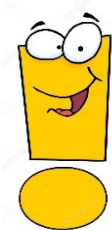
Qualquer **manifestação linguística** que escape desse triângulo **escola-gramática-dicionário** é considerada, sob a ótica do **preconceito linguístico**, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português” (**BAGNO, 2015**)



Slide 7 – Oficina 4



Professor (a), **explore** o esquema em forma de pirâmide para **explicar** a **maneira preconceituosa** que a **escola** utiliza para **ensinar** Língua Portuguesa.



Professor (a), para tratar desse assunto, consideramos importante a leitura da entrevista com Marcos Bagno, disponível no link <http://www.stellabortoni.com.br/index.php/entrevistas/1414-maaio-bago-fala-sobai-paiiooiito-lioguistiio-78894042> <Acesso em 08 de Jan/2019

Sobre o tema **Preconceito Linguístico**, leia também:



BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico** – o que é, como se faz. 15 ed. Loyola: São Paulo, 2002.

Professor (a), você prosseguirá a apresentação dos slides abordando o conceito de estilo relacionando-o com a variação estilística, para então apresentar o **Contínuo de Monitoração Estilística** (BORTONI-RICARDO, 2004).

Slide 8 – Oficina 4



Estilo



Utilização de **recursos da língua** para expressar, verbalmente ou por escrito, **pensamentos, sentimentos**, ou para fazer **declarações, pronunciamentos etc. (Dicionário Aurélio)**



Slide 9 – Oficina 4

Contínuo de Monitoração Estilística

Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004)



- Monitorado

+ Monitorado

Slide 10 – Oficina 4

Do que depende a Monitoração Estilística?



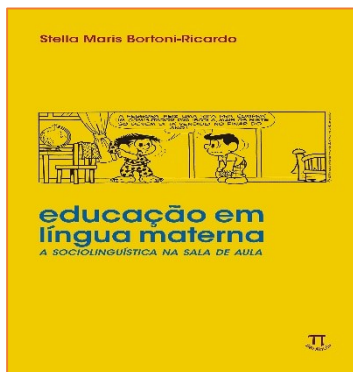
Ambiente
Interlocutor
Tópico da conversa



Essa explicação será importante para que os alunos conheçam um novo jeito de analisar a Língua Portuguesa, sem, necessariamente, reduzi-la a certo e errado. Essa

estratégia de análise fará com que os alunos pensem sobre a língua que falam e reflitam sobre alguns aspectos que determinam a forma como a utilizamos.

Para aprofundar os conhecimentos acerca dos Contínuos, sugerimos a leitura do livro:



BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna: a Sociolinguística em sala de aula.** São Paulo: Parábola, 2004. 108p.



http://www.

Professor (a), acesse também o site <http://www.stellabortoni.com.br/>, para leitura de artigos relacionados ao tema do preconceito linguístico. Vale a pena conferir!

Os slides 11 até o 24 foram elaborados a partir de muitos exemplos de gêneros textuais em que a língua aparece de formas diferentes, tanto na fala quanto na escrita. Professor (a), é importante chamar a atenção dos alunos para o fato de que a variação linguística está presente na fala e também na escrita, apesar de esta ser regida pela ortografia. Os gêneros estão diversificados justamente para que se observe a diversidade linguística e a variação presente em diferentes aspectos.



Professor (a), o ponto de partida para o estudo da ortografia é a língua escrita que aparece nas conversas de WhatsApp, apresentando um estilo mais ou menos formal. A **Oficina 4** pretende analisar outros gêneros textuais os quais também apresentam variação linguística, tanto na fala quanto na escrita.

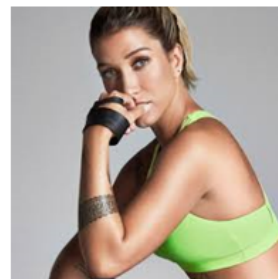
Slide 11 – Oficina 4



Slide 12 – Oficina 4

Variação Linguística presente na Escrita

“Queria que só as pessoas muito bem estudadas, muito bem informadas, cientes e esclarecidas pudessem falar de política nas redes sociais! Por isso eu não falo pq não tenho propriedade e nesse momento é muito complicado! Mas sei o básico pra fica indignada com textões e vídeos cheios de asneiras por aí! Portanto se vc não estudou tudo sobre o história desde laaa atrás, sobre a política do brasil e do mundo, por favor faça como eu: fique quieto/a! E pra vcs q sabem tudo com clareza, que expor os fatos sem agressões?! Sem textinhos prontos e copiados? Sem hashtags e palavrões? Pontuem os fatos educadamente, de forma didática! Isso sim vai ajudar a grande maioria q nem sabe oq diz! Vamos começar a debater com inteligência (ou não debata!)”



Texto publicado em 09/10/2018 – Instagram – Gabriela Pugliesi

Slide 13 – Oficina 4

Variação Estilística na Música



Te Ensinei Certin
Ludmilla

Te ensinei certin
Te ensinei certin
Hoje tu tira onda
Porque eu te ensinei certin
Te ensinei certin
Te ensinei certin
Hoje tu tira onda
Porque eu te ensinei certin
Me olha direito
Me pega com jeito
Que eu vou gostar
[...]



Ar Condicionado No 15
Wesley Safadão

[...]
A saudade acumulando, acumulando e eu já nem sei
Até que ponto eu vou aguentar
Eu tô ficando louco só de imaginar
E já pensou?
O ar condicionado no 15 e a gente suando
A TV no volume mais alto e a gente se amando
O que é que cê tá esperando?
E já pensou?
O ar condicionado no 15 e a gente suando
A TV no volume mais alto e a gente se amando
O que é que cê tá esperando?
Um dia sem você parece um ano
[...]

Slide 14 – Oficina 4



Malandramente
(part. MC Nandinho e MC Nego Bam)
Dennis DJ

Malandramente
A menina inocente
Se envolveu com a gente
Só pra poder curtir
Malandramente
Fez cara de carente
Envolvida c'a tropa

Começou a seduzir Malandramente
Meteu o pé pra casa
Diz que a mãe tá ligando
Nós se vê por ai

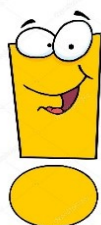
[...]



A Sua
Marisa Monte

Eu só quero que você saiba
Que estou pensando em você
Agora e sempre mais
Eu só quero que você ouça
A canção que eu fiz pra dizer
Que eu te adoro cada vez mais
E que eu te quero sempre em paz
Tô com sintomas de saudade
Tô pensando em você

Como eu te quero tanto bem
Aonde for não quero dor
Eu tomo conta de você
Mas te quero livre também
Como o tempo vai e o vento vem
[...]



Professor (a), é importante ressaltar alguns pontos referentes à Variação Estilística que justificam alguns usos da língua: **intenção do autor; quem é o autor; para quem se destina o texto; onde o texto será veiculado; o grau de intimidade entre os envolvidos.** Todas essas questões devem ser discutidas com os alunos para que eles percebam a variação como fenômeno natural.

Slide 15 – Oficina 4

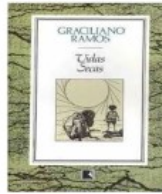


Literatura



No romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, o vaqueiro Fabiano encontra-se com o patrão para receber o salário:

“Não se conformou: devia haver engano. (...) Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria? O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda. Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não.”



Slide 16 – Oficina 4



Literatura



“Havia um menino diferente dos outros meninos: tinha o olho direito preto, o esquerdo azul e a cabeça pelada. Os vizinhos mangavam dele e gritavam:

– Ô pelado!

Tanto gritaram que ele se acostumou, achou o apelido certo, deu para se assinar a carvão nas paredes: Dr. Raimundo Pelado. Era de bom gênio e não se zangava; mas os garotos dos arredores fugiam ao vê-lo, escondiam-se por detrás das árvores da rua, mudavam a voz e perguntavam que fim tinham levado os cabelos dele.

Não tendo com quem entender-se, Raimundo Pelado falava só, e os outros pensavam que ele estava malucando.

Estava nada! Conversava sozinho e desenhava na calçada coisas maravilhosas do país de Tatipirun, onde não há cabelos e as pessoas têm um olho preto e outro azul.”

Graciliano Ramos.



Esses são alguns exemplos de **Variação Estilística** presentes na **literatura** para mostrar aos alunos como a ortografia está diretamente relacionada ao estilo do evento comunicativo. Estimule os alunos a identificarem essas diferenças no texto, como por exemplo, as expressões “ô pelado”, “malucando”.

Slide 17 – Oficina 4



João Grilo foi um cristão
que nasceu antes do dia
criou-se sem formosura
mas tinha sabedoria
e morreu depois da hora
pelas artes que fazia.

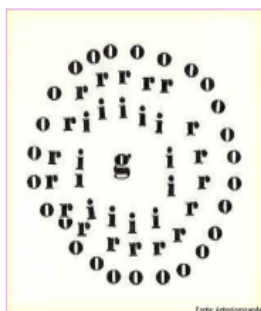
E nasceu de sete meses
chorou no bucho da mãe
quando ela pegou um gato
ele gritou: não me arranhe
não jogue nesse animal
que talvez você não ganhe.

Na noite que João nasceu
houve um eclipse na lua
e detonou um vulcão
que ainda continua
naquela noite correu
um lobisomem na rua.

LITERATURA DE CORDEL

Slide 18 – Oficina 4

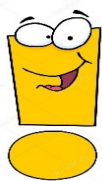
eu poesia



Antônio Miranda

LUXO	LUXO	LUXO	LUXO	LUXO LUXO LUXO
LUXO	LUXO	LUXO	LUXO	LUXO LUXO LUXO
LUXO	LUXO	LUXO	LUXO	LUXO LUXO LUXO
LUXO	LUXO	LUXOXO	LUXO	LUXO
LUXO	LUXO	LUXO	LUXO	LUXO
LUXO	LUXO	LUXOXO	LUXO	LUXO
LUXO	LUXO	LUXO LUXO	LUXO LUXO LUXO	
LUXO LUXO LUXO	LUXO	LUXO	LUXO LUXO LUXO	
LUXO LUXO LUXO	LUXO	LUXO LUXO LUXO	LUXO LUXO LUXO	

Augusto de Campos



Professor (a), a **poesia** é um gênero que evidencia um **modo particular de o autor se expressar** por meio da escrita, por isso é um ótimo exemplo de variação estilística. Explore-o com a turma!

Slide 19 – Oficina 4

SEU LOBO

Seu Lobo, por que esses olhos tão grandes?
Pra te ver, Chapeuzinho.

Seu Lobo, pra que essas pernas tão grandes?
Pra correr atrás de ti, Chapeuzinho.

Seu Lobo, por que esses braços tão fortes?
Pra te pegar, Chapeuzinho.

Seu Lobo, pra que essas patas tão grandes?
Pra te apertar, Chapeuzinho.

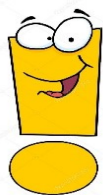
Seu Lobo, por que esse nariz tão grande?
Pra te cheirar, Chapeuzinho.

Seu Lobo, por que essa boca tão grande?
Ah, deixa de ser enjoada, Chapeuzinho!

CAPARELLI, Sérgio. *111 poemas para crianças*.

Slide 20 – Oficina 4



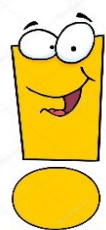


Os quadrinhos escolhidos para análise evidenciam uma **variedade linguística** que se aproxima à maneira como os adolescentes falam, geralmente. Aproveite para questionar os alunos sobre o que diferenciam o modo como a maioria deles falam das outras pessoas.

Slide 21 – Oficina 4



Slide 22 – Oficina 4



Os **memes** são ótimos para exemplificar a **variação estilística**, pois o autor utiliza o recurso da escrita juntamente com imagens para produzir humor e crítica.

Slide 23 – Oficina 4

KKKKKK 😂



Slide 24 – Oficina 4

Monitoração Estilística

Sagrado Colégio São Francisco
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

LEMBRETE

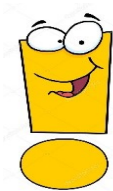
Senhores Pais ou Responsáveis,

Lembramos que, conforme o nosso calendário escolar, no dia **14/02/2017** (terça-feira), teremos a Reunião de Pais da Educação Infantil do 1º trimestre, para tratarmos de assuntos pedagógicos. Daremos início à reunião na **sala de aula** de seu(u) filho(a), às **18h**.

Atenciosamente,
 Equipe Gestora e Pedagógica do Colégio São Francisco.

Irene M. Barduchi Ferrari Ir. Edna Andrade de Carvalho
 Coordenadora EI e EFI Diretora Pedagógica





Não podemos nos esquecer de exemplificar a variação estilística com textos também mais formais, como os bilhetes ou comunicados.

Para finalizar a Oficina 4, o (a) professor (a) pedirá aos alunos que respondam à seguinte questão:

Slide 25 – Oficina 4



Professor(a), escolha a melhor forma de conduzir a atividade final da Oficina 4: **responder oralmente ou por escrito**. Observe de que forma a **participação dos alunos** será mais efetiva.

Então, o que você entendeu sobre **Variação Estilística**?



Oficina 5 - Monitoração Estilística



Objetivos: 1) Pôr em prática o que aprenderam com as oficinas anteriores;

2) Analisar eventos comunicativos de acordo com o Contínuo de Monitoração Estilística;

3) Apresentar esquetes envolvendo eventos comunicativos diversos.



Tempo Estimado

2 horários
de
50 minutos



Estratégias

Leituras
Exemplos
Discussões
Trabalho em grupo
Apresentação de esquetes

A Oficina 5 destina-se a aplicação dos conceitos estudados sobre o **Contínuo de Monitoração Estilística**. Assim, a maioria das atividades serão realizadas em grupos e os alunos apresentarão seus trabalhos demonstrando se compreenderam os conteúdos das Oficinas anteriores. O objetivo desta Oficina é proporcionar momentos em que os alunos poderão desenvolver trabalhos baseados na reflexão linguística em eventos e situações comunicativas diversas.

Professor (a), inicialmente, explique aos alunos sobre o que são **Eventos Comunicativos**, exemplificando-os.

Slide 2 – Oficina 5

EVENTOS DE COMUNICAÇÃO

Situações comunicativas que definem como a língua será utilizada: na **Escrita** e na **Fala**

Entrevista
Apresentação de trabalho
Aula expositiva com o Professor






Reunião de família
Atividade na Igreja
Conversa com amigas(os)




Professor (a), reforce as **diferenças** existentes entre os **eventos comunicativos** que definem como a língua será usada em cada situação.

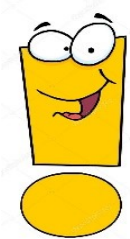
Sugerimos uma dinâmica de observação da imagem e descobrir o que há de **diferente**.

Slide 3 – Oficina 5

Atenção: onde está o diferente? 



Professor (a), **incentive** a **participação** dos alunos para que eles descubram a resposta da pergunta.



Professor(a), **incentive** a participação dos alunos a **descobrirem o que há de diferente na imagem**. Metaforicamente, associamos a imagem à própria língua. Apesar de parecer que existe um modelo padrão correto, que não admite variação, sempre haverá algo que difere, que varia, que muda. Discuta essa ideia com seus alunos!

Para incentivar a discussão sobre os eventos comunicativos, sugerimos as seguintes questões:

- 1) As **situações de comunicação** que determinam os **eventos comunicativos** são todas **iguais**?
- 2) Mesmo que haja um **tipo ideal de língua**, é possível perceber situações em que a **variação linguística** predominará?
- 3) As situações que se configuram como **diferentes** são consideradas como “**erro**”?

Dos slides 4 até o 7, há algumas sugestões de eventos comunicativos para serem analisados conforme o **Contínuo de Monitoração Estilística** de acordo com o interlocutor, o tópico da conversa e o ambiente. Professor (a), após a leitura ou a exibição do evento, discuta com os alunos em que posição do **Contínuo de Monitoração** se localizam os eventos analisados e de que forma eles chegaram a tal conclusão.

Slide 4 – Oficina 5

Eventos mais monitorados



Entrevista:

<https://www.youtube.com/watch?v=JGYHfB5TQC>

Discurso Político:

https://www.youtube.com/watch?v=5UI7x_6cD6I



Slide 5 – Oficina 5

Timbre da empresa
Dep. de vendas
Nº 02/09

Ao Diretor do Dep.de Faturamento
João Esleveriano da Costa

Recife, ____ de fevereiro de 2009.

Prezado Senhor,

Solicito a esse departamento, do qual V.Sª. é diretor, que tenha a gentileza de enviar-me a tabela de faturamento do último mês, a fim de que possamos conferir algumas vendas realizadas.

Antecipo-lhe meus agradecimentos, certo de que serei prontamente atendido, dada a eficiência desta seção.

Subscervo-me.

Cordialmente,

Antonie Bernardo da Luz.
Chefe do departamento de vendas



Slide 6 – Oficina 5

- Monitorado

+ Monitorado

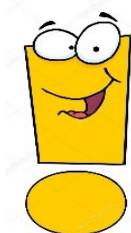


Vai que cola - Paulo Gustavo

<https://www.youtube.com/watch?v=5X6ijHQBEyg>

Receita de Canal culinário

<https://www.youtube.com/watch?v=KLtRWmibw8>



Professor (a), para cada **evento comunicativo** apresentado é importante conversar com os alunos sobre a **situação** envolvida. **Questione** os alunos sobre o que define um evento como **mais** ou **menos formal** utilizando os gêneros textuais trabalhos como exemplo.

Slide 7 – Oficina 5



Eventos Menos Monitorados

Barbixas
<https://www.youtube.com/watch?v=i4ZrMrq5H6k>

Barbixas
https://www.youtube.com/watch?v=RvoO_4400oY&list=PLv53li4xD7nsz3JRT0tSDuzouPyTf34oF&index=8





Após a apresentação dos eventos comunicativos e depois de ter discutido com os alunos sobre a localização do evento no Contínuo de Monitoração, é importante verificar se há alguma dúvida sobre o conteúdo estudado e revisar os conceitos trabalhados.

Na sequência, propomos uma atividade em grupo de análise de alguns eventos comunicativos:


Slide 8 – Oficina 5

Proposta de Análise





Em que ponto do contínuo de Monitoração Estilística se localizaria cada um dos Eventos Comunicativos a seguir?



O que o grupo levou em consideração para chegar a tal conclusão?

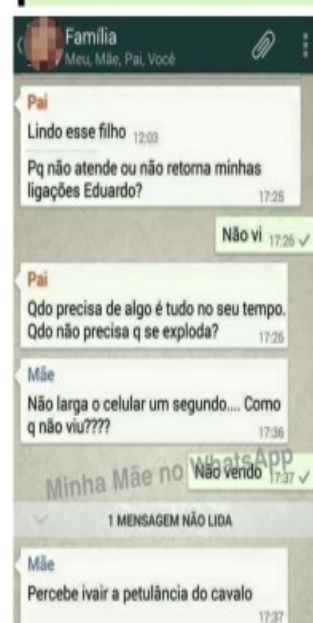
Professor (a), na sequência dos slides são apresentados seis eventos comunicativos diferentes para serem analisados pelos grupos de trabalho. Peça para que cada grupo escolha um evento para analisar ou faça um sorteio entre os grupos. Deixe que os grupos se reúnam para analisar os eventos comunicativos, destacando suas percepções sobre a forma como a língua aparece em cada evento.

Professor (a), se for possível, **imprima** os slides para que cada grupo tenha em mãos o evento que está analisando.

Slide 9 – Oficina 5



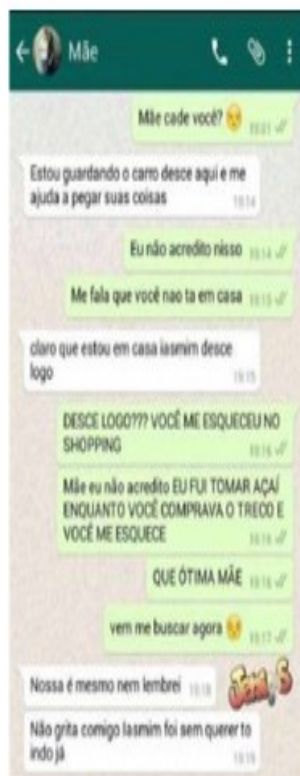
Evento 1: Conversa em grupo da família





Slide 11 – Oficina 5



Evento 2: Conversa com a Mãe



Slide 12 – Oficina 5

Mamis
online

Mãe, c já mandou a grana?
Preciso pagar a luz. Se quiser
mandar dinheiro a mais, tudo bem
😂😂 11H15 ✓

Mande agora de manha... Voce
precisa se formar logo e gnhar
dinheiro né 11H18

ai maaae tá acabando. Aguenta
firme que só falta um semestre
11H18 ✓

nossa mas voce esta falando que
so falta um semestre tem uns dois
anos 11H20

Mãe
online

Oi tudo bem???? 20:51

Como assim maaaaae? 20:55 ✓

Kkkkkkkkkkkk 20:55 ✓

Agora posso te pedir comida
pelo whatsapp 20:55 ✓

Kkkkkk pedir pode so nao vai
ganhar. 20:58

Credo mãe 20:59 ✓

Cade o amor no coraçãozinho?
20:59 ✓

1 MENSAGEM NÃO LIDA

Whatsapp nao tem tele entrega
kkkkkk. 21:00

**OBRIGADO, MÃE
POR ME FAZER COMIDA,
ASSIM EU NÃO MORRO.**

Onde que ta meu rimel? 20H18

Eu não sei mãe, não tá na sua
estante? 20H21 ✓

Não. Ta eu já olhei 20H22

Eu não sei onde coloquei. Olha lá
no banheiro 20H23 ✓

Não ta também. 20H23

aahhh eu devo ter colocado numa
gaveta no meu guarda roupa.
Mexe que deve tá lá 20H24 ✓

Quando que vc vai aprender s
aguardar as coisas no lugar certo?
Ou então compra seu próprio rimel
joão henrique 20H27

Slide 13 – Oficina 5



Evento 3: Letra de música



1) PESADÃO

Iza

<https://www.letras.mus.br/iza/pesadao/>



Slide 14 – Oficina 5



Evento 4: Vídeo Aula



https://www.youtube.com/watch?v=K0CE807T_OA



Slide 15 – Oficina 5

Evento 5: Propagandas



Slide 16 – Oficina 5

Evento 6: Postagem no Facebook e comentários



Slide 17 – Oficina 5

The collage features several Facebook interface elements:

- Top Left Post:** A post by Evelyn' [profile picture] with the text "eu sou a melhor do melhor do mundo em ficar gripada e infecciona tudo!". Below the text are the options "Like · Comment · Share" and "44 minutes ago".
- Top Right:** The Facebook logo on a blue background, with a hand cursor pointing at it.
- Middle Left Post:** A post by Thalita [profile picture] with the text "amiga vc tem q ficar boa até sexta viu pq temos q ri na festa dos meninos da Republica universitaria viu rrsr.....". Below the text are the options "Like" and "6 minutes ago".
- Bottom Left Post:** A post by Eunice [profile picture] with the text "talita quem disse pra vc que a lyn vai em festa de republica mas não vai msm". Below the text are the options "Like" and "2 minutes ago".
- Bottom Left Profile:** A profile for Gabriela [profile picture] with 90 seguidores. Below the profile picture is a post by Gabriela with the text "Minha mãe quer ser sua sogra :3". Below the text are the options "Curta · Comentar · Compartilhar" and "7 pessoas curtiram isto".
- Bottom Left Post:** A post by Marciane Araujo [profile picture] with the text "quero nada...". Below the text are the options "Curta (desfazer) · Comentar" and "há 20 minutos".
- Bottom Left Post:** A post by Gustavo Kallash [profile picture] with the text ".....". Below the text are the options "Curta" and "há 20 minutos".
- Bottom Left Post:** A post by Maryanne Assuncao [profile picture] with the text ".....". Below the text are the options "Curta" and "há 19 minutos".
- Bottom Left Profile:** A profile for [profile picture] with the text "adel". Below the text are the options "Curta · Comentar · Compartilhar" and "há 1 hora próximo a Recife".
- Bottom Left Post:** A post by Paula Souza [profile picture] with the text "Não mesmo! rs". Below the text are the options "alguns segundos atrás · Curta".
- Bottom Right Post:** A post by [profile picture] with the text "Vai rolar um Churras aqui em casa, Chuva de benção :)". Below the text are the options "Curta (desfazer) · Comentar" and "há 5 horas".
- Bottom Right Post:** A post by [profile picture] with the text "Pde :)". Below the text are the options "Curta" and "há 4 horas".
- Bottom Right Post:** A post by [profile picture] with the text "Eu permiti alguma coisa? Oque eu te disse quando vc saiu daqui? Amanha estou chegando e vamos conversar.". Below the text are the options "Curta" and "há 5 minutos".
- Bottom Right Post:** A post by [profile picture] with the text "Escreva um comentário".

Os eventos comunicativos para análise dos grupos ficaram assim distribuídos:



- Evento 1** – Conversa de WhatsApp em grupo de família
- Evento 2** – Conversa de WhatsApp entre mãe e filhos
- Evento 3** – Letra de música
- Evento 4** – Vídeo aula
- Evento 5** – Propagandas
- Evento 6** – Postagem no facebook e comentários

Para a conclusão desta atividade da Oficina 5, o professor poderá fazer o desenho representando o Contínuo de Monitoração Estilística no quadro:

- Monitorado

+ Monitorado

Fonte: Extraído de Bortoni-Ricardo (2004, p. 62).

Cada grupo fará a análise de um evento comunicativo e posicionará seu evento em um ponto do Contínuo de Monitoração Estilística. Para essa proposta, os grupos deverão seguir os seguintes passos:

- 1) Ler, assistir ou ouvir o evento comunicativo escolhido;
- 2) Analisá-lo conforme a Monitoração Estilística;
- 3) Posicionar o número correspondente ao seu evento no Contínuo de Monitoração representado na lousa;
- 4) Explicar como o grupo chegou à conclusão de sua análise.

Sugerimos que o professor(a) imprima ou recorte em papel cartão etiquetas com os números dos eventos para que o grupo possa posicionar o seu evento em um ponto do Contínuo de Monitoração.

Exemplos das etiquetas:

Professor(a), é importante que pelo menos um representante do grupo vá até o Contínuo e afixe a etiqueta correspondente ao seu evento comunicativo. Faça algumas perguntas ao representante do grupo que o faça pensar sobre o evento e sobre a língua utilizada nesse momento de comunicação, como por exemplo:

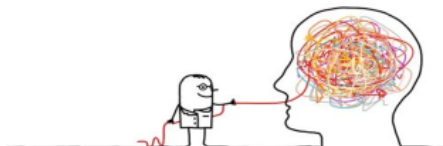
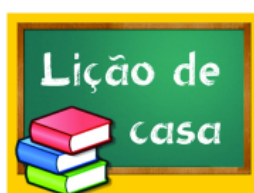
- a) Qual é o tópico da conversa?
- b) Quem é o interlocutor?
- c) Qual é o ambiente onde se realiza o evento comunicativo?
- d) Você encontrou alguma ocorrência no evento que pode ser considerada como “erro”? Explique.
- e) Para este evento, a ortografia é uma exigência? Por quê?

A próxima etapa da Oficina 5 é a pesquisa que cada grupo realizará sobre eventos comunicativos, mais ou menos monitorados. A orientação é que cada grupo pesquise sobre um evento comunicativo para apresentar para a turma e o(a) professor(a), que envolva diferentes usos da língua.

Slide 18 – Oficina 5



Cada grupo pesquisará sobre tipos de **eventos comunicativos** e trará para aula como exemplo dos temas estudados.



Professor(a), essa etapa da Oficina será realizada por meio de **esquetes** em que os alunos se organizarão para apresentar eventos comunicativos mais ou menos formais de acordo com a Monitoração Estilística. A sugestão é que os alunos estejam livres para **escolher qual evento queiram apresentar** e que tenham tempo suficiente para se organizarem para a pesquisa, a montagem dos esquetes e a apresentação.



Professor(a), para a **apresentação dos esquetes**, é **imprescindível** que **explique** aos alunos sobre esse gênero. Eles precisam saber como é a **estrutura desse gênero e suas particularidades** previamente para, então, prepararem os seus esquetes.

O que são esquetes?

Esquetes são pequenas peças ou cenas dramáticas, geralmente cômicas, com menos de dez minutos de duração. Para exemplificar o gênero para os alunos, acesse o canal “Barbixas”, no YouTube, e assista à playlist “Esquetes”.



Acesso pelo link

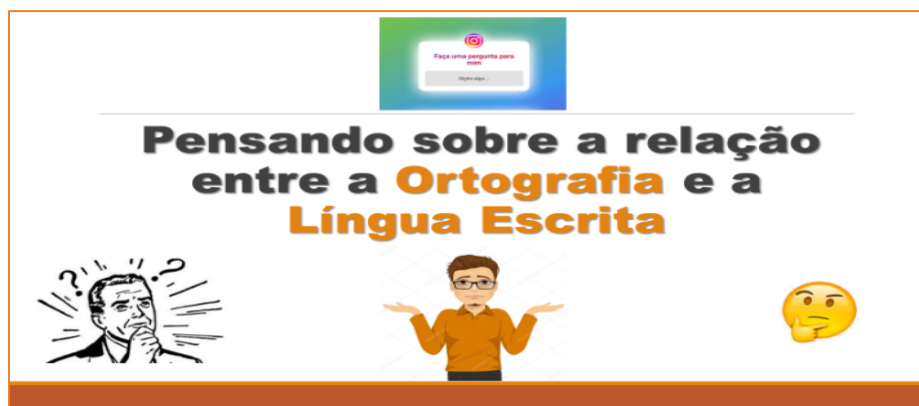
https://www.youtube.com/channel/UCZbgt7KIEF_755Xm14JpkCQ

Professor (a), uma dica para que o trabalho seja mais proveitoso é pedir para que o grupo escreva o roteiro das falas, observando como a língua escrita aparece em eventos comunicativos diferentes de acordo com a Monitoração Estilística.

Professor (a), avalie a apresentação dos grupos e organize um momento após as apresentações para **comentar sobre os usos diferentes da língua em cada evento comunicativo**. Analise os eventos e a forma como a língua aparece, juntamente com os alunos, seguindo as características da Monitoração Estilística.

Para finalizar a Oficina 5, propomos que seja discutido o seguinte tema, abordando a relação entre a fala, a escrita e a ortografia. Esse momento é importante para retomar os conceitos estudados e a importância da ortografia para a língua escrita, bem como o que define o “certo” e o “errado” para a língua.


Slide 19 – Oficina 5



Como atividade final das Oficinas, o (a) professor (a) solicitará aos alunos que escrevam um pequeno texto respondendo à pergunta: “quando é que a ortografia deve ser uma exigência para a língua escrita?” A atividade deverá ser enviada por WhatsApp para o (a) professor (a) avaliar se os alunos compreenderam a real função da ortografia relacionando-a com a variação linguística, aos conceitos de certo e errado e à variação estilística. **Sugerimos que o envio do trabalho seja realizado por meio de WhatsApp**

para que os alunos possam perceber diferentes usos deste aplicativo, não só para conversas informais, em que não há preocupação com a ortografia e o gênero em foco, mas também para usos formais, profissionais, educacionais e tantos outros.

Slide 20 – Oficina 5



TAREFA DE CASA

Os grupos produzirão um texto respondendo à pergunta: Quando é que a **ortografia** deve ser uma **exigência** para a **língua escrita**? e enviarão por meio de Whatsapp para a Profª. ♥

Obs.:

- Deve ser observada a **monitoração** do **Evento Comunicativo**;
- Deve-se observar a estrutura do **gênero** do texto.

Professor(a), caso considere mais conveniente, **crie um grupo da turma** para envio dos trabalhos no WhatsApp.